



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS– CAHL**

MÁRCIA SCHLAPP

**RELATÓRIO FINAL DA EXPOSIÇÃO DONA DEDÉ ONOFRE:
AS MEMÓRIAS DOS EGRESSOS DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO**

CACHOEIRA – BA
2022

RELATÓRIO FINAL

EXPOSIÇÃO DONA DEDÉ ONOFRE:

AS MEMÓRIAS DOS EGRESSOS DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO

Relatório Técnico apresentado à banca de defesa do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do Grau de Mestre, na área de concentração em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Solyane Silveira Lima
Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Armando Diniz Guerra Filho

FICHA CATALOGRÁFICA

S338e Schlapp, Márcia.

Exposição D. Dedé Onofre: as memórias dos egressos da Escola Santo Antônio. / Márcia Schlapp. Cachoeira, BA, 2022. 130f., il.

Orientadora: Profa. Dra. Solyane Silveira Lima
Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Armando Diniz
Guerra Filho

Relatório do Produto (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, 2022.

1. Escola Santo Antônio (Cachoeira-Ba). 2. História Oral - Cachoeira (BA). 3. História Local I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 981.42

MÁRCIA SCHLAPP

EXPOSIÇÃO DONA DEDÉ ONOFRE:
AS MEMÓRIAS DOS EGRESSOS DA ESCOLA SANTO ANTÔNIO

Relatório Final do Produto apresentado ao programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da UFRB, sob orientação do Prof^ª. Dr^ª. Solyane Silveira Lima e coorientação do Prof. Dr. Sérgio Armando Diniz Guerra Filho.

Aprovado, 12 de Abril de 2022.

Comissão Examinadora:

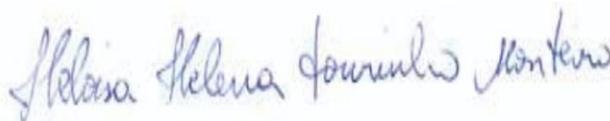


Prof^ª. Dr^ª. Solyane Silveira Lima
UFRB – Orientadora



Antônio Liberac Cardoso Simões Pires
Coordenador: Curso de Pós Graduação em História da África,
da Cultura Negra e do Negro no Brasil – NEAB – UFRB
SIAPE – 1414201

Prof. Dr. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires
UFRB – Examinador Interno



Prof^ª. Dr^ª. Heloísa Helena Tourinho Monteiro
UNEB – Examinadora Externa

CACHOEIRA – BA
2022

DEDICATÓRIA

A memória de minha mãe, Dona Mel.
Para filhos: Richard, Gabriel e
Douglas Júnior e para meus netos:
Eduardo Russo, Mel, Rahael e
Catarina Russo, e aos que vierem
depois, que os estudos sejam o leme
constante em suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a conclusão dessa etapa de minha jornada, em especial, a minha mãezinha, Dona Mel, por ter me ensinado a nunca desistir de meus sonhos. Ela sempre me mostrou que sem luta não vencemos. Deus que acima de todos os percalços que passei, é ele quem me mantém erguida. Aos meus filhos, Richard, Gabriel e Douglas Júnior, por sempre estarem ao meu lado, mesmo que virtualmente. Sem eles minha vida não teria sentido. Para meus netos e netas, (Eduardo Russo, Raphael, Mel e Catarina Cardoso Russo), que se inspiram nos estudos como fonte de conhecimento contínuo. Ao meu companheiro, que compartilhou sua arte e me apoiou nos momentos mais complicados dessa caminhada. Todos os dias, a vida me desperta com a lembrança de muitos anos; “O que vamos fazer hoje?” A resposta sempre foi: “Vamos conquistar o mundo!” Assim, sigo um dia de cada vez. Aprendi recentemente que não adianta correr, sobretudo para quem vive no Recôncavo entre Cachoeira e São Félix, essas cidades possuem o seu tempo, não adianta correr, o rio passa calmamente por debaixo da ponte que une as duas cidades. Sou filha de Dona Mel, mulher e mãe com amor incondicional pela filha, netos, bisnetos e pela vida, contei sempre com seu apoio para nunca desistir mesmo diante das adversidades que a vida me propiciou. Depois dos filhos crescidos, vida transformada e outras partidas, reassumi meu antigo desejo de concluir um curso universitário, que consistia em terminar a graduação e hoje, concluo o mestrado. São inúmeras as pessoas que desejo citar, não cabem aqui, mas elas sabem da importância que têm para minha conquista. Agradeço carinhosamente à minha orientadora por sua paciência, Prof.^a Dr^a Solyane Silveira Lima, que entrou na minha vida e juntas realizamos inúmeros projetos dedicados à História da Educação. Sem contar outros professores que carinhosamente deram força para seguir em frente, Prof.^o Dr. Antônio Liberac, prof.^a Dr^a Rita Dias e os professores indiretos que mesmo distantes acompanharam essa jornada. Agradeço também ao secretariado do Mestrado, em nome de Me. Moisés D. Bonniek Almeida César, que dádiva foi ouvir de ti, “que dará certo, calma!”. Gratidão aos amigos que estiveram na linha de frente, Ma. Carmem Verusca, Vanessa Cardoso, prof.^a Dr^a Irlana Jane Menas da Silva e em especial aos grupos de estudos HIMEB e GEPHEG, essa caminhada é sem dúvida fruto de nossas tardes de conversas sobre

educação e acima de tudo, sobre a formação de professoras. A pesquisa não estaria completa sem o apoio dos artistas; Pirulito, Suzart e Isabela Seifath, também agradeço infinitamente, aos amigos e entrevistados, Cacau Nascimento, Marta Onofre, Pedro Lapa Aragão, Dom Roque, José Aluísio, Benedita e Stelino José Reis, sem sombra de dúvidas, esse trabalho é para vocês, para a cidade de Cachoeira e sobretudo para Dona Dedé Onofre, pois valorizar a memória é sem dúvida a grande máquina do tempo, com poder para preservar o passado na contemporaneidade.

RESUMO

Este relatório apresenta o processo desenvolvido na elaboração da Exposição virtual Dona Dedé Onofre: As Memórias dos Egressos da Escola Santo Antônio, que poderá ser acessada no endereço: <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>, material didático, direcionado como apoio aos professores de história do ensino Fundamental e Médio, com o propósito da abordagem sobre memória da educação e história local, na cidade de Cachoeira-BA. A exposição engloba fragmentos das narrativas coletadas nas entrevistas com os ex-alunos sobre suas memórias enquanto estudantes da professora leiga Dona Dedé Onofre, mulher que atuou na educação primária particular, agregando inúmeras crianças negras em sala de aula, em um período onde a maioria estava destinada às escolas públicas. Bem como, fotografias de objetos utilizados pela educadora, caderno de prova final e gravuras elaboradas por artistas locais, também embasadas em trechos dos textos transcritos da pesquisa. No relatório estão arrolados os teóricos e suas concepções acerca da História da Educação, História Local e História Oral de eminente importância para alicerçar a produção teórico-expositiva utilizadas na produção do produto final, estando este, embasado na Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

Palavra-chave: História da Educação. Professora Leiga. Cachoeira/Bahia. História Local. História Oral.

ABSTRACT

This report presents the process developed in the elaboration of the exhibition “Dona Dedé Onofre: the memories of the egresses of the Santo Antônio School”, which can be accessed at the address: <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>, didactic material, irected as support to the teachers of history of elementary school, with the purpose of approaching the memory of education and history site, in the city of Cachoeira-BA. The exhibition includes fragments of narratives collected in interviews with former students about their memories as students of lay teacher Dona Dedé Onofre, as well as photographs of objects used by the educator, final exam notebook and engravings made by local artists, also based on excerpts from the transcribed texts of the research. The report lists the theorists and their conceptions about the History of Education, Local History and Oral History of eminent importance to support the theoretical-expository production used in the production of the final product, which is based on Law nº 9.394/96, of 20 10,639, of January 9, 2003, which establishes the guidelines and bases of national education to include in the official curriculum of the school system the mandatory theme “Afro-Brazilian History and Culture related to local history” in the discipline of History of Brazil.

Keywords: History of Education, Lay Teacher, Cachoeira/Bahia, Local History, Oral History

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Abertura da Exposição virtual Texto e cartaz da exposição.....	79
Figura 2- A exposição como incentivo a preservação da História Local	80
Figura 3 – Resumo da exposição – Texto curatorial	81
Figura 4 - A mulher educadora	82
Figura 5 - Memória que embasou o artista Suzart, a construir a representação do trecho da narrativa sobre o abraço marcante que ficou na memória de seu ex-aluno.	83
Figura 6 – Representação da amizade. Artista Suzart.....	84
Figura 7 – Material de apoio – Sino utilizado por Dona Dedé Onofre. Fotografia do original. (Schlapp.M)	85
Figura 8 – Transcrição da narrativa sobre o período de sua fundação.	86
Figura 9 – Desenho arquitetônico do imóvel onde funcionou a Escola Santo Antônio. Arquiteta, Isabela Seifarth	87
Figura 10 – Transcrição da narrativa sobre a parte interna da escola.	88
Figura 11 – Croqui elaborado pela arquiteta Isabela Seifarth, segundo as narrativas sobre a parte interna do imóvel onde funcionou a Escola Santo Antônio.....	89
Figura 12 Imagens fotográficas da parte externa do imóvel onde funcionou a Escola Santo Antônio, em ruínas e após reforma.	90
Figura 13 – Vista lateral do imóvel onde funcionou a Escola Santo Antônio.	91
Figura 14 – Transcrição da narrativa sobre a Escola Santo Antônio.....	92
Figura 15 – Fotografia de 1938 – Dona Dedé e seus alunos em frente da igreja da Matriz em Cachoeira /BA.....	93
Figura 16 – Verso da fotografia com dedicatória escrita por Dona Dedé Onofre em 1938.	94
Figura 17 – O verso da fotografia, manuscrita por Dona Dedé Onofre em 1938.	95
Figura 18 - Reprodução da conversa de rede social sobre a figura de Dedé Onofre.	96
Figura 19 – Fotografia de 1950 – Dona Dedé Onofre em frente a igreja da Matriz – Cachoeira/BA.	97
Figura 20 – Narrativa sobre as atividades culturais	98
Figura 21 - Narrativa sobre as atividades culturais.....	99
Figura 22 – Transcrição da narrativa sobre as atividades da Escola Santo Antônio.....	100
Figura 23 Fotografia do acervo de Erivaldo Brito sobre atividades externas da Escola Santo Antônio	101
Figura 24 - Fotografia do 25 de junho	102
Figura 25 - Fotografia Dona Dedé Onofre atividade externa em 1937.....	103
Figura 26 - Transcrição da narrativa sobre os materiais didáticos da Escola Santo Antônio.	104
Figura 27 - Fotografia do original - Prova de final de ano.....	105
Figura 28 - Transcrição da narrativa sobre os livros didáticos.....	106
Figura 29 - Capas dos livros didáticos utilizados na Escola Santo Antônio. Autoria da cachoeirana Olga Meeting.	107
Figura 30 - Capa do livro didático de Geografia e História do Brasil utilizado para os estudantes para o curso de Admissão.	108
Figura 31 – Mulheres do Tempo: Maria Quitéria (1792 – 1853) e Ana Neri (1814 – 1880) imagens internet	109

Figura 32: Marca D'Água, artista Pirulito Artes 2018 com coloração do Desing Danilo Martins 2022	110
Figura 33 Imagens Dedé Onofre coloração de Marcia Schlapp e imagem de Olga Metting retirada da internet	111
Figura 34 Conclusão	112
Figura 35 - Os entrevistados.....	113
Figura 36 - Os entrevistados.....	114
Figura 37 - Ficha técnica	115
Figura 38 - Reprodução e coloração da foto original de Dona Dedé Onofre - Schlapp. M.....	116
Figura 39 Agradecimentos. Imagem colorida por Márcia Schlapp 2022.....	116

LISTA DE SIGLAS

CEC	- Colégio Estadual de Cachoeira
ESA	- Escola Santo Antônio
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
UFRB	- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
LIBRAS	- Língua Brasileira de Sinais

SUMÁRIO

Conteúdo

1- INTRODUÇÃO	14
2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1 - Breve Balanço da História Social	27
2.2 Contextualização Histórica Cachoeira – Recôncavo/BA	30
2.3 - As Memórias Transcendem a Historicidade	36
3 - ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	40
3.1 – História Oral	40
3.2 - Dona Dedé Onofre na História Local	43
4 - A EDUCAÇÃO NA BAHIA	48
4.1 - A Educação em Cachoeira.....	49
4.3 - Patrimônio Cultural Escolar	54
4.4 - As Professoras Leigas	58
4.5 - Professoras Leigas – Um Outro Ângulo.	63
5 – A INVISIBILIDADE DO POVO NEGRO NA EDUCAÇÃO	65
6 - A EXPOSIÇÃO	67
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
ANEXO I	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
FONTES HISTÓRICAS E DOCUMENTOS CONSULTADOS	122
ENTREVISTADOS	122

1- INTRODUÇÃO

O presente estudo de dedicou a investigar os indícios históricos da vida e obra da professora leiga, Dedé Onofre, a partir dos relatos de alunos egressos de sua instituição educacional – Escola Santo Antônio –, considerando seus contributos e capilaridade entre os mesmos para desvendar as complexidades da inserção da mulher no mercado de trabalho no âmago de uma sociedade ainda muito patriarcal. Nosso estudo compreende os anos de 1920 à 1980, período efetivo de funcionamento da instituição escolar e culminou com a construção de uma exposição dedicado a esta personalidade histórica que se responsabilizou e notabilizou por suas contribuições professorais à cidade de Cachoeira-BA desde o início do século XX até a década de 1980.

Para tanto, nossas reflexões seguem as indicações de Saviane (2014) e Veiga (2007) apontam que nas primeiras décadas do século XX, as mulheres ainda desempenhavam majoritariamente o papel de esposas, mães e donas de casa. A imagem amorosa, pura e benevolente era atribuída ao sexo feminino, qualificação que favoreceu, sobretudo, às mulheres que tinham como objetivo lecionar para crianças das séries iniciais até a quarta série do ensino primário. Esse espaço foi conquistado pelas mulheres como profissão, pois viabilizava manter-se de seu próprio sustento e não exclusivamente como “dona do lar” dependentes de seus cônjuges. Almeida (2014, p.72) destaca que “o magistério representou praticamente a única carreira aberta às mulheres, [...]” transformando o magistério, teoricamente, na opção mais adequada para o sexo feminino, fato que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho do lar. Tal fator histórico se configura como uma base para o que hoje compreendemos como a noção da jornada dupla (ou tripla, se considerarmos as necessidades de estudos e atualizações profissionais como especializações etc.) feminina e que é, notadamente, tão árduo para a percepção e compreensão masculinas destas implicações a longo prazo (COSTA, 2018; ZIBETTI e PEREIRA, 2010).

Com poucas opções no mercado de trabalho para as mulheres, como na citação acima e na época de sua mocidade, Dona Dedé Onofre fundou uma escola particular na década de 1920, mesmo sem formação acadêmica, o que oportunizou

o acesso ao ensino primário a inúmeras crianças da cidade de Cachoeira-BA e cidades circunvizinhas por cerca de 60 anos.

A partir da narrativa de Dom Roque Nonato (2016)¹, acredita-se que a fundação dessa escola ocorreu em 1928, contudo não foram encontrados dados documentais que comprovem a data correta de sua fundação, ao menos, até o encerramento desta pesquisa. A Escola Santo Antônio tornou-se referência no ensino das primeiras letras, bem como, nos preparatórios para Exames de Admissão². A escola também era a residência da professora em questão.

Segundo o regimento da Lei Orgânica nº 8529/1946 que definiu sobre o ensino primário, diz no “Art. 22. O ensino primário será ministrado pelos poderes públicos e a livre iniciativa particular”. (Diário Oficial da União - (Lei nº 8529/46), DOU 04/01/1946, p. 113). A mesma Lei afirma que para manter uma escola de primeiras letras bastava que os indivíduos, fundador e educador fossem socialmente distintos, além de católico, ter bom caráter, ter mais de 18 anos e ser brasileiro. Nessa esfera, Dona Dedé Onofre, possuía todos os requisitos necessários para constituir uma escola.

A Lei Orgânica, referenciada acima, ressalta a importância do indivíduo fundador e educador fossem “distintos socialmente”, abrimos um parêntese para falar sobre a mulher aceita socialmente, nas primeiras décadas do século XX, onde segundo Del Priori (2014. p.67) nos assunta sobre a imagem feminina do início do século XX; “Que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade”. A imagem social da mulher, se restringia em afazeres domésticos, igreja e criação dos filhos. Uma mulher aceita socialmente para fundar uma escola devia ser temente à Deus, não possuir vícios nem sair desacompanhada além das 18 horas.

Estavam subjugadas ao sistema patriarcal e machista, pois eram os homens que definiam suas vidas. Esse sistema, oriundo do colonialismo, trazido para o recém descoberto continente que era totalmente desconhecido e inóspito para os

¹ Prof. Dom Roque Cardoso Nonato – (Segundo o colaborador ele é Bispo da Igreja Apostólica Brasileira e Diocesano da Paróquia São Cosme e São Damião. Por ser Bispo, lhe foi concedido a titulação de Dom, antes de seu nome). – Entrevista concedida em 07/12/2016 - Cachoeira/BA.

² Tratava-se de uma avaliação que visava verificar os conhecimentos de alunos que pretendessem cursar o nível de ginásio ou ginasial. Exames de Admissão - Decreto-Lei 4.244 – de 9 de abril de 1942 - Lei orgânica do ensino secundário. Título II – Capítulo V – Art. 31 – 33.

europeus, se arrastou por séculos até que a mulher passara a se destacar fora do universo que lhes havia sido até então, imposto também no Brasil.

O sistema patriarcal consistia em poder centralizado, onde a voz suprema, na família, era a do pai e, na sociedade, eles eram os grandes senhores de engenho que ditavam as regras. Os homens dominavam e as mulheres deveriam manter-se preferencialmente submissas, eram criadas para cuidar da casa, serem boas esposas e servirem aos seus homens com o sexo voltado para a procriação em defesa da descendência, elas não tinham autonomia sobre seu corpo, pois o dono era o seu marido.³ (FERNANDES, 2009; BORIS e CESIDIO, 2007).

Nesses termos, a mulher enfrentou inúmeras barreiras para conseguir burlar o patriarcalismo dominante, também no início do século XX, (quiçá até os dias atuais). As profissões que estavam mais voltadas para o feminino eram a enfermagem e o magistério. Segundo Almeida (2014. p.72), “o magistério representou praticamente a única carreira aberta às mulheres”, o que significa não terem tido acesso às demais profissões, ao menos, de forma simplificada e facilitada e à docência estava mais próxima da maternidade, sem contar que não estariam se afastando completamente do lar. Outra observação bastante pertinente para nos inserirmos nesse ideário é compreender que, àquela altura, as mulheres não podiam trabalhar se fossem casadas por diversas questões específicas e defendidas juridicamente pelo patriarcado.⁴

Sem contar que a mulher passa a exercer dupla jornada (ou tripla) de trabalho, as tarefas no lar e o trabalhar fora de casa. Motivo esse, ocasionado principalmente pelas guerras do início do século XX – Primeira e Segunda Grandes

³ Sobre as desigualdades das construções históricas e do discurso médico acerca da inferioridade feminina, o que justificaria a apropriação de seu corpo pelos homens confira o excelente artigo de FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. 2009, v. 19, n. 4 [Acessado 5 Fevereiro 2022] , pp. 1051-1065.; Também, como forma de compreender as implicações históricas que tais atuações masculinas geraram sobre os corpos femininos consulte: BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza , v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007.

⁴ A mulher só passa a dispor de uma lei que a admite trabalhar e angariar seus próprios ganhos, enquanto casada, a partir, efetivamente da **LEI Nº 4.121, DE 27 DE AGOSTO DE 1962** quando os frutos do mesmo passam a figurar da seguinte maneira no **“Art. 246. A mulher que exercer profissão lucrativa, distinta da do marido terá direito de praticar todos os atos inerentes ao seu exercício e a sua defesa. O produto do seu trabalho assim auferido, e os bens com ele adquiridos, constituem, salvo estipulação diversa em pacto antenupcial, bens reservados, dos quais poderá dispor livremente com observância, porém, do preceituado na parte final do art. 240 e nos ns. II e III, do artigo 242. Parágrafo único. Não responde, o produto do trabalho da mulher, nem os bens a que se refere este artigo pelas dívidas do marido, exceto as contraídas em benefício da família.”**

Guerras Mundiais. Essa foi a melhor maneira encontrada pelas mulheres para suprir o vazio deixado por alguns homens. Suas ações laborais, além de preservar o sustento familiar, passaram a dignificar e equilibrar as mulheres perante a sociedade que se acostumara, na longa duração temporal, historicamente construída, a visibilizar a mulher sempre sob custódia dos homens.

Além das guerras, o Brasil passou por transformações que culminaram na reestruturação escolar, retrocedeu um pouco para embasar melhor essas mudanças, a libertação dos escravizados, a Proclamação da República que imprimiram os primeiros impactos na educação e na vida da mulher.

As mudanças no comportamento feminino foram marcadas pelo crescimento das cidades brasileiras impulsionadas pela imigração – majoritariamente de origem italiana – e industrialização crescentes do início do século XX. Nesse contexto, o impacto social foi inevitável, a figura da mulher já não era vista como no passado, esta já detinha novos hábitos e comportamentos que foram influenciados pelas muitas mudanças desse contexto histórico deflagrado a partir do início do século XX. Lembrando também que na década de 1920 com o lançamento da Semana de Arte Moderna de 1922, a mulher foi projetada para a modernidade com maior ênfase nas artes e, ainda éramos um país marcado pelo sistema patriarcal legatário de tradições e comportamentos residuais.

Certamente que diante da efervescente mudança no cenário social do início do século XX, as mulheres expandiram oportunidades para além do magistério, contudo, a educação, estava envolta nos valores femininos, onde segundo Del Priore⁵ (2013), embasados na moral inabalável, viverem em local saudável e decentes, além de sólida formação cristã. Em sua função de desempenhar ações sociais e patrióticas, à docência para as mulheres, nas primeiras décadas do século XX, centrava-se na autonomia feminina, ideal de fuga da ignorância, liberdade intelectual, combate às liberdades suprimidas que ainda persistiam mesmo nesse contexto.

Adelita Onofre da Silva (1905-1980), mais conhecida como Dona Dedé Onofre, (assim será referenciada a partir desse ponto) nasceu na cidade de Cachoeira - Bahia, fundou na década de 1920 a Escola Santo Antônio, faleceu em 1980, na cidade onde nasceu. Foi uma professora leiga, que segundo seus ex-

⁵ LOURO, Guacira Lopes. História das Mulheres no Brasil. Mulheres na sala de aula. Mary Del Priore (org.) 10^o Ed. 2^o reimpressão. São Paulo. Editora Contexto, 2013. p.444.

alunos, foi uma mulher forte, compassiva e corajosa, detinha aptidão para o ato de educar, foi rígida, contudo, sem deixar a brandura para a execução do labor educacional cotidiano. Pertencia à tradicional família Onofre, que fez parte da elite social local. Ela abriu caminhos no ensino, e articulou caminhos para lograr seu sucesso no âmbito educacional. Após o falecimento de seu pai, atentou a necessidade de auxiliar no sustento da família e na educação dos irmãos e irmãs, posteriormente, também foi responsável pela educação dos sobrinhos e sobrinhas e de inúmeras crianças do município de Cachoeira-BA e cidades vizinhas.

A vida da educadora, quem ela foi e suas características serão apresentadas a partir das lembranças dos ex-alunos. A memória faz parte do nosso arcabouço cultural, “a lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1987, p. 15), sobretudo nas exposições feitas por aqueles que com ela partilharam momentos significativos para a nossa compreensão histórica de sua personalidade e atuação. Os detalhes da história de vida da professora Dedé Onofre, identificados nas narrativas, evidenciam o compromisso e responsabilidade da mulher docente, pois estes relatos estão permeados por momentos de muita emoção.

Dona Dedé era vista como uma mulher forte, que mesmo diante de uma sociedade patriarcal ousou ser independente na efervescente cidade interiorana, no Recôncavo da Bahia. Conhecer sua história consiste, fundamentalmente, em incentivar as pesquisas em História da Educação, sobretudo no âmbito do ensino particular ou público em Cachoeira-BA.

A professora é revelada através da memória dos egressos da Escola Santo Antônio. Essas narrativas permitiram aprofundar as pesquisas do cotidiano da educação primária particular e, dentro dessa perspectiva, as professoras leigas, que tiveram significativa importância na vida das crianças e reverberou por toda a formação dos educandos.

Isso significa que, por conta do momento contemporâneo deste estudo, somente através da memória dos egressos da Escola Santo Antônio, de sua propriedade, é que nos foi possível conhecer o funcionamento da escola, pois relembra os fatos acontecidos no passado permitiu-nos aprofundar conhecimentos que não dispúnhamos anteriormente. Seguindo o rastro das pesquisas do cotidiano da educação primária particular e dentro dessa perspectiva, notamos que as professoras das primeiras letras são de significativa importância para entender como

se constituiu o processo de educação da criança, supondo que esta estende por toda a formação de qualquer educando.

A instituição inaugurada por Dona Dedé Onofre contribuiu significativamente para o ensino primário particular no Recôncavo da Bahia, onde a população, em sua maioria, era formada por afrodescendentes e pobres. As escolas particulares estavam centradas em atender, prioritariamente, os filhos dos ricos comerciantes, empresários e demais famílias abastadas dessa região. A Escola Santo Antônio, mesmo elitizada e particular, também matriculou inúmeras crianças que receberam, por sua vez, bolsas de estudos. Portanto, a pesquisa/exposição tem como primazia resgatar essa história, através do que é possível ser lembrado, para que se possa ter o registro do legado deixado pela professora das primeiras letras na vida dos ex-alunos e entrevistados deste projeto, bem como sua importância na cidade de Cachoeira-Ba.

Ao fomentar e difundir a pesquisa sobre as Memórias dos egressos da Escola Santo Antônio, analisamos a vida/memória de sua fundadora a professora leiga, Dona Dedé Onofre que, através das narrativas de seus ex-alunos, nos revelou a trajetória da mulher educadora, a qual possibilitou estudar o ensino primário particular através de sua unidade e agrega-la como parte da história da educação de Cachoeira-Ba⁶.

Considerando-se a passagem do tempo, as memórias podem sofrer interferências, uma vez que cada nova informação, sedimenta a anterior, dando espaço para mais aprendizado. No entanto, o cérebro armazena essas informações, que podem ser reveladas através de estímulos, que podem ser desde uma conversa sobre um tema do passado, como também fotos e objetos que ao serem apresentadas, liberam as lembranças do tempo vivido.

Vale pontuar que para compreender as narrativas dos ex-alunos sobre a trajetória da professora leiga na educação, importa destacar a relevância da história oral na evocação da memória no processo da formação educacional. Nesse sentido, Meihy (2020) enfatiza que na história oral há maior objetividade a partir de um assunto específico e preestabelecido onde busca-se o esclarecimento ou opinião do

⁶Inicialmente julgamos importante salientar que devido ao cenário mundial de Pandemia, ocasionada pelo COVID-19, novas entrevistas e entrevistados foram inviabilizadas em respeito ao isolamento necessário neste momento, bem como a mudança do produto final que ora, estava prevista para montagem da exposição física no espaço NUDOC/UFRB e diante desse cenário foi necessária à adaptação para o contexto do produto final, para plataforma virtual.

entrevistado sobre algum evento definido, ou seja; “tem sempre um assunto central a ser focalizado e trabalha com versões interpretativas organizadas por redes de entrevistados”.

Diante dessa perspectiva, diferentemente do que poderíamos pensar, essas narrativas estão preservadas na memória desses ex-alunos, que no momento atual perfazem em média, idade septuagenária⁷. Ao entender que as suas memórias foram construídas ao longo da vida, Bergson (1999, p. 266), mostra que a memória “tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil”. Nesse sentido, entende-se que os registros retratam experiências com suas aprendizagens entranhadas de emoções.

O recorte temporal abordado para esta pesquisa/exposição está situado entre as décadas de 1920 a 1960, abrangendo o início das atividades da Escola Santo Antônio e o período das narrativas de seus ex-alunos. A construção dessa pesquisa segue com ênfase nas narrativas dos entrevistados possibilitando o levantamento de dados referente à professora leiga e o cotidiano da escola ligado ao currículo do período pesquisado.

Essa pesquisa terá como produto final o material didático, que visa proporcionar aos estudantes da disciplina de história, maior interatividade e conhecimento sobre a história local, através da Exposição Dona Dedé Onofre: As Memórias dos Egressos Da Escola Santo Antônio, que poderá ser acessada através da plataforma do *YouTube* no seguinte endereço <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>, com o título: Exposição Dona Dedé Onofre: As Memória dos Egressos da Escola Santo Antônio.⁸

O material didático que foi desenvolvido é oriundo desta pesquisa e-direcionado como material de apoio para professores da disciplina de história do Ensino Fundamental e Médio. Além da utilização em sala de aula, este trabalho também está direcionado ao público em geral, como pesquisadores e estudantes da área da educação, visando a sensibilização da população educativa em relação a história da educação local.

O resultado dessa pesquisa foi a elaboração de material didático, no qual

⁷Convém ressaltar que no decorrer das entrevistas, estes julgavam não estarem preservadas as lembranças para a historiografia da educação, porém, após a narração começaram a perceber como a sua colaboração foi substancial, na construção do perfil da professora Dona Dedé Onofre e da Escola Santo Antônio.

⁸ Exposição disponível, : <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>.

escolhemos a realização de uma exposição, que originalmente era física, mas com a realidade pandêmica mundial, migramos para a versão virtual. Por essa razão, o material cedido pelos entrevistados, foram fotografados e unidos com as fotografias antigas, obras de artistas plásticos, arquiteta e integradas com fragmentos dos áudios das narrativas transcritas.

A plataforma do YouTube hospeda a Exposição Dona Dedé Onofre: As Memórias dos Egressos da Escola Santo Antônio, no endereço: <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>, direcionada aos educandos do ensino Fundamental e Médio de forma divertida e diferenciada das tradicionais exposições físicas, inclusive, das virtuais que geralmente são em modo estático com transição sem efeitos de movimentos. Todo o processo virtual e o tema principal que se refere à memória dos ex-alunos da escola Santo Antônio, foram pensados para esse público, de forma a tornar seu contato com a memória e a arte aplicada sobre as narrativas mais perceptível e direto.

Nesse contexto, a exposição, enquanto material didático, está voltada para as visitas *on-line*, cujo objetivo é de que o educando perceba que não é suficiente apenas ler a história, torna-se singular mostrar-lhes os objetos e fotografias do passado, a fim de que o aprendizado sobre o momento histórico vivido possa agregar maior conhecimento e apreensão sobre a história e a educação e seu respectivo conteúdo.

2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para melhor visualizarmos os feitos e contextos de Dona Dedé Onofre, amparamos nossas perspectivas teóricas em algumas discussões postas por estudiosos da biografia e das trajetórias históricas para nos auxiliarem no manejo das informações históricas coletadas e trabalhadas nesse estudo. Compreender Dedé Onofre passa pelo que Benito Bisso Schmidt percebeu como os primeiros relatos de exposição de trajetórias históricas de indivíduos e personalidades.

De modo análogo, Vany Pacheco Borges sugere que houve uma espécie de incompatibilidade ou distanciamento da produção historiográfica formal e cientificista e a literatura, sobretudo no que tange a produção intelectual histórica do mundo

ocidental,⁹ pois suas observações implicam em notar que as construções de alguns formatos da história, atrelada às descrições de trajetórias

acharam que contar a história da vida de alguém era algo distinto de uma "História" (que narrava fatos coletivos e contava a verdade): as histórias "das vidas" (termo usado então pelos autores) serviam, desde o mundo greco-romano, para dar exemplos morais, negativos ou positivos – muitas vezes constituindo os panegíricos.¹⁰

É compreensível que a particularidade da vida dos indivíduos traga dimensões completamente alheias às estruturas representativas da sociedade como um todo, como propunha, por exemplo, a noção problemática que Émile Durkheim tinha das “representações coletivas”¹¹ coercitivas, contudo, colocá-la como um fator antípoda à esfera macro-social parece tão exagerado ou errôneo quanto crer que a heterogeneidade das mentalidades seja possível. A questão é que a sua negação ou separação veemente pode implicar em desconsiderar fatores filosóficos e históricos que formam o ser dentro de suas respectivas sociedades que orientam e são condicionantes destes munindo-lhes com elementos como: língua, propensão religiosa, vestuário, hábitos alimentares, traços culturais, e a *superfície social* do ser que traduz todos os *agentes sociais*, de modo sintético, sua personalidade e sua *constância nominal*, como queria Pierre Bourdieu,¹² dentre outros aspectos.

No caminho do desenvolvimento das diferentes fases históricas dos estudos e narrativas de trajetórias de sujeitos históricos, a noção de “regimes de historicidade”, como apresentado em François Hartog, no ano de 1997 fora tomada por Benito Bisso Schmidt que tinha, em seu artigo, o objetivo de propor caminhos a se trilhar diante dos desafios.¹³

No entanto, antes de fazermos maiores mergulhos nesses regimes de historicidade apresentado por Schmidt, outra discussão proposta por esse mesmo autor precisa ser aqui posta: a obsolescência da biografia como exemplo ante a

⁹ BORGES, *Op. Cit.*, p. 204.

¹⁰ BORGES, *Op. Cit.*, p. 205.

¹¹ Para maiores detalhes sobre as limitações do conceito de representações coletivas e como a coletividade pode não emitir juízos de valor sobre comportamentos culturais de forma igualitária e sincrônica confira: CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. **Introdução ao pensamento sociológico**. 18. Ed. São Paulo, Centauro, 2005.; OLIVEIRA BARBOSA, Maria Ligia de QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995

¹² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

¹³ SCHMIDT, B. B.. **Biografia e regimes de historicidade**. Métis (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 57-72, 2003. p. 59.

trajetória do indivíduo singular e individualista. Enfim, único. Schmidt propõe uma mudança de entendimento e de interpretação na função global de uma trajetória dentro da ótica do público que a consumia, assim como da percepção de que a produzia, sendo que essa

noção de exemplaridade continuou pautando a escrita biográfica, porém, cada vez mais fortaleceu-se a tensão entre a ideia do indivíduo como exemplar e a ideia do indivíduo como único. Tal tensão marcou o gênero biográfico ao longo do período moderno, condensando-se na figura do herói. Assim, as biografias modernas, por um lado, em consonância com o movimento de individualização que atravessou as sociedades ocidentais, ressaltavam as qualidades singulares do herói, inclusive sua possibilidade de transgredir as normas sociais em prol de ideais que só se realizariam no futuro.¹⁴

Transformação essa que também é aludida por Pacheco Borges, mas que terá sua ascensão barrada no século XIX e impulsionada pelas críticas oriundas do racionalismo kantiano, que inaugura toda uma geração regida pela *aufklärung* germânica.

Segundo observações de Benito Schmidt esses fatores, acima apontados, foram potencializados por uma orientação teórica materialista, histórica e dialética, que revertera o idealismo hegeliano, e afirmava que o papel do indivíduo no processo de construção de sua própria história era quase equivalente ao de um coadjuvante.¹⁵ Isso definiu um lugar pequeno, senão nulo, para o estudo das trajetórias de sujeitos sociais dentro do conhecimento histórico, pois seria contraditório enaltecer o indivíduo como mola mestra da história e da transformação do homem quando o maior arcabouço teórico nascente daquele contexto dizia justamente o contrário.

Para Schmidt, o Regime de Historicidade que, *grosso modo*, se traduz como a abertura e o circunscrever de um espaço de trabalho e de pensamentos de conceber e produzir história, a partir de referenciais teóricos quase que modelares ou exemplares. Schmidt demonstra como a flutuação das formas de conceber história, desde a antiguidade com histórias de personalidades políticas e grandes feitos, passando pela idade média com hagiografias e vidas dos santos cristãos da Igreja, focaram em produzir narrativas de trajetórias. No entanto, apenas é após o fim da

¹⁴ SCHMIDT, B. B.. História e biografia. In: Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso. (Org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2011. p. 189.

¹⁵ SCHMIDT, *Op. Cit.*, 2011, pp. 190-191.

idade média e com a chegada do “século das luzes” e da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” de 1948 que define uma mudança de perspectiva nos “Regimes de Historicidade”.

Schmidt aponta a mudança de uma história que “buscava, no passado, exemplos, positivos ou negativos, para as ações tomadas no presente (...) pela qual cabia ao passado iluminar o futuro” para uma “constituição de um novo regime de historicidade no qual cabe ao futuro esclarecer o passado”.¹⁶ Isso desloca as atenções utilitaristas dos exemplos históricos para um presente em que se vive e os projeta para um futuro idealizado, função hoje muito comum entre os economistas em suas projeções sobre o comportamento do mercado e o futuro econômico de nações. É o efeito da *historia vitae magistra est*, porém não como uma doutrinadora dos homens a partir do passado e suas exemplificações, mas como uma delineadora do futuro que toma o passado como base para diferenciar o futuro vindouro, segundo a visão de Hartog exposta por Schmidt que vincula tal regime às correntes historiográficas como o marxismo e o positivismo. Para Schmidt, esse é o momento da produção historiográfica que ostraciza a biografia – século XIX – que, de forma contraditória, é, também, o mesmo momento em que a literatura se ocupa então de visibilizar os gênios e a individualidade dos mesmos a partir de uma perspectiva burguesa em expansão.

Esse mesmo deslocamento de foco produtivo e circularidade de regimes de historicidades que transita nas perspectivas das diferentes temporalidades humanas – presente, passado e futuro – implica em perceber que os interesses centrais da produção histórica da “biografia clássica punha um acento muito maior no caráter político, moral ou religioso do biografado do que em sua pessoa, em sua singularidade”.¹⁷ Tal afirmação cobriu, segundo Vany Borges, boa parte da temporalidade histórica do ocidente europeu – da antiguidade clássica, incluindo o medievo e parte da modernidade – relacionando o ano de 1791 como o marco da revolução biográfica, que expunha trajetórias de sujeitos históricos diversos (como fizemos com a história de Dona Dedé Onofre)(com a publicação da obra “*Vida de Samuel Johnson LL.D* ”que contava com métodos e abordagens diferentes e inaugura uma nova era para esse gênero. Nessa exposição das inovações, Borges

¹⁶ SCHMIDT, **Op. Cit.**, 2003, pp. 58-59.

¹⁷ BORGES, Vany P.. Fontes Biográficas: Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 205.

inclui na lista das novidades metodológicas recursos que traspassaram a pretensão dos “panegíricos” realçaram a “forte relação de convivência biógrafo/biografado”, buscando “contar a verdade”, reconstruindo e dramatizando “diálogos a partir de documentação e inúmeras entrevistas com personagens variados” com o intuito de alcançar maior veracidade e autenticidade das produções que se ocupassem de expor tais trajetórias.¹⁸

Assim, a partir do século XIX, a Filosofia da História e o positivismo, com concentração nos conceitos de raça e nação, que, por sua vez, conduziram os estudos históricos à preocupação com as estruturas sociais, geraram a ideia de um estruturalismo nas produções históricas que passaram a tangenciar o indivíduo em favor do coletivo e das macro-narrativas com ares estruturalizantes.¹⁹

É apenas no século XX, com a escola de Annales e Fernand Braudel que o golpe definitivo na biografia será dado. Com a construção de uma visão e uma leitura braudeliana onde:

as três temporalidades da história são ilustrativas dessa perspectiva. Para ele, o tempo curto dos eventos e das ações individuais deve ser objeto de atenção dos jornalistas por ser o mais superficial e caprichoso, cabendo ao historiador ocupar-se dos ciclos médios e das “prisões de longa duração”, essas, sim, mais importantes no entendimento do passado²⁰

Legando ao indivíduo o papel secundário de figurar em estudos históricos apenas como dados estatísticos nas relações sociais visíveis em estudos macroestruturais como relação de compra e venda, óbito e natalidade, por exemplo, dos estudos quantitativos da história econômica.²¹

Ao que tudo indica, apenas a partir de 1980 a biografia volta a figurar como recurso viável para se escrever história e a “História das Mentalidades”, atualmente chamada de “História das Ideias”, está diretamente ligada a esse fenômeno, assim como a derrocada das macro-explicações para problemas sociais que causaram a chamada “crise de paradigmas estruturalistas”.²² Sobre isso, Ginzburg crê que não é de total risco “supor que a voga crescente das reconstituições micro-históricas esteja

¹⁸ BORGES, *Op. Cit.*, p. 205.

¹⁹ SCHMIDT, B. B.. **Biografia e regimes de historicidade**. Méis (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 57-72, 2003. pp. 59-60.; BORGES, *Op. Cit.*, p. 206.

²⁰ SCHMIDT, *Op. Cit.*, 2011, pp. 192.

²¹ GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: GINZBURG, Carlo et al. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.; SCHMIDT, *Op. Cit.*, 2011, pp. 192.

²² BORGES, Vavy P.. Fontes Biográficas: Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005. pp. 207-210. SCHMIDT, *Op. Cit.*, 2011, pp. 193.

ligada às dúvidas crescentes sobre determinados processos macro-históricos”²³ que se incumbiram anteriormente de esgotar as discussões sobre assuntos de ampla complexidade, mas que ao fim revelaram-se limitados para tal tarefa que requeria diferentes escalas de observação.

Sobre os critérios preestabelecidos por diversos autores desses contextos onde se acreditou que apenas o método definia o grau de cientificismo de uma produção considerando, colateralmente, o estilo e a exposição de ideias narradas como secundárias, Ginzburg sustenta que a “exploração foi particularmente acentuada no período em que um pouco por toda parte triunfou a história quantitativa. As resistências subjetivas, associadas a uma tradição cultural”²⁴ e metodológica específica separaram a atuação metodológica daquela artística e estilística que nos aproximaria de um “tecelão dos tempos” que tornaria o científico em digerível e prazeroso ao contrabalancear a narrativa às questões escritas mais atrativas sem perder sua intenção de estar o mais próxima possível da veracidade dos fatos.

As constatações de Ginzburg em relação à longa duração de uma escola teórica ou orientação metodológica como predominante – tal qual a história quantitativa – na produção historiográfica podem servir de entraves ao processo de desenvolvimento e interpretação mais completa dos fatos, pois reservam maior acuidade para a compreensão do que Marx chamaria de superestrutura, mas impede a visão elementar e mais precisa das bases sociais – a infraestrutura e a estrutura em si.²⁵ Em seus termos, geramos uma história “desprovida de carne e de sangue”. Ao que tudo indica, a descrição de trajetórias de sujeitos como a Dona Dedé Onofre, assim como a história social ocupada dos fenômenos mais ontológicos e antropológicos, focadas em apresentar trajetórias prosopográficas e biográficas individuais, seguem um rumo diametralmente contrário.

Por tais razões, o estudo de trajetórias hoje representa uma possibilidade de análise histórica que trará minudências que outras abordagens não foram capazes de trazer e/ou atentar dada a natureza de sua proposta.²⁶ Como analisado por Vany Borges, as discussões de François Dosse trouxeram uma releitura histórica das

²³ GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: GINZBURG, Carlo et al. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 172.

²⁴ GINZBURG, *Op. Cit.*, p. 170.

²⁵ GINZBURG, *Op. Cit.*, p. 171.

²⁶ SCHMIDT, *Op. Cit.*, 2011, pp. 194.

diferentes etapas de desenvolvimento e sobrevivência histórica das trajetórias de sujeitos e, dentre elas, a autora inclui três distintas fases que são:

[a] primeira que chama de "idade heroica", na qual a biografia transmitiria modelos, valores para as novas gerações; uma segunda fase, a da "biografia modal", em que a biografia do indivíduo teria valor somente para ilustrar o coletivo (a sociedade do biografado em tempos e em espaços diversos); e uma terceira e última fase, a atual, que chama de "idade hermenêutica", momento em que a biografia se tornou terreno de experimentação para o historiador, aberto a várias influências disciplinares²⁷

Ela própria – Vany Borges –, implicada com a história de Getúlio Vargas, percebe como um indivíduo pode ser central na compreensão de seu contexto histórico, não pelo indivíduo em si, apenas, mas como os clamores populares modernos e contemporâneos se traduzem e se plasmam em uma figura pública e se dão a entender a partir de suas ações. E é exatamente como entendemos a necessidade e demandas negras por educação dentro do contexto histórico da atuação de Dedé Onofre no recôncavo baiano. É nesse ponto que desejamos também acompanhar e compreender as relações do contexto histórico da cidade de Cachoeira e desvelar trechos de suas implicações aí vinculadas à dona Dedé Onofre.

2.1 - Breve Balanço da História Social

Como nosso estudo se insere num quadro de micro-história vinculada à trajetória de Dedé Onofre num panorama social mais amplo que é a própria cidade onde ela atua, a compreensão de Hebe Castro e suas formulações onde ela sugere que o surgimento da História Social está diretamente ligado à contraposição objetiva do movimento liderado por Marc Bloch e Lucien Febvre e daquele liderado Charles Victor Langlois e Charles Seignobos²⁸ que rezava pela noção do "*wie es eigentlich*

²⁷ BORGES, Vavy P.. Fontes Biográficas: Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 207.

²⁸ CASTRO, H. M. M.. História Social. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. (Org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 1ed. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1997, p. 45-60.; BENTIVOGLIO, Julio. História e Hermenêutica: A compreensão como um fundamento do método histórico – percursos em Droysen, Dilthey, Langlois e Seignobos. **OPSIS**, v. 7, n. 9, p. 67-80, mar. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9329>>. Acesso em: 12 Mai. 2021.; ROCHA, Sabrina Magalhães (2010). **Lucien Febvre, Marc Bloch e as ciências históricas Alemães** (1928-1944). f. 163. (Dissertação de Mestrado). Ouro Preto: UFOP.

*gewesen*²⁹ para defender a cientificidade do campo através do método da escola positivista.

É evidente que o que pretendemos com este trabalho não fora a reconstrução fidedigna da vida de Dedé Onofre, mas realçar a robustez de suas contribuições de suas ações, tal qual de sua instituição escolar à cidade de Cachoeira e, por consequência, ao recôncavo baiano e, deste modo, as ferramentas, metodologias, recursos e instrumentos da História Social e da História Biográfica nos pareceram muito úteis na lida com o contexto histórico onde ela se inserira e, conseqüentemente, os seus alunos egressos nos relataram. Por tal motivo, a captura do panorama histórico da cidade de Cachoeira, seus ares políticos, culturais e socioeconômicos são determinantes para definir as potencialidades e limitações das ações desta professora leiga aqui evidenciada.

Por que motivo, a visão proposta por Hebe Castro onde a História Social coloca-se então quase como uma oposição a história tradicional implica em delimitar a imersão de Dedé Onofre. Não estamos aqui a destacar a história política, dos grandes feitos, dos “grandes homens”, e exclusivamente a partir de documentos formais, tidos como fontes históricas e base de todos conhecimentos científicos historiográficos do qual os historiadores seriam meros refletores. Tudo isso sem grandes exercícios hermenêuticos, interpretativos, problematizações ou mesmo crítica excessiva, pois devíamos todo o nosso conhecimento a estes documentos, e não necessariamente às perguntas que poderíamos formular para estas fontes, pois este era o reino da história factualista.³⁰ Muito pelo contrário, fizemos amplos usos fontes orais aliadas a documentos formais e tratamos da história de uma mulher em âmbito de dominação política, masculina majoritária e esmagadora.

A História Social é tomada como o arauto da “história problema” que extrai das fontes históricas o que ela não pode nos dizer nas suas primeiras camadas, ou seja, em sua superfície. Tal efeito só é alcançado a partir do questionamento, da crítica interna (metodologia inaugurada pelos positivistas, mas aplicada de forma contida). Inaugura-se também, com a história social da escola de Annales, um maior diálogo e intensa importação de metodologias e temáticas que, em geral, estavam alocadas em outros campos de conhecimento das humanidades e outras disciplinas,

²⁹ CARR, Edward Hallet. O Historiador e seus fatos. In: CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed. 1982.

³⁰ CASTRO, H. M. M.. História Social. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. (Org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.** 1ed. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1997, p. 45.

adaptando-as para obter-se maiores recursos na construção da narrativa histórica. Surge aqui a interdisciplinaridade na e para a história.³¹ O professor José d'Assunção Barros levanta interessantes questões em relação aos Annales e suas contribuições para historiografia, que, apesar de não ser foco dessa discussão, é interessante que se mencione.

Em suma, segundo o historiador Ciro Flamarion Cardoso, a História Social se traduz mais facilmente ao compreendermos suas características quadripartites:³²

1. Alteração da concentração dos temas políticos priorizando discussões econômicas, *sociais* e movimentos demográficos;
2. Confronto da interpretação baseada na individuação da história optando por uma postura mais “antissubjetivista e anti-individualista da sociedade”;
3. Concentração na ideia do “*sujeito social e coletivo*” como base para compreender o todo;
4. Exposição da esfera social e econômica como forma de perceber a estrutura objetiva e autônoma das *sociedades complexas e dinâmicas*.

Contudo, essas mudanças trazidas pela escola de Annales não se dão de imediato. Não ocorrem abruptamente. Elas têm diferentes flancos, momentos, continuidades e mudanças. Segundo Barros, a escola de Annales,

em busca de sua conquista territorial da História, precisavam enfrentar as tendências historiográficas então dominantes, mas também se afirmar contra uma força nova que começava a trazer métodos e aportes teóricos inovadores para o campo do conhecimento humano: as nascentes Ciências Sociais. É contra o pano de fundo deste duplo desafio que o movimento inicia a sua aventura historiográfica³³

³¹ Para maiores detalhes, confira, em princípio, a problematização das características antípodas apresentadas pela historiografia brasileira entre positivismo e escola de Annales feita por: BARROS, José D'Assunção. A Escola dos Annales - considerações sobre a história do Movimento. **Revista História em Reflexão** - Revista Eletrônica, v. 4, p. 1-29, 2010.; Confira também: ANDRADE, Manoel Ribeiro; NASCIMENTO, José Uesele Oliveira. Por Uma Nova História: Outros Objetos, Domínios e Abordagens Historiográficas no Ensino de História. In: **9º Encontro de Formação de Professores (ENFOPE) Edição Internacional / 10º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional (FOPIE)**, 2015, Aracaju. Estado, Escola e Sociedade na Perspectiva da Internacionalização: desafios das políticas públicas docentes nos planos de educação. 2015. v. 8. p. 1-13.; CASTRO, *Op. Cit.*, 1997, p. 46.

³² CARDOSO, C. F. S. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. In: CARDOSO, C. F. S.; VAINFAS, R. (Org.). **Novos domínios da História**. 1. ed. São Paulo: Campus Elsevier, 2011. p. 15.

³³ BARROS, José D'Assunção. A Escola dos Annales - considerações sobre a história do Movimento. **Revista História em Reflexão** - Revista Eletrônica, v. 4, p. 1-29, 2010. p. 5.

As fases desta escola, suas historicidade, desenvolvimento e expansão ante a “história metódica”, as gerações de historiadores e teorias por ela desenvolvidas são importantes para explicar a pulverização de temas e discussões que alcançaram novos patamares explicativos da história a partir das discussões feitas por François Dosse que anotou a “História em Migalhas”.³⁴ Dosse trata dos ganhos, mas também dos perigos e problemáticas em torno de tal agigantamento das possibilidades de construção na história.

Por tais questões teóricas que norteiam a prática do historiador, iniciaremos nossa abordagem à personalidade de Dona Dedé Onofre compreendendo, com algum nível de contextualização citadina e temporal, como estava configurada e organizada a cidade de Cachoeira-BA, palco histórico de sua atuação.

2.2 Contextualização Histórica - Cachoeira – Recôncavo/BA

Deixar a carga em Cachoeira, vir carregar em Maragogipe, desce até a Bahia. Viagem longa e para quem anseia voltar. Não demorará que ela esteja com ele no saveiro e cante para ele e faça com que “Valente” ganhe todas as apostas. Por isso mesmo é preciso ir mais depressa, essa viagem é muito demorada, é muito longa de dois dias.

Jorge Amado, **Mar Morto**, 1980, p.87.

Desde a colonização brasileira, o Recôncavo esteve presente e foi um dos principais eixos no que se refere ao povoamento territorial e fundação da cidade de Salvador pelo primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza (1549-1579). Segundo Barbosa (2015), em função da capital, as terras adjacentes foram ocupadas pela agricultura e, em pouco tempo, se tornou a principal economia daquele período. Um dos principais motivos para a primazia ao Recôncavo como produtor de cana-de-açúcar e tabaco se refere ao solo fértil, contando com lençóis freáticos abundantes, favorecendo o desenvolvimento de lavouras de monocultura. Além do porto que favorecia o comércio de mercadorias e traslado de passageiros escoando a produção e mobilizando mão de obra que entrava e saía do recôncavo através do Rio Paraguassu. Outra característica da constituição da região encontra-se na formação da população. Os índios Tupinambás, hegemônicos nessas terras, foram seguidos pelos portugueses e os negros africanos escravizados, que caracterizaram o desenvolvimento étnico racial da população local que fora

³⁴ DOSSE, François. A História em Migalhas. **Dos Annales à Nova História**. Bauru: Edusc, 2003.

potencializado, em termos de miscigenação a partir da consolidação das atividades portuárias que, por sua vez, intensificaram a mobilidade demográfica. Observamos na citação a seguir a importância do porto da cidade de Cachoeira:

O porto de Cachoeira era o segundo mais importante da Bahia, enquanto o porto de Salvador era considerado o porto mais importante da América portuguesa. [...], a sua importância notava-se por ser a porta aberta para o sertão. Os engenhos de açúcar, as roças de tabaco, o porto e seu vigoroso comércio atraíam muitos portugueses. A terra indígena de Cachoeira se tornava branca proprietária de africanos escravizados, depois majoritariamente negra, por isso era preciso organizá-la como vila estratégica. (NASCIMENTO, 2019, p.50).

O Recôncavo está localizado em torno da Baía de Todos os Santos e é formado por 33 cidades divididas numa área de 10.840km² que representam 1,7% da superfície da Bahia (Barbosa, 2015). Tais fatores geográficos favoreciam as relações comerciais, uma vez que o Rio Paraguassú, era a ligação entre a capital e o interior. Nesse contexto, a cidade de Cachoeira e São Félix, distante de Salvador, 140 km, representam papel fundamental para a História do Brasil. Foi aqui que o comércio da cana-de-açúcar e fumo tiveram grande impacto na sociedade baiana, além das lutas pela Independência da Bahia e do Brasil. A então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, prosperava e se tornou uma das mais importantes vilas da Província da Bahia, onde os ricos donos, Senhores de Engenho, se dirigiam, afinal se tornara o grande centro açucareiro e produtor de fumo. Segundo o IBGE:

Foi no século XIX, entretanto, que Cachoeira se viu projetada definitivamente no cenário da história política baiana e brasileira. A Vila foi foco de onde partiram as lutas armadas contra os portugueses pela Independência do Brasil. Historicamente, Cachoeira foi a pioneira no movimento emancipador do Brasil. Dali partiram os primeiros brados de revolta contra a opressão lusitana e surgiram mais tarde os batalhões patrióticos, liderados por figuras como a do Barão de Belém, Rodrigo Antônio Falcão Brandão, Maria Quitéria de Jesus a mulher-soldado, dentre outras que imortalizaram na história Nacional. A 25 de Junho de 1822, antecipando o Grito do Ipiranga, Cachoeira já proclamava o Príncipe D. Pedro I como Regente: estava lançada a semente, que frutificou em 2 de Julho de 1823, quando a Bahia definitivamente tornou-se livre do jugo português, consolidando a Independência do Brasil. Neste dia, pela primeira vez na História, a sede do Governo Baiano foi transferida oficialmente para a Cidade. A data comemora o 25 de Junho de 1822, quando Cachoeira e alguns Municípios vizinhos, iniciaram as lutas pela Independência da Bahia. Cachoeira, a Heroica, assim denominada pela lei nº 43, de 13 de Março de 1837, em virtude dos seus feitos, foi a Sede do Governo Provisório do Brasil durante a guerra da Independência em 1822 e, novamente, em 1837, quando ocorreu o levante da Sabinada.

A citação acima define com maestria a importância da cidade de Cachoeira para o cenário Nacional. Diante da notoriedade tanto nas questões sociais como políticas, a cidade efervescia. Havia inúmeros engenhos, comerciantes, avultavam os ricos endinheirados e os Coronéis que ditavam as regras do jogo político-econômico pelo bom desenvolvimento das cidades. Conseqüentemente, as escolas primárias particulares cresciam na região, era necessário educar os filhos dos ricos. Os pobres recebiam a educação na escola municipal.

Cachoeira, que navegava nos contos e histórias dos poetas, como por exemplo, Jorge Amado, Castro Alves, André Rebouças entre outros se encontrava em ampla expansão e relevância histórica. No início deste tópico, um trecho do romance *Mar Morto* (1980), de autoria de Jorge Amado, retrata a viagem para Cachoeira no Recôncavo da Bahia, suas histórias e romances viajaram pelo mundo ilustrando o imaginário de seus leitores, dando merecidamente o contexto da Heroica, por seus feitos e cultura. A etapa seguinte, unida ao desenvolvimento frenético da região, a chegada de indústrias, da Usina Hidrelétrica Pedra do Cavalo, (construída em 1985), se chocam com a diversidade cultural e social existente nessa região, Cachoeira e São Félix, o rio Paraguassú, segue como grande meio para o transporte fluvial e acompanhava o frenético crescimento local, mas com desenvolvimento viu-se a necessidade da construção de estradas para ampliar o escoamento da produção da agroindústria.

Todavia a crise da década de 1920 atingiu as cidades, sobretudo os produtores de fumo, a construção das estradas que margearam as cidades de Cachoeira e São Félix potencializaram para o declínio da região, segundo Winston Frisch³⁵ (1940). A década de 1920, foi importante do ponto de vista da economia, política e cultural brasileira, no entanto, com o enfraquecimento da produção de cana-de-a³⁶çúcar, seguido pela queda também do tabaco e o crescimento da distribuição de produtos do sertão nordestino, a centralização do transporte de mercadorias deu-se mais intensamente a partir de Feira de Santana, o crescimento ferroviário deu abertura ao desenvolvimento rodoviário. Diante da Lei 1227 de 1927, origina-se o Serviço de Estradas e Rodagens, que foi responsável pela construção da estrada Salvador – Feira de Santana, dessa forma, abala significativamente a

³⁵ Economista, participou da equipe no Governo Itamar Franco do Palno Real, foi Decano na PUC-RJ no Centro de Ciências Sociais, Diretor da Petra Energia.

³⁶

antiga rede urbana do Recôncavo, “vivendo uma economia de subsistência, passam a se relacionar, a partir da década de 30, mais com Feira de Santana que com Salvador”. (Azevedo, 2011).

Na década de 1970, a cidade de Cachoeira foi elevada a categoria de Cidade Monumento, por seu conjunto arquitetônico e sua importância no cenário da Independência do Brasil e da Bahia. Abaixo um apêndice do Decreto 68.045/71, sancionado pelo então presidente, Emílio G. Médici (1905-1985) em 13 de Janeiro de 1971:

Converte em Monumento Nacional a cidade baiana de Cachoeira e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, tendo em vista o disposto no artigo 180, ambos da Constituição, e CONSIDERANDO a necessidade urgente de ser assegurada proteção especial ao acervo arquitetônico e natural da tricentenária cidade de Cachoeira, no Estado da Bahia;

CONSIDERANDO, outrossim, que nessa salvaguarda atende às tradições cívicas da Cidade, capital da província durante as lutas pela Independência da Pátria, ali iniciadas a 25 de junho de 1822, e que culminaram a 2 de julho de 1823, com a entrada triunfante do Exército Patriótico Libertador na Bahia, DECRETA:

Art. 1º. Fica erigida em Monumento Nacional a cidade de Cachoeira, Estado da Bahia, cuja área urbana, sítio da antiga Vila de Nossa Senhora do Rosário, e lugares históricos adjacentes serão inscritos nos Livros do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (BRASIL, 1971).

Por conseguinte, a valorização da região deu-se pelo seu conjunto arquitetônico e também imaterial (Festas de cunho religioso como Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa senhora da Ajuda, por exemplo), por sua importância na Independência do Brasil e manifestações religiosas e afro-religiosas. Atualmente tanto Cachoeira como São Félix, movimentam o cenário baiano com atividades voltadas à conservação da cultura local.

Dentro desse aporte, temos a cidade de Cachoeira, que se integra aos demais municípios que formam o Recôncavo. Cidade que deteve grandes engenhos e a navegação fluvial. O rio Paraguassú é o maior rio genuinamente baiano com nascente na Chapada Diamantina, desembocando na Baía de Todos os Santos. Até as primeiras décadas do século XX, foi responsável pelo transporte, tanto de suprimentos produzidos, como também na viagem da população entre Salvador – Cachoeira – Salvador, acrescenta Bomfim, (2006);

O Rio Paraguassú, navegável por 33 Km transportava o fumo e o açúcar de Cachoeira até sua embocadura. Também foi sobre ele que foi construída a primeira ponte ligando os municípios de São Félix ao de Cachoeira, o que

demonstra a importância do seu porto a outras áreas da economia canavieira. O vapor de Cachoeira subia o Paraguassú, ligando a Capital a Cachoeira depois de atravessar a Bahia de Todos os Santos. Aliás, uma posição importante, no passado para a localização de cidades, era junto às cachoeiras dos cursos de água, principalmente cachoeira a partir da foz, onde se fazia a mudança de transporte fluvial para a via terrestre (BOMFIM. 2006, p. 34).

Diante dessa movimentação crescente, a Bahia aportou inúmeros navios negreiros e, com o forte crescimento da produção, principalmente nos engenhos de cana-de-açúcar e fumo no Recôncavo, milhares de escravizados desembarcaram no porto de Cachoeira;

No Recôncavo, os escravos eram empregados em todo tipo de atividade rural, não apenas no setor açucareiro e fumageiro. Eles também labutavam na criação de gado e no cultivo da mandioca. A farinha de mandioca já era naquela época um item fundamental da dieta de ricos e pobres, senhores e escravos. Como o fumo, a farinha estava também ligada ao tráfico, pois constituía um dos principais alimentos a bordo dos navios negreiros. (REIS. 2017, p.4)

A chegada oficial dos escravizados para o Brasil, data de 1549, porém, existem alguns historiadores que afirmam a existência de negros trazidos por Fernando de Noronha em 1511, para a construção da Colônia.

Além da produção agrária, a região com forte progênie africana, contribuiu para impulsionar o trabalho por mais de trezentos anos, sendo responsável pela economia e desenvolvimento populacional. Contudo, segundo Moura (MOURA, 1992, p. 12), o povo negro, fora sumariamente excluído da divisão dessa riqueza. Moura (1992) nos diz também;

Mas o certo é que o negro (quer escravo, quer livre) foi o grande povoador do nosso território, empregando o seu trabalho desde as charqueadas do Rio Grande do Sul aos ervais do Paraná, engenhos e plantações do Nordeste, pecuária na Paraíba, atividades extrativas na Região Amazônica e na mineração de Goiás e Minas Gerais. O negro não apenas povoou, mas ocupou os espaços sociais e econômicos que, através do seu trabalho, dinamizavam o Brasil (MOURA. 1992. p.12).

Embora não saibamos a quantidade exata de africanos sequestrados e traficados como escravizados uma vez que, além dos navios negreiros, também chegavam de forma irregular no Brasil. Assim, nas palavras de Moura (1992), muito desse passado contributivo do povo negro fora oculto das páginas dos livros de história “porque procuraram branquear a nossa população”. Muitas foram e ainda são as argumentações que serviram para desvalorizar o negro, dando primazia aos

brancos. Com a escusa historicamente construída, o sério escrutínio de documentações fiáveis fora dificultado e a quantificação da população escravizada e afro-brasileira prejudicada como consequência, além de dificultar o real censo do povo brasileiro como um todo.

O povo negro foi responsável pelo crescimento demográfico brasileiro. Esteve à frente da economia, por meio de seu trabalho. Mesmo distante da África, os antepassados deixaram a religião, a culinária, a música, a indumentária e manifestações culturais e religiosas, dentre outros, como legado. No entanto aos olhos dos escravistas, “as diversas formas de expressarem suas tradições eram vistas como dominação cultural” (Moura, 1992) e, a igreja católica, religião dominante naquele período, não aceitava as crenças e os costumes dos povos oriundos da África, julgavam impróprias e perigosas. Dessa forma, associavam os ritos africanos com os católicos, dando pouca importância aos costumes e classificando como folclore suas tradições e arcabouço cultural.

As tradições eram transmitidas de geração em geração, não havia uma escola preparatória, os costumes eram aprendidos com os mais velhos, por essa razão a cultura e as tradições do povo africano, foi preservada até os dias atuais.

A população do Recôncavo, em questão, Cachoeira e São Félix, inicialmente ocupada pelos índios Jaraguá do grupo Paiajá, segundo Nascimento (2019, p.38), foram dizimados pelos portugueses. Os brancos portugueses, colonizadores que ocuparam o território para a expansão da colônia. Outra parcela significativa do povoamento foram os africanos escravizados, que chegaram para os trabalhos nos engenhos. Contudo, ainda segundo Nascimento (2019), com o passar dos tempos, “os africanos economicamente emergentes e com trânsito em certas camadas da sociedade”, foram responsáveis pela formação de grupos religiosos e sociedades abolicionistas, se “contrapondo com a sociedade branca, escravista e racista”. (NASCIMENTO 2019, p.108).

Segundo entrevistas concedidas para esta pesquisa, foram relatados que além das escolas públicas, haviam escolas particulares que garantiam os estudos dos filhos dos empresários e comerciantes locais. Instituições educativas destinadas a alfabetização, administradas pelo Estado ou Município, como por exemplo: Escola Ana Nery e Escola Montezuma, as escolas do Sindicato do Fumo, Escolas particulares como por exemplo a Sacramentinas, Escola Santo Antônio e outras instituições voltadas para o atendimento à infância (asilos e abrigos), como aponta

Barbosa³⁷ (2015), sobre as instituições educacionais, [...] “utilizadas no Recôncavo no auge dessa efervescência pedagógica nacional, marcando a busca por providências para a educação da infância”[...].

A história da educação local poderia fazer parte do currículo escolar obrigatório, no Ensino Fundamental e Médio, como um dos conteúdos associados a disciplina de História para que se possa dar a importância devida aos fatos históricos locais. Essa abordagem poderia trazer conhecimentos sobre a educação e a valorização dos educandos em relação ao patrimônio local e seu próprio percurso como sujeito histórico, atuante e ativo na sociedade. Inclusive poderiam ser trabalhados os feitos conquistados no passado e que refletem no presente dos docentes que lutaram para mudanças significativas na educação local.

Nesse contexto, estudar ou refletir sobre a história da educação local pode contribuir para que a comunidade escolar desenvolva projetos educacionais, fora de contextos comemorativos ressaltando a necessidade de se ampliar o entendimento, o salvaguardar dos documentos e das memórias escolares. Tais abordagens poderiam se constituir em uma postura séria, crítica e social da valorização do contexto da educação e sua importância na história local além da própria educação. Sendo assim, buscamos possibilitar aos docentes a oportunidade de ampliar o conteúdo sobre Cachoeira/BA, utilizando este produto como apoio didático nas discussões que dizem respeito à História da Educação e na valorização da memória educacional local, para que cada vez mais possamos ter uma escola mais aberta às discussões sobre a importância da educação como mecanismo de conservação e preservação que estão contidos na disciplina de História.

2.3 - As Memórias Transcendem a Historicidade

As memórias são marcadas por eventos do passado ou fatos que acompanham a história de vida dos sujeitos, e pode ser confrontada por episódios tanto positivos, quanto negativos, a partir do momento que nossos sentidos captam os estímulos sensoriais que são experienciados na nossa condição de ser humano.

³⁷BARBOSA, Elizabete Pereira **A fábrica, a casa e a escola: as políticas de educação para a infância no Recôncavo Fumageiro da Bahia (1925 -1946)**. Tese Doutorado/UNEBSALVADOR-BA 2015.

Com isso, o cérebro absorve e armazena informações ao longo da vida de um indivíduo, função essa das mais complexas do organismo humano. Quando estimulada, fatos e dados são compartilhados através das funções cerebrais, podendo ser evocadas através de imagens, sons e expressão verbal vivenciadas pelo indivíduo/colaborador, que envolve os inúmeros campos como trabalho, educação e lazer. Segundo Izquierdo (2014), “chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido”.

As memórias são únicas, por essa razão nos tornam indivíduos e de acordo com o aprendido ao longo da vida, dizem quem somos. Quando abordamos um grupo, como é o caso nessa pesquisa, cada colaborador, nos revelou o passado diante de seu acervo de dados sobre o mesmo tema. A multiplicidade de respostas, fruto da historicidade dos entrevistados da pesquisa, são reveladas sobre as memórias do passado, que tiveram impacto diferenciado sobre cada ex-aluno, mesmo em se tratando de um grupo, são suas experiências individuais sobre o tempo vivido na Escola Santo Antônio. Vejamos o apontamento de Izquierdo (2014), sobre a sobreposição das memórias;

Nosso cérebro possui milhões de memórias e fragmentos de memórias. É sobre essa base que formamos ou evocamos outras. O conjunto de nossas memórias é semelhante às aquelas cidades europeias ou asiáticas muito velhas, em que sucessivas construções ao longo de muitos séculos, muitas vezes umas acima das outras, lhes dão um caráter e uma aparência própria. Ninguém que visite Roma poderá confundir-la com Atenas ou Londres, embora a arquitetura primitiva possa ter sido muito semelhante. (IZQUIERDO. 2014. p.48)

Ao abordarmos a memória como fonte de pesquisa, não nos limitamos apenas na compreensão no sentido do uso das recordações como base, mas compreender o significado da biológico da memória, na citação acima, Izquierdo (2014), nos revela que a memória é formada por milhões de fragmentos, onde novas memórias vão surgindo com o passar dos anos e sobrepondo-se umas sobre as outras. Além de quê, são armazenadas conforme as atividades no decorrer do aprendizado. Ou seja, temos memória do trabalho, da escola, dos amigos e assim sucessivamente, nenhuma memória é igual, pois as experiências de vida, são diferentes para cada indivíduo.

Dentro dessa discussão é de suma importância adicionar as impressões e formulações propostas por Michel Pollak que, diante das construções históricas das

memórias das distintas sociedades, percebe que a atual historiografia, com o intuito de resolver alguns problemas relacionados ao crescente uso da oralidade e suas formas de transmissão e mediação, define, por meio da indagação, alguns pontos consideráveis. Para este autor, é de relevante teor perceber quais são

portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 201)

Pollak expõe alguns pontos centrais para compreensão do fundamento primaz da oralidade: a capacidade mnemônica de exposição pessoal em formato de verbalização ou língua não verbalizada tal qual a LIBRAS na narrativa de fatos. E considerando o relato exposto, o nosso remontar dos fatos, dos pontos, enquanto cerne da compreensão sobre como a memória pode ser entendida e manejada para fins historiográficos, esse autor nos sugere que

a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 201)

Como passíveis de influências da coletividade, as memórias, sobretudo as que coletamos acerca de Dedé Onofre passam pelo crivo de salas de aulas repleta de alunos que, ao longo de suas distintas experiências de vida passaram a relembrar situações, narrar trechos do passado entre eles e, por assim ser, reconstruí-lo coletivamente. Estas narrativas, para Pollak, em geral, incluem três pontos basilares: a) os *acontecimentos* em si tal qual estão dados a compreender diretamente e aqueles que são vividos "por tabela" ou, seja, indiretamente; através da partilha coletiva de memórias. Outro ponto a se levar em conta são: b) as *personagens* envolvidas nas tramas narradas e que se ocupam de gerar os fatos ou

neles estarem inseridas e, por fim, c) os *lugares* elencados para servirem de palco das narrativas e de cenário base das memórias e seus respectivos fatos relacionados. Todos estes elementos dialogam entre si na reconstrução daquele que narra os fatos e tentam dar conta de organizar tais ideias de forma coerente e cognoscível àqueles que os ouve. Sendo estes três pontos comuns aos entrevistados para acessarmos as memórias que sobre Dona Dedé Onofre.

O fato é que o trabalho do historiador da oralidade, assim como o de qualquer outro viés, deve estar atento e manter-se fiel à noção de crítica interna e externa de suas fontes históricas aplicando o rigor do método que, especificamente para a história oral, implica em perceber que “os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva” (POLLAK, 1992, p. 202) e, por assim ser, podem e devem ser considerados em suas limitações e potencialidades levando em conta aquilo que a memória humana, assim como fontes históricas escritas trazem em termos de subjetividade e intencionalidades: o fenômeno da complexidade humana. Pollak sustenta que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”, (POLLAK, 1992, p. 202) e para tal situação o cruzamento de fontes e referenciais torna-se um deleite para o labor histórico de conectar e reconectar detalhes na trilha da urdidura da trama a ser contada. Tal situação é percebida por Pollak como sendo aquela em que o

historiador estava se restringindo aos arquivos, e, de repente, está se confrontando com a realidade concreta. Numa atitude quase militante, quer dar a palavra àqueles que jamais a tiveram, daí essa vontade de reabilitar o subjetivo frente ao objetivo (POLLAK, 1992, p. 210)

frisando a relevância dos sujeitos históricos que vivenciaram e construíram o contexto histórico apresentado a partir de suas impressões e leituras do mesmo, ou sobre algo ou alguém desse momento histórico, nessa pesquisa em questão, as memórias para a construção de fragmentos sobre a professora leiga Dona Dedé Onofre e sobretudo sobre a Escola Santo Antônio.

No trato da memória de nossos entrevistados nós nos mantivemos atentos ao que Pollak chamou de memórias subterrâneas e enquadramento de memórias. Ao ouvirmos os relatos dos egressos da escola Santo Antônio sabíamos que seria necessário “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias

marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado”³⁸ para não deixar escapar os vestígios dos *enquadramentos*. No caso específico de nossos entrevistados, tal qual pensado por Pollack, o enquadramento se dava notadamente em manter a coesão interna do grupo e da memória da escola e dos feitos de Dedé Onofre e na defesa das fronteiras dos elementos grupais comuns como o espaço da escola em si.³⁹

3 - ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 – História Oral

Ao escolher a história oral como base metodológica desta pesquisa, passamos a relacionar o tema abordado com a percepção da memória revelada pelos ex-alunos sobre a escola e a professora leiga Dona Dedé Onofre, pela coleta de informações que propicia importante ferramenta para o fortalecimento da cultura e identidade nos projetos de valorização da memória, muito utilizada por historiadores, caracterizada por agregar depoimentos de indivíduos que testemunharam acontecimentos dentro de uma sociedade ou instituição.

Segundo Thomson, Frisch e Hamilton, (2006, p. 65), “desde que a história oral se estabeleceu como prática e movimento nos anos 60-70, os historiadores orais debatem questões referentes a memória e história”. No artigo publicado no livro *Usos e Abusos da História Oral*, o autor Alister Thomson convidou Frisch e Hamilton, como coautores e elencaram críticas dadas ao uso da História Oral, dentre elas e principal alvo, as críticas a memória:

O principal alvo dessas críticas era a memória não ser confiável como fonte histórica, porque era distorcida pela deterioração física e pela nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado. Por trás dessas críticas estava a preocupação de que a democratização do ofício de historiador fosse facilitada pelos grupos de história oral, além do menosprezo pela aparente ‘discriminação’ da história oral em favor das mulheres, dos trabalhadores e das comunidades minoritárias (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 1996, p. 66).

No entanto, segundo Bosi (1987), através das lembranças das pessoas idosas, encontram-se estudos sobre a história social, uma vez que já atravessaram

³⁸ POLLAK. Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. p. 9.

³⁹ POLLAK. **Op. Cit.**, p. 10.

um tipo de sociedade, com referências familiares, culturais mais definidas que de uma pessoa jovem ou adulta.

O adulto ativo não necessita de suas memórias antigas, segue com a prática diária de lazer, arte e contemplação, difere das pessoas idosas que já viveram e necessitam evocar suas lembranças, sejam elas com outros idosos, diários ou cartas antigas, não são lembranças que ultrapassam o limite de sua consciência. O que tange “a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra”, de acordo com Bosi (1987, p. 23). A lembrança é a história de cada pessoa ou grupo social inseridos em um mesmo contexto.

Quando utilizamos a memória como fonte de pesquisa, temos em mãos um quebra-cabeças, onde utilizamos de outro mecanismo, que é a oralidade para combinar diferentes relatos e dessa forma, compor a história, o conjunto dessas lembranças revelam a história de uma cidade, acontecimentos locais e, nessa pesquisa, revelou Dona Dedé Onofre. Portanto de acordo com Bosi (1987), essas memórias estão relacionadas a grupos sociais. Vejamos;

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1987, p. 54).

Não há dúvida de que existe na atualidade uma nova perspectiva sobre o uso da História Oral como ferramenta integrante para pesquisa de cunho das Ciências Sociais, em que historiadores orais criaram metodologia de análise que fundamentam a compreensão mais complexa da memória, objetivando explorar as relações identitárias entre o colaborador e o entrevistador. Neste trabalho, as histórias se cruzaram. O primeiro plano, ressaltou a formação educacional local e num plano segundo, a personalidade de Dona Dedé Onofre na medida em que as lembranças foram ativadas, objetivando análises muito além das românticas interpretações.

O processo de escrever a história muda juntamente com o conteúdo. A utilização da evidência oral rompe as barreiras entre cronistas e seu público; entre a instituição educacional e o mundo exterior. Essa mudança brota da natureza essencialmente criativa e cooperativa do método da história oral (THOMPSON, 1983, p. 28-29).

Em consonância com Thompson (1993), a história oral é complexa em sua realidade multifacetada. Ela permite que se recrie a original do ponto de vista dos envolvidos, uma vez que as experiências de vida podem ser utilizadas como fontes primárias, contribuindo para uma nova dimensão das narrativas. Estas são mudanças que exigem destreza junto à metodologia da história oral, levando-se em conta, que o material gravado, poderá ser compartilhado junto ao acervo em programa de História Oral.⁴⁰

A História Oral, como mecanismo de pesquisa, difere de um indivíduo para o outro, de um projeto para outro, não segue uma enrijecida metodologia, mas o levantamento de dados, toda a preparação de um roteiro de entrevistas e fotografias, seguem também a fluidez do colaborador. O material gravado se transforma ainda em seu estado bruto, em acervo que poderá ser disponibilizado ao público como caráter histórico para distintas pesquisas.

Deste modo, a escola se constitui em local de produção cultural, formativa e informativa, pois prepara o indivíduo no processo de formação e estabelece a interação entre a sociedade e a família. No universo escolar existe um conjunto de documentos, objetos e materiais que contribuem para a realização de pesquisas educacionais, por exemplo: objetos, caderno de provas, livros, diários de classe e outros formam o aparato escolar, relacionado ao modo vivido nas instituições educacionais, passando a ser patrimônio, uma vez que, em seu âmago detêm informações referentes àquele período social.

No entanto, de acordo com Nunes, o modo como interpretamos as narrativas no sentido da historiografia, preenchem as lacunas dos documentos físicos que se extinguiram, “o detalhe corroborativo – ilustração com fato, foto, mapa – confirmaria e corrigiria o historiador, que se satisfaz com o produto das fontes, diferentemente do romancista, que pode ficcionar esses detalhes corroborativos” (NUNES, 2002, p. 55). Vejamos a contribuição das narrativas e de como interferimos nas memórias do entrevistados a seguir;

⁴⁰No Brasil, em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral, com o intuito de difundir e realizar trabalhos voltados para essa metodologia de pesquisa, como mencionado anteriormente, se estabeleceu nos anos 60 – 70, sobretudo na Europa e nos USA e teve seu ápice nos anos de 1990, no Brasil. Segundo a ABHO, a difusão cresceu muito e inúmeras áreas passaram a integrar essa metodologia, inclusive, abrindo o intercâmbio entre historiadores, sociólogos, antropólogos entre outras áreas de pesquisas. Associação Brasileira de História Oral-ABHO. https://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=24 Acessado em 07/01/2021

[...] tinha um caderno que esse era indispensável sabe? era o caderno de caligrafia, era todo mundo tinha que saber escrever⁴¹.

[...] Na sala ela tinha de primeira à quinta série. Ai, ela chamava de sabatina, “Primeira série!!” ai fazia em volta dela, ai perguntava tudo, matemática, regra de três era tudo na “decoreba”. Mas que sabiam passar da teoria para a prática. Todos estudavam, primeira série, segunda, ela que determinava onde cada um ia ficar e pronto. Tinha muita conversa, tinha zoadada, tinha num sei o quê! A gente fazia teatro, àquelas comédias. Comédia, coisa assim, era até uma educação integral⁴².

Dona Dedé as disciplinas que ela dava era muito bom estudar porque se tivesse essa metodologia de de estudo hoje seria muito interessante você estudava por blocos ia estudar a geografia da Europa então você pegava de forma muito pactual que você decorava aquela coisa depois e era com muito mapa nesses livros antigos você ver ne? e depois você tinha uma discussão dentro da sala de aula a professora explicava com você aquilo depois você debatia com seu colega, você tomava bolo dele porque você errou, então isso era muito legal⁴³.

Nessa percepção, as memórias foram fundamentais para o desenvolver dessa pesquisa. São valores que cada entrevistado demonstrou individualmente, mas expressado no que abarca todos os demais ex-alunos. As memórias foram amparadas com literatura específica tanto para a história da educação como para a história oral.

3.2 - Dona Dedé Onofre na História Local

Dona Dedé Onofre, professora leiga que deixou em evidência a importância da educação na memória de seus ex-alunos. Sua trajetória narrada possibilitou a construção da Exposição Dona Dedé: as memórias dos egressos da Escola Santo Antônio, que pode ser visitada através da plataforma do YouTube, no seguinte endereço: <https://youtu.be/hvd8lN1fpAE>.

Ao pesquisar a História da Educação Local, temos que observar cuidadosamente o enredo que a envolve, ou seja, entender o contexto das instituições educacionais particulares para o ensino primário, como se projetou a contribuição da professora leiga. Desse modo, questionamentos como quais leis estavam permeando esse sistema educacional? Qual a importância da figura

⁴¹ NONATO, Dom Roque Cardoso. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 07/12/2016.

⁴² SILVA, Maria Marta Onofre da. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 28/11/2016

⁴³ NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. Entrevista concedida para a pesquisadora Marcia Schlapp em 15/05/2017

feminina na educação primária? Quais processos e implicações envolveram (e ainda envolvem) a inserção da mulher no mercado de trabalho formal e institucionalizado? Essas são algumas das questões que perpassam essa produção e seus resultados tentarão dar conta de responder.

Dona Dedé teve sua importância no papel social que exerceu durante os 60 anos de Magistério na cidade de Cachoeira - BA, seu papel social como professora leiga permeia a história local e o processo identitário que se mantém vivo na memória de seus egressos, essas marcas com diferentes proporções da vida escolar, constituem-se em distintas maneiras de ler e interpretar o tempo, através de cada ex-aluno/colaborador, pelo interior de suas memórias que foram estimuladas, narradas e transcritas. A partir delas, tomamos o desafio de refletir sobre a trajetória da educadora Dona Dedé Onofre, dentro da abordagem do recorte histórico dessa pesquisa na qual envolve a Escola Santo Antônio, como partícipe da história local.

Diante das narrativas, cada egresso, nos revelou distintas lembranças, inclusive sobre a própria cidade, dentro e fora do ambiente escolar, essas finas e quase perdidas lembranças no tempo, se estabelecem em uma tênue linha do tempo, que sinaliza os limites entre o presente e o passado, no que tange o âmago dessa pesquisa. Vejamos a seguir um apêndice dessas memórias sobre a Escola Santo Antônio:

[...] a professora Dedé Onofre que foi fundadora, segundo ela me disse um dia ela foi fundada em 1928 entendeu? ela ainda jovem, ainda jovem tinha um conceito muito grande haja vista, que as figura mais representativa de Cachoeira da sua época passavam por sua escola, inclusive o deputado federal Augusto Púbio, Augusto Púbio passou por sua escola oooooh cunhado o seu sobrinho padre Ricardo Pereira que foi considerado um dos maiores oradores sacros daqui foi aluno dela.⁴⁴

[...] Era uma escola mista. O poder aquisitivo??? Naquela época não existia isso não, mas vamos voltar um pouquinho pra trás. Existia algum poder aquisitivo era Doutor Artur e nem doutor Aurelino Serafim dos Anjos, as filha deles estudavam lá. As famílias que tinham um poder aquisitivo e pudessem pagar e tmb estudavam lá. Não tinha destaque não. Meu pai era tipógrafo do Jornal A Cachoeira e eu estudava lá. Filhos de ferroviários, comerciantes estudavam lá. A família Lobo tmb estudava lá. Julita, os filhos de Nelson Lobo, os filhos estudaram lá. Hoje ainda existem muitos Lobos que estudavam lá⁴⁵.

[...] Dois turnos. No sobrado antigo na rua da Matriz, nós subíamos uma escada grandona, tinha um corredor, tinha àquela sala ampla e no fundo tinha a varanda, como terminei de falar pra vc. Eu comecei com Dulce que

⁴⁴ NONATO, Dom Roque Cardoso. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 07/12/2016.

⁴⁵ REIS, Stelino Jesus. Entrevista concedida a pesquisadora Márcia Schlapp em 27/11/2016.

trabalhou com Dona Dedé, ela trabalhava com 1º ano e 2º ano. Quando nós passávamos para 3º ano, voltava para o salão grande. Junto à varanda, tem duas portas. Então estudávamos eram àqueles bancos antigos, era um banco de “tira” e ai ficávamos sentados, Dulce levávamos os deveres para ela, tomava as lições que ela, aquela coisa. Toda a lição que marcava para casa e os exercícios que tínhamos que fazer e ela ia corrigir tudo. Quando passávamos para o 3º ano, íamos para o salão maior onde Dona Dedé dava aula. Junto da porta, tinha uma porta que dava para um quarto ficavam as filas de terceiro ano, duas de quarto ano e duas de quinto ano. Ai, era aquele salão, primeiro, ela fazia o ditado. Quando a gente chegava à gente ia rezar para Santo Antônio, ela fazia o ditado, e dizia para o terceiro ano e depois quarto e quinto. As carteiras eram largas né velho Stelino e ninguém olhava não. Toda altona, gordona.⁴⁶

Podemos observar nessa abordagem, que a oralidade proporcionou revisitar a memória dos ex-alunos da professora leiga Dedé Onofre, que se funde com a história local, através das lembranças estimuladas com base nos diálogos, objetos ou fotografias antigas que favoreceram conhecer como a pesquisada construiu sua trajetória docente, do ponto de vista de cada colaborador. Nesse sentido, Bittencourt (2009), nos diz:

A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado. A memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores como para o ensino. (BITTENCOURT, 2009, p.168).

Do ponto de vista da autora citada, a história local é oriunda do cotidiano, não deve se perder diante de grandes personalidades do objeto pesquisado, sendo importante tratar a micro história dentro da esfera da memória familiar, educacional ou de trabalho. Ou seja, abordar a história local na simplicidade da comunidade e seu meio ambiente, nesse aspecto aponta Burke (2002, p. 83), “[...] a relação entre comunidade e seu meio ambiente, evita o duplo perigo de tratar uma aldeia como se fosse uma ilha e de ignorar a relação entre a microanálise e a macro análise”.

Nesse contexto, a história local exerce significativo e importante estudo sobre a reflexão e relação social construída nas relações entre os indivíduos, seja um grupo social limitado ou um grupo mais abrangente dentro da comunidade. Dessa forma, as pesquisas relacionadas com a história local, com apoio pedagógico pode possibilitar abordar esse tema em sala de aula, pois propicia ao educando refletir valores da práxis do cotidiano e contrastar com o momento vivido no seu

⁴⁶ OLIVEIRA, Benetida Entrevista concedida a pesquisadora Márcia Schlapp em 27/11/2016.

presente diante de sua comunidade e região. Na narrativa a seguir, observamos esse contexto sobre a importância da escola no passado

Tinha livro didático. Do programa oficial, era uma escola controlada, tinha auditores do MEC que passavam, com todo o rigor. O mais importante, era que tinha resultado. Por exemplo, qualquer um desses alunos, mesmo os complicados, que ficaram de castigo, que ficaram até de joelhos, que tomavam “bolo”, todos esses aí, é unanimidade, “não, aquilo ali, serviu para isso e tal” Então, eram outros tempos e a escola tinha uma importância assim, não era somente o conhecimento e instrução, a escola educava. Hoje a educação praticamente saiu da escola e o próprio professor diz, não, essa educação não é comigo, estou aqui para ensinar.⁴⁷

A concepção identitária constitui elos interligados à memória, uma vez que tanto individual como no coletivo, cada grupo social é vinculado às gerações passadas e nesse sentido, as comunidades, ao preservarem sua história, possibilitam a reflexão no presente e alerta para o futuro. O ensino de história local se mostra eficaz quando aborda a história regional, possibilitando trabalhar o tempo presente das relações sociais que se formam entre o educador x educando e o seu entorno, na comunidade/região em que vivem e/ou trabalham, uma vez que esse diálogo prioriza as experiências compartilhadas relevantes a situações em épocas e espaços diferentes. Vejamos o que nos informa Sebe (2020);

Os acontecimentos de repercussão social são almejados porque, além de marcarem o coletivo, são definidores de certo eixo da experiência causadora de aproximações. Constituindo-se nos elementos basilares que reúnem pessoas em torno de causas, a memória se orienta como norteadora da atenção (SEBE, 2020, p. 96).

Nesse ponto de vista, o ensino de história local, se ajusta dentro da esfera de reflexão crítica que abarcam elementos sociais no processo de lapidação da identidade dos sujeitos em seu grupo social, possibilitando a compreensão do indivíduo ou do coletivo nas relações do passado que estejam mais próximas à sua realidade. A história local possibilita ao alunado, estudar o passado e relacionar ao presente nos diversos espaços de convívio, no caso dessa pesquisa, o bojo é a educação primária em uma escola particular, regida por uma professora leiga, que contrasta com a realidade do tempo presente, seja pela formação não exigida para o

⁴⁷ ARAGÃO Pedro Rouchael Lapa. Entrevista concedida à pesquisadora Marcia Schlapp em 22/11/2016.

exercício da docência nas primeiras letras, seja pela qualidade do ensino. Observamos o que nos contam, alguns dos ex-alunos, sobre Dona Dedé Onofre:

Dona Dedé, me leva a lembrar de uma professora dedicada, formadora de várias gerações de cachoeiranos e dentro da minha vida toda escolar ela foi minha master primaz. Eu tive vários professores até minha graduação, que sou graduado pela Escola Politécnica da UFBA em Engenharia Elétrica e Dona Dedé é marca indelével em minha educação.⁴⁸

[...] são pessoas que não tem não tem nenhuma formação acadêmica nem ginasial elas eram só, mas que eram de uma capacidade fora do comum o barato de Dona Dede é que ela era campeã de alunos aprovados na admissão o colégio estadual de Cachoeira era um dos melhores colégios da Bahia concorria com o Central eu me lembro que os professores do colégio estadual de Cachoeira [...]⁴⁹

[...] a escola Santo Antônio que tinha como fundadora a professora, orientadora, a professora Dedé, mas era na época em que não se chamava professora de “pro”, sinceramente eu tenho pavor, na minha escola não se usa esse adjetivo, professor é professor. Professor é aquele que vocacionado por Deus, representa a sua autoridade na escola, tem a missão tem a função de transmitir conhecimentos, era a professora Dedé Onofre [...]⁵⁰

Portanto, discorrer sobre a história local entre alunos do Ensino Fundamental e Médio, visa desvendar o passado, suas evoluções na educação e do meio em que vivem, diante das personalidades construídas no passado e que ficaram ocultas com o passar dos tempos. Mostrá-las e trazê-las para compor o processo histórico das identidades culturais e sociais locais possibilita aos educandos do presente a interação sobre a história local através da educação. Com as narrativas dos egressos da Escola Santo Antônio o discurso-imaginético, sobre a pesquisa em questão, proporciona na contribuição do conhecimento sobre a educação local e seus personagens que doravante não estão mais ocultos pelo tempo.

⁴⁸ SANTANA, José Aluísio Souza de. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 26/05/2017.

⁴⁹ NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. Entrevista concedida para a pesquisadora Marcia Schlapp em 15/05/2017

⁵⁰ NONATO, Dom Roque Cardoso. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 07/12/2016

4 - A EDUCAÇÃO NA BAHIA

O recurso à categoria “século” para datar e demarcar os acontecimentos e as fases históricas é uma prática recorrente entre os historiadores, especialmente quando o objeto de estudo incide sobre as épocas modernas e contemporânea. Assim é, também, no campo da história da educação.

Saviani⁵¹

A educação estava, neste momento, na Bahia, década de 1920, perante o governo Góes Calmon (1924-1928), com a aprovação da Lei 1.846 de 14 de agosto de 1925, primeira Lei de Reforma da Instrução Pública da Bahia e da promulgação do Decreto 4.312 de 30 de dezembro de 1929, que regulamentava o ensino primário e normal. As duas modalidades/níveis de ensino foram elaboradas pelo então Diretor Geral da Instrução Pública, Anísio Teixeira (1924-1929), e tinham por finalidade levar a educação baiana ao rigor dos padrões escolares existentes no restante do Brasil. Essa legislação surge e se mantém no sistema educacional da Bahia por trinta e dois anos, quando a mesma foi reformulada na segunda gestão de Anísio Teixeira, no governo de Octávio Mangabeira (1947-1951), o qual exerceu o cargo de Secretário de Educação e Saúde.

Contudo não podemos falar da História do Brasil e História da Educação na Bahia, sem citar os feitos do Baiano de Caetité, Anísio Teixeira⁵² (1900-1971), que dentre as inúmeras mudanças sociais, econômicas e políticas que ocorriam na década de 1940, onde a educação trilhava novos caminhos na elevação do

⁵¹ SAVIANI, Demeval. Filósofo e doutor em filosofia da educação. O legado educacional do século XX . SP 2014, p.11.

⁵² Inicialmente Anísio foi nomeado inspetor geral do ensino interino, em 9 de abril de 1924, mas posteriormente foi efetivado, substituindo Dr. Octaviano Moniz Barreto que se afastou do cargo em marco do mesmo ano para viajar ao sul dos pais. Sem experiência, sofreu muitas retaliações. Não possuía nenhuma titulação para o cargo e “provocou espantos e protestos já que postos dessa responsabilidade só se atribuíam a nomes feitos como o do inspetor [Octaviano Moniz Barreto] que, ha vinte anos, lá se achava e parecia ate sacrilégio retira-lo do posto”²⁰⁰. Hermes Lima, como o próprio Anísio lembraria mais tarde, foi o responsável por ele não ter desistido no inicio. Recomendado por Góes Calmon procurou ouvir sugestões de Afrânio Peixoto, de quem se tornaria muito amigo, e de Carneiro Leão, na época Diretor Geral da Instrução Publica do Distrito Federal. A amizade com Afrânio Peixoto se tornou tão intensa que quando Anísio fundou a Universidade do Distrito Federal, em abril de 1935, nomeou-o reitor e deu-lhe a incumbência de buscar professores na Europa para compor os quadros da instituição. A influencia de Afrânio Peixoto, bem como a de Carneiro Leão, Fernando Azevedo, Monteiro Lobato e posteriormente Arthur Ramos na produção intelectual de Anísio Teixeira ainda precisa ser estudada, pois talvez tenha sido tão importante quanto a influencia do escolanovismo norte-americano. Luz, Jose Augusto Ramos da. Um olhar sobre a educação na Bahia: a salvação pelo ensino primário (1924-1928) - Salvador, 2009. 173 f : il. - Orientadora: ProI3. Dra. Maria Cecilia Velasco e Cruz Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciencias Humanas, 2009.

patriotismo nacional. As escolas públicas faziam parte do “Plano de Edificações Escolares (1947 – 1951) no Governo de Octávio Mangabeira” (ANDRADE, 2014), a meta era construir centenas de escolas no estado da Bahia, favorecendo o ensino público gratuito a toda população em idade escolar. Com essa medida, diminuir o índice de analfabetismo, que era de “56% no Brasil, na década de 1940”, (IBGE, 2011). As ideias de Anísio Teixeira refletem na educação até a atualidade, como disse o Secretário de Cultura da Bahia, Antônio Rubin em 2014, em discurso sobre as ações do educador, a seguir:

Dentre esses acontecimentos e agentes, não dá para esquecer a fulgurante figura de Anísio Teixeira e sua marcante passagem pela Secretaria de Educação e Saúde do Governo de Octávio Mangabeira (1947–1951). Afirmção consensual de Anísio Teixeira como um dos mais importantes educadores brasileiros (...). A sua contribuição à cultura e às políticas públicas e no Movimento de Cultura Popular, até hoje ensejou poucos estudos animados por este olhar cultural. (RUBIN, 2014, p.9)

Segundo Andrade, foi um desafio enfrentar a construção de escolas rurais, principalmente em mantê-las ativas, desafio este, que surgiu com as propostas ousadas de Anísio Teixeira, advogado de formação que dedicou sua vida pública à educação. Em meados da década de 1940, desenvolveu projetos educacionais para todo o território nacional e, em 1947 criou na Bahia o Serviço de Obras da Secretaria da Educação – SOSES, inicialmente formado por jovens engenheiros graduados pela Escola Politécnica da Bahia. A proposta inicial foi elaborar um plano de ação para a edificação dos prédios escolares. Segundo Anísio Teixeira não se podia ter escolas com princípios do exterior, as crianças brasileiras deviam ser alfabetizadas segundo os critérios nacionais.

4.1 - A Educação em Cachoeira

A escola é por excelência, a guardiã, a conservadora, a estabilizadora, a consolidadora da cultura. Teixeira (1960, p. 405)⁵³

Conforme descrevemos anteriormente, podemos observar a grande região que é o Recôncavo e refletir sobre a dimensão da produção da agroindústria e comércio que certamente refletiu na educação local, conseqüentemente, nas primeiras letras. As escolas particulares das primeiras letras na região integravam o

⁵³ TEIXEIRA, Anísio Spínola (1900-1971) – Educação no Brasil – Apresentação de Anna Waleska P.C. Mendonça. 4ª edição Rio de Janeiro. Editora UFRJ (Col. Anísio Teixeira; v.8) p.405.

reduto da nata da sociedade Cachoeirana e Sanfelixta, onde os filhos dos barões e empresários iniciavam seus estudos.

Cachoeira, até o final do século XIX estava em frenética ebulição, mas na primeira metade do século XX, já apontava o isolamento que galopava rapidamente com a chegada das estradas. Mesmo diante desse cenário, tanto economicamente como culturalmente, a educação primária particular seguia o ritmo do crescimento da cidade. Havia inúmeras escolas particulares na região e, uma delas em especial, é o objeto de pesquisa deste trabalho, a Escola Santo Antônio, fundada entre as décadas de 1920 e 1930, por Adelita Onofre da Silva, cidadã cachoeirana, que teve significativa importância na educação primária local, durante cerca de 60 anos.

Dona Dedé, segundo seus ex-alunos, mantinha a escola impecável e as crianças com fardamento, tanto para os dias letivos como também para eventos sociais dos quais a escola participava, podemos observar na narrativa de Marta Onofre, o contexto que envolve a recepção de visitante nas dependências da escola:

Tinha a gravatinha tipo marinheiro, com a gravatinha assim, (gesticulou em cima do peito) escrito ESA – Escola Santo Antônio. Tia Dedé ficou muito aborrecida, uma vez. Eu tinha um tio que era padre. Meu tio foi lá pra casa com Dom Alvares Augusto da Silva, mais ou menos isso, Cardeal Primaz do Brasil, daí foi lá pra casa. Tia Dedé fazia questão de a escola aparecer, fardado todo mundo. Aí ele virou para minha gravatinha e disse assim: “Eu Sou Azarenta!” Menina!!! Tia Dedé quase bate no Cardeal. “Azarento é eleeee, que falta de respeitito!” (representou a fala de Dona Dedé). Ela tinha uma coisa, era muito diplomática.⁵⁴

A escola seguiu no ensino das primeiras letras dentro dos parâmetros legais vigentes do período em que esteve em atividade e também acompanhou as nuances educacionais ocorridas até o encerramento da instituição escolar, que ocorreu na década de 1980. Dessa instituição educacional, mesmo extinta, foram localizados por meio de pesquisas do entorno do imóvel e contato pessoal, alguns ex-alunos que aceitaram participar do processo de coleta de dados sobre a História da Educação no Recôncavo da Bahia na cidade de Cachoeira, tendo como requisito principal ter estudado na Escola Santo Antônio até a década de 1960. Outro grupo selecionado foram os estudantes oriundos do Colégio Estadual de Cachoeira(CEC), que se formaram professores e professoras, também até a década de 1960, neste grupo havia ex-alunos do educandário que migraram para o CEC.

⁵⁴ SILVA, Maria Marta Onofre da. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 28/11/2016

Ainda valendo-se das memórias dos ex-alunos entrevistados, podemos observar abaixo as disciplinas ministradas no ensino primário no Educandário Santo Antônio, colhidos no depoimento do professor aposentado Stelino José Reis⁵⁵, sobre as disciplinas aplicadas.

Quadro 1 – Primário Elementar – Década de 50

Português
Aritmética
Geografia
História
Educação Cívica
Ciências
Desenho

Tabela 1 - Fonte: SCHLAPP, Márcia⁵⁶. Trabalho Conclusão de Curso. 2017, p. 21.

Assim como a Escola Santo Antônio, haviam outras escolas de ensino primário particular, como a de Dona Esmeralda Artz, o Colégio Marcondes Filho, que funcionava no Sindicato do Fumo que se diferenciava da escola particular, mas que era pública, pois segundo depoimento do Dr. Figueiredo, Wellington Santos (2017), “Era o sindicato fumageiro, quem pagava a professora.” No caso deste entrevistado, ele estudou no Colégio Marcondes Filho, depois na Escola Ana Neri e como a maioria dos jovens que eram aprovados no exame de Admissão, foi admitido para estudar no Colégio Estadual da Cachoeira. Nesse período o sistema não era integral, mas de dois turnos, pois os estudantes saíam para almoçar e regressavam no período da tarde, ficando em atividade escolar, até as 17 horas. O presente entrevistado, após o ginásio, seguiu no CEC, no curso de Magistério e posteriormente, graduou em 1964 pela UFBA no curso de Pedagogia. O nível de

⁵⁵Stelino Jesus Reis foi aluno do Educandário até o quarto ano, posteriormente, fez o científico e sua graduação foi em Matemática. Entrevista concedida para a pesquisadora Márcia Schlapp em 27/11/2016. (Apud SCHLAPP, Márcia – Trabalho de Conclusão de Curso – TCC 2017)

⁵⁶ SCHLAPP, Márcia. Trabalho de Conclusão de Curso /Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB - **O Educandário Santo Antônio e a Trajetória da Professora Adelita Onofre da Silva, segundo a Memória dos ex-alunos - (1950-1960)**. Cachoeira/BA. 2017.

ensino ministrado no CEC, à competência e qualidade dos professores e gestores era significativo para a aprendizagem, refletindo no que nos conta ele;

“Eu quero salientar para o seu trabalho o seguinte: Que aluno do Estadual de Cachoeira, naquela época, era sinônimo de ingresso na universidade, Federal de Medicina e Direito. Era tranquilo, tranquilo. Estudou onde? Cachoeira, já passou no vestibular”.⁵⁷ (FIGUEIREDO, 2017).

A afirmação da citação acima reforça não só a qualidade de ensino como também por corroborar como preparação e êxito para as provas do vestibular. O Dr. Figueiredo, se formou, prestou concurso, foi aprovado, tornou-se professor do curso primário em Cachoeira; no distrito de Belém e também no bairro Tororó. Tempos depois, foi transferido para o Colégio Ana Nery, também lecionando no curso primário, aprovado em outro concurso, lecionou no CEC e se aposentou no curso secundário. Graduou-se novamente pela UFBA no curso de Direito.

Da mesma forma nos contou Stelino de Jesus Reis⁵⁸, sobre sua formação desde o curso primário, no Educandário Santo Antônio até sua formação no curso de Magistério no CEC e posteriormente, graduou-se pela UFBA no curso de Matemática. Prestou concurso para professor, passando em primeiro lugar, escolheu em qual cidade e escola lecionar. Preferiu o Colégio Estadual de Cachoeira. Mais tarde mudou-se para a capital Salvador e seguiu na educação e também como Funcionário Público Federal. Aposentado, ainda é referenciado como Professor Stelino.

Tanto, o Prof. Figueiredo quanto o Prof. Stelino, relataram sobre a educação primária, com base rígida e de qualidade, que lhes proporcionaram condições para o exame de admissão ao Ginásio (consistia em uma prova para avaliar o conhecimento do educando, segundo seus conhecimentos na educação primária, sendo aprovado, ingressava no curso ginasial), no qual, ambos tiveram colocação entre os primeiros lugares dentre os aprovados. Segundo Teixeira (1967 p.287), “[...] o exame não é especialmente seletivo, nem requer quociente intelectual alto. A seleção é antes social que mental”.

Um dos ex-alunos, Dom Roque Cardoso Nonato, fundou uma escola, o Educandário Paroquial A Jesus por Maria, onde segundo ele, levou os ensinamentos para sua escola, vejamos;

⁵⁷Entrevista do Prof. **Figueiredo**, Wellington Santos, concedida a pesquisadora Márcia Schlapp em 24/04/2017, na cidade de Cachoeira/BA.

⁵⁸**Reis**, Stelino Jesus – Salvador – entrevista concedida em 30/03/2017 para Márcia Schlapp.

[...] o respeito que se tinha pelo professor, a dedicação e o exemplo que ela e seus auxiliares, tinham por seus alunos, era uma coisa que eu consegui trazer para o educandário aquilo que disse o padre Anchieta, aqui não tinha criança, o que se aprende entre 4 e 7 anos não se esquece mais, não é isso passa a ser parte viva na sua formação, então eu consegui, isso que é o respeito, ela (Dona Dedé Onofre), quando chegava a sala de aula, todos se levantavam e em silencio, nada na sala de aula só se abria a boca para tratar de assuntos da escola só, tão somente então.⁵⁹

Portanto, no que tange o ensino primário no início do século XX, observamos pouca atenção dos poderes públicos, não estavam inertes ao descaso, estavam associadas à transformações com a República. Foram administradas pelos Estados, mesmo assim se destacavam de boa qualidade. Os Estados ditavam cada qual suas regras para as normas educacionais, consoante ao que nos aponta Romanelli (1998.p.160-), “portanto, sujeitos às condições destes para legislar”. Nos diz ainda;

Não haviam diretrizes traçadas pelo Governo Federal para esse nível de ensino e isso era uma tradição que estava ligada à nossa herança colonial. Na verdade, a não ser a obra esporádica das ordens religiosas, jamais se tinha cuidado seriamente do assunto. Isso, no entanto, não significava que o ensino primário estivesse em completo abandono pelos poderes públicos. Estes vinham desenvolvendo uma ação sobre a escola primária nos Estados e através deles. Era a administração estadual que cuidava do assunto e a ela estavam afetas até então as reformas por que passara esse nível de ensino. Acontecia, porém, que a ausência de diretrizes centrais criava uma desorganização completa no sistema, já que o Estado inovava ou abandonava, de acordo com a própria política. Várias reformas do ensino, feitas pelos Estados haviam atingido em cheio a escola primária, desde a década de 1920. Mas eram reformas isoladas, que contribuíam para acentuar mais ainda as diferenças regionais em matéria de educação. (ROMANELLI. 1998. p. 160).

Essas mudanças estavam relacionadas, sobretudo à República, onde prevalecia a modernização, onde a educação esteve dividida como disse Saviane (2014), esse período foi dividido em partes, 1890 – 1930, Primeira República, posteriormente, de 1931 – 1961, onde inicia a regulamentação em nível nacional, com a criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 4024/1961. Normativas dirigidas tanto para o ensino público, mantido com recursos governamentais e privado, mantido por particulares – Igrejas, ordens religiosas ou proprietários leigos, como por exemplo, a Escola Santo Antônio, instituição particular, administrada por uma professora leiga.

⁵⁹ NONATO, Dom Roque Cardoso. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 07/12/2016.

4.3 - Patrimônio Cultural Escolar

A conservação das práticas educacionais como bem cultural, sobretudo no que tange a recuperação da memória coletiva, como processo de preservação do patrimônio cultural, nos permite acompanhar o desenvolvimento de programas educativos e culturais que envolvem não apenas a rede escolar, mas todo um cabedal de informações geradas por famílias, instituições escolares e/ou diretores, professores e ex-alunos, no intuito de difundir para as gerações futuras as práticas educativas que foram construídas naquele espaço. Nos elucida Horta (1999) sobre o contexto patrimônio cultural, vejamos:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Isto significa tomar os objetos e expressões do Patrimônio Cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos. Só após esta exploração direta dos fenômenos culturais, tomados como “pistas” ou “indícios” para a investigação, se recorrerá então às chamadas “fontes secundárias”, isto é, os livros e textos que poderão ampliar esse conhecimento e os dados observados e investigados diretamente.

A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. A observação direta e a análise das “evidências” (aquilo que está à vista de nossos olhos) culturais permitem à criança ou ao adulto vivenciar a experiência e o método dos cientistas, dos historiadores, dos arqueólogos, que partem dos fenômenos encontrados e da análise de seus elementos materiais, formais e funcionais para chegar a conclusões que sustentam suas teorias (HORTA, 1999, p. 2).

Em se tratando de patrimônio cultural, em vista das evidências geradas da história oral, sobretudo nesse projeto, selecionamos três momentos importantes para conservação do material oral coletado para possíveis pesquisas posteriores, assim adotamos a técnica de arquivamento para que possamos atender a outros interessados neste tema. Horta nos indica e impulsiona a compreendermos a relevância de nosso trabalho no sentido de expor e destacar a centralidade da figura de Dedé Onofre. O processo de preservação da memória e apresentação de suas especificidades, com efeito, naquilo que tange as características funcionais da forma

e estrutura da educação primária cachoeirana e, diretamente, baiana dentro de seu contexto se revela muito profícuo para percebermos mudanças e permanências no âmbito da escolarização nacional. Vejamos o que nos diz um dos ex-aluno entrevistados:

[...] ela se engajava na transmissão e te ajudava e te acompanhava a entender, até você adquirir, enquanto não estivesse pronto elas não te largavam não. Hoje é impossível você acompanhar os alunos. Por exemplo, nossa sala tinha cerca de 30 pessoas, eram uns 10 por fileira, pois eram carteiras duplas. Eram setorizadas, todas as classes do 1º. ao 5º. ano era um trabalho quase corpo a corpo, não se podia esconder atrás, nem jogar bolinha de papel. (risos). Tenho uma lembrança disso, muito positiva, como também tenho do seminário muito positiva, você não aprende sem disciplina.⁶⁰

Abordar os alunos egressos da escola Santo Antônio regida pela professora Dedé Onofre nos permitiu tê-los como fontes primárias para o acesso deste passado e, sobretudo, confrontar seus relatos com a bibliografia especializada que trata da organização escolar e contribuir, por consequência com as perspectivas diretas da história da educação baiana e brasileira como um todo. (SAVIANI, 2010; RIBEIRO, 1993; VIDAL, 2003; PIANA, 2009). Vejamos a seguir trechos das narrativas, sobre a educadora:

Ela fazia assim: Amanhã vamos falar sobre capitâneas hereditárias, uma suposição. Ela dava o assunto sobre capitâneas hereditárias e outra coisa sobre português. Aí, dizia Dona Dedé, vou chamar, aí vinha o 3º ano, já fazia uma algazarra, aí ela gritava que ia chamar quem quiser chamar. Chamava o 3º. ano e o 4º. ano quem ela quisesse chamar. Ela gritava que ia chamar, aí ela fazia as perguntas.⁶¹

Depois daí a gente ia embora e voltávamos de tarde. Naquela época tudo era na base da decoreba, tinha geometria, história do Brasil. Se primava pelo entusiasmo, parecia até uma escola socrática. Mas na realidade era em igualdade, vamos engolir o livro.⁶²

Por assim ser, todo registro que se apresenta na forma oral, os vídeos, as entrevistas gravadas, são tomadas como indícios e evidências deste passado averiguado e “todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas”, (THOMPSON, 1992, p.146) no intuito que nos aproximamos ao máximo desse passado e de sua materialidade e historicidade.

⁶⁰ ARAGÃO, Pedro Rouchael Lapa. Entrevista concedida à pesquisadora Marcia Schlapp em 22/11/2016.

⁶¹ OLIVEIRA, Benedita Nascimento. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 27/11/2016.

⁶² REIS, Stelino José. Entrevista concedida à pesquisadora Márcia Schlapp em 27/11/2016

Os materiais coletados e arquivados nos fornecem pistas, detalhes minuciosos e emoções da comunicação oral, por tais razões devem ser catalogadas e arquivadas na íntegra, sem nenhuma intervenção do pesquisador que busca, por sua vez, preservar o estado da arte em que se encontram tais evidências.

O segundo ponto de nosso fazer metodológico contou com ações, em relação aos materiais e dados obtidos, que foram centrais para esta produção. Logo após transcrevê-las e/ou imprimir, passaram a integrar o sistema de comunicação, em formato visual, obedecendo às normas sociais da época relatada, sem alterações. O terceiro ponto, a análise do material coletado, tornou a sua busca possível através de informações que nos direcionem a localizar outros elementos de uso escolar citados pelos entrevistados e que fazem parte do acervo familiar de cada um deles, como os cadernos, certificados, e indicações de autores de livros didáticos utilizados, por exemplo, na Escola Santo Antônio. Consequentemente, o material coletado em sua íntegra, passa a pertencer ao bojo da Cultura Escolar assim como da História da Educação Nacional.

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escalada dos dispositivos propostos pela *schoolled society* que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e seus ritos contra a qual Ivan Illich se levantou, com vigor, há mais de vinte anos (JULIA, 2001, p.10-11).

Desse modo, ainda segundo Julia (2001), a convivência escolar, no sentido antropológico, se desenvolve nos pátios de recreio e são adquiridos através de condutas e comportamentos advindos das normas e práticas vivenciadas na sociedade. Entende-se que o patrimônio cultural é formado de acordo com as referências culturais presentes na história de determinado grupo social e transmitida entre várias gerações. Quando abordamos a história passada, não existe uma única versão sobre os fatos ocorridos, as pessoas podem ter diferentes versões para o

mesmo acontecimento, por essa razão uma análise minuciosa da pesquisa realizada elucida lacunas na história e propicia melhor observação e acuidade sobre o objeto pesquisado.

As pesquisas sobre às práticas pedagógicas e seu desenvolvimento ao longo do século XX, foram modificadas com o desenvolvimento do Brasil, no entanto se as leis pontificaram a educação ao longo desse período, não houve preocupação em conservar os arquivos escolares, os cadernos, provas e diários de classe. Nesse ponto, mais uma vez, Julia (2001, p.15) nos indica que “as produções escolares foram jogadas no lixo” para abrirem espaços para novas demandas documentais escolares. O pouco material conservado foi graças aos ex-alunos, mães ou funcionários de instituições educacionais que resguardaram tais documentações em arquivos pessoais ou como lembrança de uma época que lhes fora de grande estima.

É digno de nota salientar que, se por um lado os arquivos escolares desapareceram como despojo institucional, por outro os cadernos de arquivos pessoais, como já dito, atualmente têm sido objeto de pesquisa, o que nos possibilita compreender como se desenvolveu o ensino, a aprendizagem, o planejamento, a avaliação, a organização das disciplinas, as leis, assim como os decretos e normas vigentes. Este fator é o que possibilita resgatar a historiografia da educação com maior envergadura e riqueza de detalhes. Grande parte dessa pesquisa foi embasada no material dos acervos pessoais dos ex-alunos da Escola Santo Antônio. Documentos oficiais, segundo depoimentos, foram dizimados nas inúmeras enchentes do rio Paraguassú, além da prática de exclusão já evidenciada.

Na presente pesquisa, foram encontrados, no arquivo pessoal de Marta Onofre e Stelino José Reis, cadernos de provas e certificados de conclusão do curso primário, esse material, conforme dito em Horta (1999) e Julia (2001), nos permitem pesquisar além dos limites da própria escola. Nós conseguimos visualizar, através desse material, e comparar com os demais relatos sobre a prática aplicada por Dona Dedé Onofre, em sua escola. Na atualidade, esse material de atividade pedagógica se integra como Patrimônio Cultural Escolar, individual e coletivo, uma vez que pertence ao arquivo pessoal dos egressos aqui citados.

Podemos considerar o material com maior ênfase relatado pelos ex-alunos, a prova final, vejamos o que disseram:

Pois é, ela escrevia em gótico e tal, no final do ano a gente preparava as cartolinas, era tudo trabalhado artisticamente, e tal, o resultado do seu ano escolar, vc levava pra casa, leva um “book”⁶³.

No fim do ano tinha a apresentação dos cadernos, nós comprávamos as capas com cartolinas. Com areia prateada, cola. Ah! Não tinha cola como hj não. A gente comprava a goma da mandioca e fazia o grude. Tínhamos tmb a Pena, qdo colocava no papel, Pah! Borrava tudo, tinha que ter o mata borrão para enxugar, com tinta azul real lavável permanente⁶⁴.

4.4 - As Professoras Leigas

As moças de classe média da comunidade, consideradas de boa “índole” e católicas que, de modo geral, eram indicadas para a função de professoras por meio político/familiar para lecionar no ensino primário, onde segundo Almeida (2014), a “imagem da mulher-mãe-professora” aquela que iluminava o saber e a moralidade. Essas mulheres tinham em sua maioria o ensino básico, ou seja, sabiam ler, escrever e fazer as operações básicas de matemática, não estavam preparadas para o magistério, por essa razão denominadas de professoras leigas. Não era apenas uma questão de vocação. A profissão proporcionava status social, sem contar que a docência possibilitava uma função remunerada que proporcionava a independência financeira, embora a realidade sobre as educadoras e seus vencimentos, se assemelhasse aos missionários, como nos diz Almeida (2014):

A imprensa revela que a situação profissional do professorado primário nas décadas iniciais do século XX, apesar do propalado prestígio advindo do conhecimento intelectual do qual a categoria se julgava portadora, não impedia que fosse extremamente mal remunerada. Qualidades inerentes ao ato de ensinar, como amor à profissão, vocação, missão, dever sagrado, sacerdócio, eram propagadas como principal qualificação profissional, além da importância da função social desempenhada pelos professores (ALMEIDA, 2014, p.184).

Além do exposto na citação acima, Jane Almeida (2014), sustenta que o magistério permanecia desvalorizado, sobretudo nas primeiras décadas do século XX (e até hoje assim permanece), mesmo diante do prestígio e status social. Contudo, é preciso entender que o ingresso da mulher como professora ocorreu devido à intensa necessidade de mão de obra na educação primária para atender à demanda que surgia com o crescimento populacional e ingresso escolar decorrente

⁶³ ARAGÃO, Pedro Rouchael Lapa. Entrevista concedida à pesquisadora Marcia Schlapp em 22/11/2016.

⁶⁴ REIS, Stelino Jesus. Entrevista concedida a pesquisadora Márcia Schlapp em 27/11/2016.

de movimentos desenvolvimentistas e progressistas. Com isso, houve significativa demanda do ingresso de mulheres no campo educacional, esse interesse pelo magistério primário, dava-se pelo fato destas poderem conciliar os afazeres do lar com o profissional. No que tange o início do século XX, a lei que ainda estava em vigor para a classe docente primária, ainda era regida sem alterações para as professoras, que lecionavam no ensino primário em classes multisseriadas, era a Lei nº 38.398, de 15 de outubro de 1827. A seguir abordamos trechos da referida Lei para que possamos nos inteirarmos da situação docente do período em pauta.

Esta lei implicou em um aumento significativo e contínuo de estabelecimentos educacionais como reza o seu artigo primeiro que recomenda o seguinte: “Art. 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias.”.⁶⁵ No tocante à sua valorização profissional, o artigo terceiro trata dos vencimentos docentes estavam condicionados não a uma base salarial nacional tal qual o atual piso nacional, mas às condições flutuantes de cada localidade onde as escolas seriam implantadas. Deste modo, cabia aos presidentes do conselho de educação se responsabilizarem por taxar “interinamente os ordenados dos Professores, regulando-os de 200\$000 a 500\$000 anuais, com atenção às circunstâncias da população e carestia dos lugares, e o farão presente a Assembleia Geral para a aprovação”.⁶⁶

A mesma lei nos aponta as principais temáticas e conteúdos ministrados no âmago da educação nacional àquela altura e define a abordagem disciplinar que cada professor deveria ter em seus respectivos espaços pedagógicos. Para tanto, cabe expor o seu artigo quinto que se lê da seguinte maneira:

Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil⁶⁷

Em geral, essas mulheres eram consideradas de caráter ileso e perfeito comportamento, como mencionado no Artigo 12º “ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que *sendo brasileiras e de reconhecida honestidade*, se

⁶⁵ BRASIL, LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

mostrarem com mais conhecimento nos exames”⁶⁸. Eram professoras sem o curso de Magistério ou Pedagogia. O Estado estava encarregado das práticas educativas e as professoras leigas estavam destinadas às escolas do campo e atuavam em salas multisseriadas⁶⁹.

Eram mulheres sem formação acadêmica, que detinham conhecimentos e experiências oriundas do seu núcleo familiar e social. Elas estavam perante o Estado, aptas para alfabetizarem as crianças até o quarto ano, preparando-as para o futuro, com o propósito de saberem ler, escrever e fazer as quatro operações de aritmética (adição, subtração, multiplicação e divisão).

Portanto, a contratação de mulheres para a docência primária era destinada com maior veemência na zona rural, uma vez que no Norte e Nordeste, segundo Veiga (2007), em 1920, a taxa de analfabetismo nessas regiões era proeminente em comparação outras regiões do território nacional, vejamos:

Quadro 2 – Taxa de analfabetismo em algumas regiões do Brasil em 1920

Estado	Percentual
Alagoas	14,8%
Piauí	12,0%
Pernambuco	17,8%
Bahia	18,4%
Minas Gerais	20,7%
Rio de Janeiro	24,7%
Santa Catarina	29,5%
São Paulo	29,8%
Rio Grande do Sul	38,8%
Distrito Federal	61,3%

Tabela 2 - Fonte: VEIGA, Cyntia Greive. História da Educação. 2007, p. 254

⁶⁸ Idem. (Grifos nossos).

⁶⁹ RODRIGUES, Lucas. Todos pela Educação – Classes Multisseriadas. As classes multisseriadas são uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes. <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/23412/perguntas-e-respostas-o-que-são-as-classes-multisseriadas>. Acessado em 15/12/2020.

A solução encontrada pelo governo foi intensificar o ensino, principalmente nas regiões com índices alarmantes, ampliando o número das instituições de educação.

Na ausência de um prédio escolar, podiam funcionar, inclusive, nas casas das professoras, ou casas destinadas à educação, sistema que supria parte do processo de construção da educação rural. Neste contexto, Therrien (1991) observa que:

A professora leiga é inseparável do processo de construção social da escola no meio rural. Ela é parte da comunidade que precisa se organizar na luta de defesa de seus interesses no confronto com os grupos dominantes historicamente hegemônicos na condução das políticas educacionais do Estado. É neste contexto que a professora leiga é percebida como agente de práxis social de dupla dimensão: precisa passar tanto pelo processo educativo de elaboração de uma consciência crítica (política) e de organização como trabalhadora da educação junto a outros trabalhadores da educação (associações), como deve se preparar como agente educativo específico com prática social junto à comunidade - o coletivo dos trabalhadores - da qual é parte integrante (THERRIEN, 1991, p. 2).

Dadas as especificidades desse momento histórico da educação nacional, Therrien (1991) afirma que a professora leiga era de suma importância para atender aos interesses das classes menos favorecidas e, ao mesmo tempo, cumprir as exigências do veículo que era contratava: lo Estado. Essa dupla experiência deveria ser percebida como a favor da luta de classe, da passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, como nos indica Freire (ano). Ao ser destinada para a educação no campo, uma vez que eram poucas as professoras com formação em Magistério e que desejaram lecionar no interior da capital, resultou na falta de uma política pública que atendesse a formação destas professoras. Dessa forma, este fato favoreceu o crescimento de educadoras sem formação de Magistério ou Pedagogia, no interior, sobretudo na zona rural.

É exatamente nesse panorama e contexto histórico que Dona Dedé se enquadra. É nestas condições e situação da educação que dona Dedé Onofre se insere e atua. Através dos relatos, fotos, objetos de seus ex-alunos, iremos apresentar a sua história de vida e sua atuação como docente em um período de transformações políticas e sociais no Brasil. Fazendo parte desse contexto, a memória dos egressos, nos permitiu na abordagem da história oral os benefícios na reconstrução do passado, favorecendo o presente e o futuro, através dos depoimentos podemos (re)construir a memória da educadora, agregando-a ao

conjunto das histórias de mulheres que começaram a ocupar postos de trabalho antes designados ao sexo masculino, como cargos de professoras, cientistas e das artes entre outras profissões, visando um futuro educacional digno e unificado. Como observa Thompson (2002) ao afirmar que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimulam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 2002, p. 44).

Em conformidade com a citação acima, analisamos através das fontes, mesmo não apresentando, por vezes, leituras homogêneas ou consonantes, pois cada entrevistado guarda em sua memória impressões singulares e únicas do momento vivenciado. Diante da perspectiva de uma construção qualitativa sobre a educadora, esses depoimentos contribuíram substancialmente para a (re)construção do tempo vivido. Podemos observar nas narrativas a seguir, o contexto sobre a educadora;

[...] são pessoas que não tem não tem nenhuma formação acadêmica nem ginásial elas eram só, mas que eram de uma capacidade fora do comum o barato de Dona Dede é que ela era campeã de alunos aprovados na admissão o colégio estadual de Cachoeira.⁷⁰

[...] consigo falar pra você, sobre o estreito de Bering, eu falo isso com todos. Estudava os bosquímanos, os pigmeus em Dona Dedé. Eu vim render isso, essas discursões sobre os bosquímanos quando eu estava fazendo mestrado que eu estudei; estudos étnicos e africanos que a gente tava falando sobre as construções em torno da África feita pelos alemães pela colonização pelo pos- colonialismo moderno. [...]a partição da África, depois do processo de colonização Portuguesa, Francesa do trafico depois teve uma repartição da África, to esquecendo a palavra agora, e aí eles criam essas nomenclaturas a respeito dos grupos étnicos dos povos africanos e denominaram; são os bosquímanos e hotentotes que são aqueles povos lá do sul da África mas eu já estudei isso e aí vem aquela coisa vem a tona e aí a gente estuda o canal da mancha o estreito de Bering. A gente estudava tudo na escola de Dona Dedé⁷¹.

[...] Pra gente ter uma ideia, assim, apesar de todas as mulheres serem professoras, ela mesmo, Dedé, que era professora brilhante, ela não era formada, ela não tinha, curso pedagógico. Mas ela tava tão empenhada na criação em tocar a família, em fazer viver a família que ela nem estudou. Mas ela tinha o dom. De ensinar didática, e ela tinha esse dom, escrevia em gótico correntemente entende, fazia poesia, o irmão mesmo era poeta. O outro irmão era jurista. Então, quer dizer, era um ambiente de cultura. E, essa escola foi o pilar da família, várias épocas, essa escola sustentava

⁷⁰ NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. Entrevista concedida para a pesquisadora Marcia Schlapp em 15/05/2017

⁷¹ Idem acima

todo mundo, era a escola que educava. Antônio. A escola era uma chave para entrar na vida, você saía preparado⁷².

Nessa perspectiva, analisar o contexto formativo da professora leiga, através das memórias de seus ex-alunos, significa posicionar sua trajetória na história local como profissional educadora, possibilitando a muitos de seus estudantes, alcançarem o ensino superior, inclusive 90% dos entrevistados se formaram e alcançaram o mesmo status que ela: professores(as).

4.5 - Professoras Leigas – Um Outro Ângulo.

Se nas primeiras décadas do século XX, uma parcela das mulheres se lançava no espaço profissional, em sua maioria como educadoras, hipoteticamente vocacionadas à educação. No final da década de 1960, segundo Warde (1986) a atuação desse segmento educacional entrou em debate sobre sua regularização.

O que motiva saber as ações das professoras leigas na educação escolar brasileira, tida como uma iniciativa para suprir a zona rural, sobretudo no que tange ao Norte e Nordeste brasileiro. Observamos no periódico *Em Aberto*⁷³ (1986) alguns trabalhos que abordaram essa significativa atuação educativa como de necessária "reflexão sobre a questão do professor leigo no Brasil". Partindo desse periódico do MEC, alguns artigos revelam que no Brasil já existiam indícios históricos que forçaram com que a classe leiga fosse formalizada pressionando, por sua vez, o governo para melhorar o processo de qualificação destes profissionais, vejamos na citação a seguir:

A primeira tentação que o tema do professor leigo provoca é a de vasculhar na história o número e os tipos de estudos que esse tema já gerou e, principalmente, o número e os tipos de políticas proclamadas e/ou executadas com a declarada intenção de erradicar esse mal crônico do ensino brasileiro (WARDE, 1986, p.1).

A citação acima trata da introdução do artigo publicado em 1986, intitulado *O professor leigo. Até quando?* De Miriam Jorge Warde⁷⁴, material que aborda a

⁷² ARAGÃO Pedro Rouchael Lapa. Entrevista concedida à pesquisadora Marcia Schlapp em 22/11/2016.

⁷³ *Em Aberto*, periódico de divulgação técnica do Ministério da Educação - MEC, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP. Brasília/DF. Ano 5, out/dez. 1986.

⁷⁴ WARDE, Miriam Jorge. Pedagoga, Professora Doutora, atualmente, Professora visitante da UNIFESP-campus de Guarulhos onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa, orientação junto ao Programa de Pós-graduação em Educação e organiza eventos científicos que se destinam à

situação naquele período escolar, onde o professor leigo, todavia, carecia de titulação, ou seja, ainda não era exigida a formação acadêmica para esse profissional. Nesse sentido, para melhor caracterizar o professor leigo, é preciso ir às leis de ensino vigentes dentro do recorte temporal desse trabalho, levando-se em consideração o último período apontado que é a década de 1960 onde podemos observar o que regia a Lei 4024/61⁷⁵:

Art. 53. A formação de docentes para o ensino primário far-se-á:

a) em escola normal de grau ginasial no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial será ministrada preparação pedagógica;

b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao vetado grau ginasial.

Art. 56. Os sistemas de ensino estabelecerão os limites dentro dos quais os regentes poderão exercer o magistério primário.

Art. 57. A formação de professores, orientadores e supervisores para as escolas rurais primárias poderá ser feita em estabelecimentos que lhes prescrevem a integração no meio (LDB 4061/61 – BRASIL, 1961).

Nesse período já se fazia presente a necessidade de uma melhor qualificação, não obstante, a exigência do curso de Magistério para o ensino primário ficava facultativo à região.

Em um mundo com mudanças de paradigmas, a professora leiga se adaptava de acordo com as novas situações e contextos, e para cada situação, suas habilidades e conhecimentos se adequavam, por isso, elas não desapareceram, mas foram se adaptando ao novo formato exigido pela Lei, quiçá na formação no curso de Magistério ou na formação acadêmica e/ou pedagógica. Lembrando que nas primeiras décadas do século XX não havia espaço para o feminino, não era simples para as mulheres estudarem nesse período. Por esse ângulo é que devemos valorizar a luta das mulheres, pois há poucas décadas e séculos elas lutaram para o que temos na contemporaneidade. Olhar para o passado e ver como as histórias foram construídas, nos conecta com a importância do tempo vivido, e o produto final dessa pesquisa surge como a valorização do papel feminino, da educadora, e abrir um espaço expositivo virtual que permita conhecer uma dessas mulheres que estava oculta na história local. Dona Dedé Onofre, não é a única, nem a última, mas certamente estimulará novas pesquisas sobre a educação primária e leiga.

comunidade acadêmica e escolar desde 2013.

⁷⁵ BRASIL, LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/108164/lei-de-diretrizes-e-base-de-1961-lei-4024-61>>. Acessado em 06 abr.2021.

5 – A INVISIBILIDADE DO POVO NEGRO NA EDUCAÇÃO

Segundo Cunha⁷⁶ (2005), entre 1890 até 1940, não existem referências sobre a composição étnica e as documentações não indicam professoras, professores e alunado no quesito cor. Não significa que não estavam presentes em salas de aula, lecionando ou como estudantes, possivelmente essa parcela da população brasileira foram limitadas o que dificulta na localização documental, levando o pesquisador a recorrer para outras fontes, como por exemplo, as iconográficas, textos de jornais e revistas da época sobre a temática das relações étnico-raciais no País.

Com relação às mulheres educadoras negras, já ensinavam, sobretudo as tradições do povo, a preparação culinária ou os cuidados da casa. Com o final da escravidão, essas mulheres em sua maioria, cozinheiras, domésticas, lavadeiras, engomadeiras, amas-secas, que segundo Fraga (2014), era o setor doméstico feminino saído dos engenhos que mais se destacavam na pós Lei Áurea. As duas cidades, Cachoeira e São Félix, abarcaram a população que buscavam trabalhos no comércio e também nas fábricas, vejamos a seguir;

Os homens e mulheres que abandonaram os engenhos, após a abolição, enfiaram uma conjuntura de crescente controle, pelos poderes municipal e provincial, das profissões tradicionalmente exercidas por pessoa de cor negra. Sabe-se que, nos anos finais daquele século (XIX), alguns centros urbanos do Recôncavo se destacaram como importantes polos de atração da população livre e liberta. Além de Salvador, Santo Amaro, São Félix e Cachoeira contavam entre os principais centros urbanos da região do açúcar. Cabe ressaltar que tanto Cachoeira como São Félix comportavam uma população flutuante constituída de trabalhadores residentes nas freguesias rurais próximas, que se deslocavam diariamente para as fábricas de charutos e retornavam no final do dia. (FRAGA. 2014, p.322-323).

Se faz imperativo registrar que ao fazermos o levantamento sobre a educação, dispo de a mulher como parcela significativa na (re)construção da formação docente nas primeiras décadas do século XX, preservamos a memória que traz a seguinte exposição:

Ao admitirmos a perspectiva memorialística como ato formativo, no campo das relações etnicorraciais, estamos assumindo que esse argumento a partir de si mesmo, é a autorização e a autolegitimação do povo negro e

⁷⁶ CUNHA, Lídia Nunes. História da Educação do Negro e outras histórias/Org.: Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. A população negra nos conteúdos ministrados no curso normal e nas escolas públicas primárias de Pernambuco, de 1919 a 1934 – Brasília: MEC. 2005, p.222.

afrodescendente, sobre sua própria história, sobre a narração e a fabricação de sentidos da sua existência. (DIAS, 2020. p.613).

A valorização da memória, através da História da Educação, nos permite o recorte relacionado à mulher educadora, independente das limitações metodológicas, reafirmamos a necessidade de discutir os debates em torno dessas mulheres que por sexismo, racismo e patriarcalismo foram subjugados e destinados ao esquecimento.

Ao pesquisar essas mulheres e as protagonistas negras na educação brasileira, trazemos para a contemporaneidade reflexões das ações que tiveram que tomar para alcançarem seus objetivos tanto para as questões de gênero e igualdade racial, que amplia nosso campo de estudos, uma vez que questões raciais eram poucas ou não abordadas abertamente no início do século XX.

Ao abordamos a mulher na educação, não podemos deixar de explanar sobre a educação primária para os negros. Contudo essa temática se faz necessário mais estudos e pesquisas, para realçar às futuras gerações as lutas não só pela liberdade do povo negro, como também pela educação igualitária para todos, que se deu no contexto social do início do século XX, levando-se em consideração as pesquisas deste trabalho em questão.

Diante desse contexto, a luta pela educação para os negros no Brasil, caminhava paralelamente sob as diretrizes da primeira República, entre o final do século XIX e início XX. Podemos dizer; que esse momento histórico estava envolto e fortemente embasado pelas novas orientações educacionais, por consequência da formação da nova sociedade brasileira, tanto social como culturalmente, as discussões estavam também direcionadas ao campo educacional:

Dentro do movimento de construção de um país unido, coeso, inserido no ideal de modernização a ser seguido, a inserção da população negra era um ponto fundamental. Ou seja, a preocupação com a especificidade da herança escrava: o atraso – atribuído aos egressos do cativo e seus descendentes – ameaçava atrapalhar os planos de forjar a nação que se desejava – uma nação *civilizada* ou, em outras palavras, *branca*. Essa preocupação pode ser vista desde o início do século XIX, quando a iminência do fim do regime escravista já era discutida⁷⁷. (BARROS, 2005, p.81).

⁷⁷ História da Educação do Negro e outras histórias/Organização: Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. 278p.(Coleção Educação para Todos).

No advento da primeira República, a população carente e negra, estavam espalhadas por todo o país e uma parcela ocupava os setores comerciais, de transportes e serviços domésticos, “esta população era três vezes maior do que a ocupada na indústria”, diz Carvalho⁷⁸ (1987, p.153). Contudo, outra parcela dessa população era de desocupados. Esses desocupados, que na pós-abolição foram descartados de suas ocupações, ficando eles à própria sorte.⁷⁹ (FILHO, 2006) Eram capoeiras, tidos como vadios e perigosos, eram bem articulados, preocupando os governantes, pois mesmo desarmados conseguiam intimidar a polícia da época, uma vez que a capoeira já era uma luta de resistência contra o sistema escravocrata. Essa resistência acarretava conflitos com o governo, favorecendo manifestações populares, as greves por melhores condições de vida e de trabalho.

Mesmo diante desse diagnóstico, muitas dessas manifestações eram unidas entre o poder popular e outra parte por intelectuais, pela inserção no processo de escolarização, além de quê, mesmo na periferia o povo negro batalhava por uma cidadania plena desejosa e, estando esperançosos por lugar legítimo na construção de nação brasileira, mesmo à margem da sociedade constituída, forjada por uma oligarquia escravocrata cuja mentalidade norteadora versava no binômio: higienização e civilização. (STEPAN, 2004.)

As lutas eram em defesa da instrução pública para todos, conseqüentemente, mesmo diante da baixa presença da população negra nas escolas, existiam trabalhos voltados para essa parcela da população brasileira. Contudo, não se pode negar que muitos pensadores da educação, estavam preocupados de como a instrução da população afrodescendente foi negligenciada com relação ao ensino.

6 - A EXPOSIÇÃO

Há cerca de doze anos desenvolvo atividades culturais como produtora cultural, com ênfase em exposições artísticas e na produção de exposições de artes visuais e escolares. Diante desse eixo expositivo, eclodiu a ideia deste trabalho científico e montar uma exposição individual sobre Dona Dedé Onofre, com objetos

⁷⁸ CARVALHO, José Murilo de, Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, CIA Letras, 1987, p.18.

⁷⁹ Como aponta Walter Fraga Filho, mas que não se mantiveram assim sem negociação e desenvolvimento de suas próprias providências *sui generis* diante de senhores de engenho e “proprietários de escravizados injustos.

e fotos dos arquivos dos ex-alunos, que colaboraram com esta pesquisa. Tendo como propósito a intenção de tornar (re)conhecida da população da cidade de Cachoeira e rememorar àqueles que, por questões geracionais não lograram tomar conhecimento sobre a trajetória de uma professora leiga na educação do ensino primário do século XX, agregando à pesquisa o material pedagógico recolhido e que traduz o contexto desta história.

A exposição é ato reflexivo, pois exige do espectador a participação ativa e pensativa sobre a imagem transmitida. Através da prática alicerçada em teorias documentais, pudemos desfrutar de imagens postas nas paredes ou projetadas virtualmente que podem cativar o visitante pelo teor da obra, pelo tema, contexto e qualidade do material exposto.

Seguimos à risca os padrões de exigência do âmbito das atividades de exposições temáticas e com implicações e relevância históricas para garantirmos os melhores efeitos e resultados. Para tanto, às indicações de Godoy nos sugeriram que ao se pretender alcançar e atingir, de forma implicada e sensível o público-alvo desejado, o expositor deve ter em mente que

Para garantir resultados mais agradáveis e educativos em qualquer exposição, é essencial definir o público-alvo e o objetivo do museu a fim de se obter o conhecimento necessário para desenvolver uma abordagem apropriada e aprender a partir de experiências (GODOY⁸⁰, 2001, p.12).

As exposições além de serem feitas com atenção e criatividade, devem também ter em foco, o público visitante. Para tal, usar uma dinâmica atrativa, simples e direta, sem rebuscar os textos, além de ter cuidado ao nomear os objetos com termos técnicos para não se tornar incompreensível ao público. Estes são aspectos fundamentais que devem ser observados para manter a qualidade do trabalho.

Uma exposição deve ser clara, objetiva e sucinta, proporcionar ao visitante satisfação e conhecimento diante da pluralidade exposta. Levar a exposição virtual para o sistema escolar, como ferramenta de comunicação com congruência e fundamentos próprios objetivando fluidez com relação às tradições culturais e história local. Evidentemente, a exibição causará efeitos e resultados heterogêneos

⁸⁰ GODOY, Solange de Sampaio, é museóloga e dirigiu o Museu de Arte Moderna de Resende, o Museu do Primeiro Reinado e o Museu Histórico Nacional coordenando, neste último, a montagem do atual circuito de exposições de longa duração.

devido a subjetividade de quem interpreta a partir de seus próprios referenciais, além de considerarmos seus pontos específicos de concentração em relação à exibição. De modo análogo, ela terá diferentes pontos de vista para cada grupo do alunado ou demais públicos visitantes, uma vez que são locais onde as ideias circulam, e de serem espaços onde afloram os questionamentos. Esse reflexo expositivo ajudará a esclarecer os objetivos pretendidos com este projeto paradigmático na expansão do universo histórico sobre parte da educação primária local e as relações das professoras leigas do período pesquisado.

A Exposição Dona Dedé Onofre: as memórias dos egressos da Escola Santo Antônio, apresenta em seu contexto expositivo, fragmentos das narrativas dos ex-alunos, reproduções de fotografias antigas, livros didáticos, caderno de prova final, fotos de objetos que foram utilizados na Escola Santo Antônio.

O material expositivo selecionado faz parte do acervo familiar dos entrevistados, Prof. Pedro Lapa Aragão (entrevista realizada em 22/11/2016 Cachoeira/BA); Prof. Stelino José Reis (entrevista realizada em 27/11/2016 – Salvador/BA); Eng. José Aluísio Souza de Santana (entrevista realizada em 26 de maio de 2017); Prof.^a Benedita Nascimento Oliveira (entrevista realizada em 27/11/2016 - Salvador/BA); Prof. Roque Cardoso Nonato - Dom Roque, Cachoeira/BA (entrevista realizada em 07/12/2016); Prof. Luiz Cláudio do Nascimento (Cacau Nascimento) (entrevista realizada em 15/05/2017-Cachoeira/BA) e prof.^a. Maria Marta Onofre (entrevista realizada em 27/11/2016 – Salvador/BA), que gentilmente nos cederam seu tempo e acervos pessoais para este trabalho.

Para dar ênfase ao conteúdo e imbuir a exposição com maior atratividade, utilizamos também alguns trabalhos dos artistas; Pirulito, Suzart e Isabela Seifarth, que são artistas conceituados de origem do Recôncavo/BA. Seus trabalhos estão entre as narrativas e na reprodução da fotografia de Dona Dedé Onofre. Foi enviado para eles, parte da explanação dos ex-alunos e desse ponto em diante a criação parte da interpretação de cada artista. Após a curadoria do material para a exposição, demos início a montagem das peças, agrupando e relacionando os itens constitutivos da exibição com as narrativas dos entrevistados na medida em que a proximidade entre as peças e as narrativas se tornaram evidentes e irrefutáveis. Todas estas decisões não deixaram, em momento algum de levar em conta o público alvo, destinatário desse material, onde o foco expositivo alveja os cidadãos cachoeiranos em geral, assim como os estudantes do ensino Fundamental e Médio,

além do público interessado nas pesquisas em educação, no contexto local, pensamos que:

A exposição, após definição do projeto, deve ter em primeiro plano o senso comum: Diz o senso comum que acervos, educação e exposições são elementos inseparáveis no processo museológico. Acervos e educação são elementos inseparáveis de qualquer exposição (ROWLAND-JONES⁸¹, 2001 p. 29).

Nesse sentido, ao organizar uma exposição virtual sobre a educação, e levá-la para além do espaço tradicionalmente destinado às exposições de artes, não se limita apenas à escolha das peças, mas implica em planejamento e diversidade das amostras, pois o impacto educativo se estende para os demais públicos, locais ou não, uma vez que não se trata de uma exposição física e sim virtual, onde segundo CURY (2005, p.91), “intervir positivamente na relação do público com seu patrimônio cultural por meio de exposições” é a incumbência de uma proposta democrática que leva a este mesmo público um trabalho de flexibilidade e preservação de sua história.

O material fotográfico selecionado, passou por tratamento, na nitidez e algumas fotografias antigas, receberam coloração, não houve correção das rasuras que o tempo criou, pois nesse sentido, a preferência é o tempo passado e suas memórias. As fotografias englobam não apenas a imagem da professora leiga Dedé Onofre, mas parte do cabedal educacional que envolveu a Escola Santo Antônio.

Os livros didáticos, caderno de prova final, fotografias, e o sino utilizado por Dona Dedé Onofre, fazem parte de acervo familiar, não fazem parte de arquivos escolares, nem foram encontrados no arquivo público, motivo esse, que resultou em grande comoção por parte dos entrevistados ao selecionar e compartilhar esses itens para compor o projeto. Dentre os materiais fornecidos, consta um caderno de prova final que segundo Mignot⁸² (2013), nos aponta:

Como já foi observado, os cadernos escolares até bem pouco tempo, eram pouco examinados, pois tanto no Brasil como no exterior, não se valorizava estes documentos como fontes e/ou objetos de estudos históricos. Interessados em processos de alfabetização e escolarização, disciplinas escolares e currículo, historiadores da educação começaram a se voltar

⁸¹MARK ROWLAND-JONES, Secretário de Desenvolvimento de Museus, Stockton-on-Tees Borough Council. Planejamento de Exposições – Alguém para amar: Aumentando o impacto de uma exposição. p. 31.

⁸² MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade do Estado do Rio de Janeiro Pesquisadora do CNPq. Um certo objeto-memória:apontamentos sobre cadernos escolares. 2013, p. 4.

para a escrita escolar e seus suportes, tomando os próprios cadernos como fonte/objeto de pesquisa (MIGNOT, 2013, p. 4).

Durante a pesquisa para encontrar materiais utilizados na ESA para o presente trabalho, nos levou a perceber que, localizar cadernos e outros elementos escolares utilizados na escola é uma tarefa complexa ao passo, que eles são de difícil acesso, por isso consideramos a Prova fornecida por Marta Onofre, como um grande exemplar para o projeto. Essas fontes formam o quebra-cabeça desse legado docente, em que a perspectiva do narrador não se limita às recordações ou a documentos. A experiência vivida fica fixada na memória aguardando que através do interlocutor escolham em qual passado elas serão enunciadas.

Nesse sentido, os autores Meihy e Seawright (MEIHYE SEAWRIGHT, 2020, p. 64.), afirmam que o procedimento de decodificar a memória não obedece a uma engessada regra, mas em entrevistas abertas discursivas, “sem maiores interferências dos entrevistadores”, permitindo voltar ao passado de forma prazerosa e favorece a desenvoltura das narrativas dos entrevistados.

A Exposição Dona Dedé: as memórias dos egressos da Escola Santo Antônio, visa incentivar o desabrochar do olhar crítico para preservar a memória através do público cachoeirano a partir da exposição da historicidade de uma cidadã proeminente de sua cidade usando como recurso a interação virtual em formato de exibição. Sua ação cultural possui recursos tecnológicos no processo da produção do conhecimento, desta forma, aproximando ludicamente o público escolar, a comunidade de Cachoeira e demais visitantes, para a importância da preservação da cultura escolar e para a memória de Dona Dedé Onofre a partir da exposição. O objetivo é fortalecer a percepção do participante sobre a necessidade da preservação da memória escolar através do ponto de partida, que são as narrativas dos ex-alunos, agregados com a exposição.

Estas ações reforçam e valorizam a história local através das vivências dos educandos sobre o que é a memória assim como o desenvolvimento de percepções acerca das narrativas de seus conterrâneos e a importância das professoras das primeiras letras na educação. Retirando o educando da condição de mero ouvinte e conduzindo-o ao *status* de idealizador de opiniões sobre o passado refletido no presente. Como podemos observar Lopes; Faria Filho e Veiga:

Educação como mediação, referência por meio da qual as relações na sociedade e na cultura são construídas de uma maneira e não de outra. O

que há de mais antigo e de mais universal que escrever sobre educação? Orientais, ocidentais, ao norte ou ao sul, letrados ou não, transmitiram saberes, conhecimentos, leis e emoções. Educaram, daqueles e daquelas que nos educaram e dos nossos pais, mães e avós que sabemos? Que planos traçaram para um futuro do qual nada sabiam, mas ao qual auguraram sucesso com as forças e fraquezas de que dispunham? Da educação de tudo sempre se saberá e de nada se saberá (LOPES; FARIA FILHO E VEIGA, 2016, p. 16).

Para tanto a formação do público, para a apreciação da exposição, entendimento, preservação e a criação artística, visa estimular o conhecimento da história regional, bem como, evocar a memória do passado e presente a uma discussão sobre o futuro, essa troca de saberes, esse contato com o passado, irá produzir e criar um novo ambiente de apreciação da história local, oriundas do Recôncavo, uma vez que, cada educando possui ambiente histórico retratado em sua vida escolar e familiar, permitindo aos participantes a possibilidade de se tornarem agentes ativos desse processo histórico.

A exposição poderá ser visitada através da plataforma do YouTube na página de pertencimento da mestrandia Márcia Schlapp, como produtora cultural e Historiadora, autora do presente relatório e responsável pela construção desse bem cultural. O endereço para visitação na plataforma do YouTube: <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>. O período expositivo ficará disponível por tempo indeterminado.

Importante citar a riqueza de detalhes nas narrativas, particularmente, foi muito gratificante adentrar ao passado através do que nos forneceram, nos remetendo a uma dimensão de ouvinte sobre suas experiências no transcorrer da vida escolar.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fundo do rio Paraguassú! Quando ouvi essa expressão pela primeira vez, não pude deixar de imaginar sobre as inúmeras enchentes que ocorreram nas cidades de Cachoeira e São Felix no Recôncavo baiano, em seguida, entristeci, pois me foi dito que toda a história da professora leiga, Dona Dedé Onofre estavam submersas. Logo depois, gostei. Visualizei sua história repousando nas profundezas, esperando ser resgatada.

Afinal, o que têm no fundo do rio Paraguassú? vasculhamos seu leito e trabalhamos a história da educação através das memórias dos egressos da Escola Santo Antônio, partindo do princípio que sua fundadora e educadora que podemos dizer nas vertentes atuais e segundo os entrevistados, de se tratar de uma mulher empoderada, com consciência constituída de ações em prol da educação primária, direcionada para centenas de meninos e meninas que estudaram ao longo de aproximadamente 60 anos em sua escola.

Segundo depoimentos colhidos, ela detinha uma postura austera e soube driblar o machismo imposto pela sociedade vigente do período em que esteve trabalhando e permanece viva, nas memórias de seus ex-alunos, indício de sua atuação enquanto professora leiga, dedicados à educação primária. Certamente que existiram outras escolas particulares e outras professoras leigas na cidade de Cachoeira/BA, contudo, reservei para essa pesquisa a professora leiga Dedé Onofre, não só pelo fato da frase que iniciei as considerações finais, mas pelo desafio crescente sobre sua vida, enquanto docente através das memórias de seus ex-alunos.

A questão que instigou essa pesquisa, nasceu da curiosidade que me foi induzida, principalmente pelo ex-aluno e Engenheiro José Aluísio, que ao visitar algumas exposições que realizei entre 2011 até 2016, no imóvel onde funciona o Núcleo de Memória e Documentação - NUDOC/UFRB, contou-me sobre sua experiência escolar, no período de sua infância e sua relação com a professora leiga Dona Dedé Onofre. Ficando as lembranças vinculadas ao imóvel ora reformado. Foi, sem sombra de dúvidas, o estopim pelo qual me dedico desde 2016 às pesquisas em História da Educação.

As memórias que revelaram a educadora, na perspectiva de seus ex-alunos revelou uma mulher que delimitou um espaço em sua casa, onde funcionou a escola por cerca de seis décadas. Navegar nas histórias contadas pelos entrevistados, repercutiu na construção dessa pesquisa, enfrentando os desafios e resistências que ora foram surgindo pelo caminho. O respeito por cada um dos entrevistados cresceu, pois, cada expressão, cada lágrima de emoção que surgia, se transformava em fonte de energia para seguir adiante.

A utilização das memórias do ponto de vista dos ex-alunos da educadora bem como do estabelecimento escolar, instaura-se como fértil campo no processo da (re)construção das experiências: pessoal, social e cultural, vinculados ao

espaço/tempo em que está incorporado. Através dessas entrevistas, conseguimos destacar a importância da memória histórica contida nas narrativas sobre a experiência vivida dos entrevistados com relação à Dona Dedé Onofre e a Escola Santo Antônio, fica evidenciado que a educadora produziu marcas significativas, no sentido do processo de aprendizagem.

Dos entrevistados, apenas dois são caucasianos, os demais, afrodescendentes e durante os depoimentos revelaram que a Escola Santo Antônio, era aberta para todos os interessados cujo os pais escolhessem essa instituição para o ensino escolar de seus filhos. Segundo o depoimento do Sr. Pedro Aragão (2016) a escola de sua tia recebia os abastados e os que não podiam pagar, recebiam bolsa de estudos. Com relação ao tratamento dispensado na escola, segundo os entrevistados, não havia diferença, inclusive com relação à religião. Segundo Veiga⁸³ (2016), os registros sobre a presença de crianças negras nas escolas, não eram quantificadas nas primeiras décadas do século XX, estavam invisíveis diante das documentações.

Ao abordarmos as memórias dos entrevistados, foi possível desvelar não só a professora leiga Dona Dedé Onofre, como também o cotidiano da Escola Santo Antônio e o desenvolver da cidade de Cachoeira margeado pela História da Educação. As entrevistas foram realizadas nas residências dos selecionados, onde isoladamente sem precisão igualitária, cada um dos ex-alunos mantém uma memória única.

Segundo Levi (2006), os fragmentos das memórias, nos permitem compreender que são capazes de elucidar o passado, preencher lacunas da história e, se aproximar ao máximo do objeto pesquisado, esses fragmentos nos forneceram características sobre a trajetória da educadora e da Escola Santo Antônio. Embora os dados coletados individualmente, as histórias se entrelaçam dando um formato indispensável na construção do perfil da educadora.

Para consolidar esta pesquisa, juntamos as entrevistas, selecionamos fragmentos das narrativas, fotografias cedidas dos arquivos pessoais dos entrevistados, fotografias dos objetos encontrados e trabalhos de artistas locais,

⁸³ VEIGA, Cintia Greive. História da educação dos negros no Brasil / Marcus Vinícius Fonseca; Surya Aaronovich Pombo de Barros (Orgs.). **Promiscuidade de cores e classes": tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira**. Niterói: EdUFF, 2016, p.271

também relacionados às narrativas e, montamos uma exposição, que inicialmente, dar-se-ia, nas dependências do Núcleo de Memória e Documentação – NUDOC/UFRB, com as demandas de isolamento por conta da COVID/19, migramos para versão virtual.

A exposição contou com uma série de imprevistos, uma vez que nunca havia feito trabalhos nessa vertente. Foram analisados inúmeros meios para apresentar a exposição como sites, páginas nas redes sociais, vídeos e optei pelo site. Pagamos a hospedagem para ser utilizado por dois anos, o que daria tempo suficiente para trabalhar nas escolas. Com a pandemia, o prazo expirou e não houve condições de mantê-lo. Novas buscas, análises e testes. Por fim, preferi hospedar o trabalho, na plataforma do YouTube, porém, ainda faltava fazer o vídeo da exposição, se iria usar as imagens gravadas, se as fotos seriam coloridas e qual o som de fundo, muito trabalho em pouco tempo.

Os Imprevistos:

- 1) Criação do site OBPA – Objeto de Pesquisas e Artes;
- 2) Encerramento das atividades do site;
- 3) Custo para renovação inviável;
- 4) Elaboração: Desing gráfico (cinco profissionais, não atenderam por conta dos custos que não dispunha);
- 5) Pesquisas nas redes sociais para levantar meios de fazer sozinha todo o processo de elaboração gráfica;
- 6) Dificuldades em manejar as ferramentas nos programas disponíveis na internet para o segmento das artes;
- 7) Poucas imagens e muitos textos;
- 8) Mudança do processo de pesquisa, desejava entrevistar as mulheres professora oriundas da Escola Santo Antônio, por conta da epidemia, retomei com os ex-alunos. Naquele momento, além de não sair de casa, as idosas não estava disponíveis ou morreram.
- 9) Qualidade do material fotográfico antigo e exposto de baixa qualidade;
- 10) Chikungunha – 2020, atrasou o processo por questões de saúde;
- 11) Covid 19 – 2021 – um ano depois, esse vírus causou dores que impossibilitaram minhas atividades, mentais e físicas. E, as sequelas físicas, ainda em tratamento.

Finda as idas e vindas dos inúmeros modelos de gravações, o resultado dessa pesquisa foi a elaboração do material didático, na forma virtual: Exposição Dona Dedé Onofre: as memórias dos egressos da Escola Santo Antônio, com endereço para visitação: <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>,, sua aplicabilidade que permite tempo de visitação sem prazo determinado e interação do público visitante. Devemos considerar que o crescimento dessa ferramenta (YouTube) já existente, possibilita também, acesso em sala de aula, seja através de aparelhos: celular, notebook, televisão ou projeção (desde que seja baixados da internet).

O Apoio na reta final:

- 1) Auxílio da elaboração do trabalho de vídeo;
- 2) Ativação da minha página no YouTube para hospedagem do trabalho didático;
- 3) Criação dos slides;
- 4) Localização da música de fundo (foram cerca de 280 músicas até chegar na escolhida);
- 5) Descobri um programa o MyHeritage⁸⁴, site que disponibiliza melhoria nas fotos e animações;
- 6) Conheci o data.ai (removedor de fundos⁸⁵) site que além de melhorar as imagens, permite trocar os fundos e fazer colagens com as fotos. Utilizei para criar o card de divulgação da exposição
- 7) Gravação do áudio. Foram cerca de 10 horas entre os mecanismos utilizados e a parceria com os amigos Rosário Suzart e Persival Magalhães, que proporcionaram a realização desse processo.
- 8) Descobrir no final da gravação que Rosário Suzart é filha de um ex-aluno de Dona Dedé Onofre, foi sem dúvida, incrível. Fechar esse ciclo compartilhado com pessoas que me apoiaram é a merecida homenagem que dedico às educadoras.

Foi importante utilizar as novas alternativas metodológicas que estão disponíveis virtualmente, para serem usufruídas de modo interativo, possibilitando

⁸⁴ <https://www.myheritage.com.br/deep-nostalgia>

⁸⁵ <https://www.data.ai/en>

adaptar novos trabalhos onde o estudantes possam enxergar além dos livros de História. A exposição poderá ser visitada por tempo indeterminado, o endereço para acesso é: <https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>.

Concluimos que apesar das adversidades dos últimos dois anos, foi possível reforçar que as pesquisas em educação, nos possibilitou a abordagem sobre a memória e história da educação local, através de uma professora leiga, da educação privada, possibilitou abordagem sobre o racismo e preconceito. Atinar a professora leiga Dona Dedé Onofre, contempla a história da educação não só por sua dedicação às crianças, mas também que sua escola acolheu negros e brancos, ricos e pobres, onde todos foram tratados com igualdade e respeito.

Ao utilizar este material em sala de aula o professor de história podera elencar os diversos pontos que abordam não só a educação, como um todo, mas a representação do que é ser professor e sua identidade docente ao longo do tempo.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA
DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS**

ANEXO I

Exposição Dona Dedé Onofre: As memórias dos egressos da Escola Santo Antônio.

Visualização através da plataforma do YouTube:

<https://youtu.be/hvd8IN1fpAE>

Material complementar, apresentado à banca de defesa do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da UFRB, como requisito para obtenção do Grau de Mestre, na área de concentração em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas.

Mestranda: Márcia Schlapp

Orientadora: Prof.^a Dra. Solyane Silveira Lima

Coorientador: Prof. Dr. Sérgio Armando Diniz Guerra F^o.

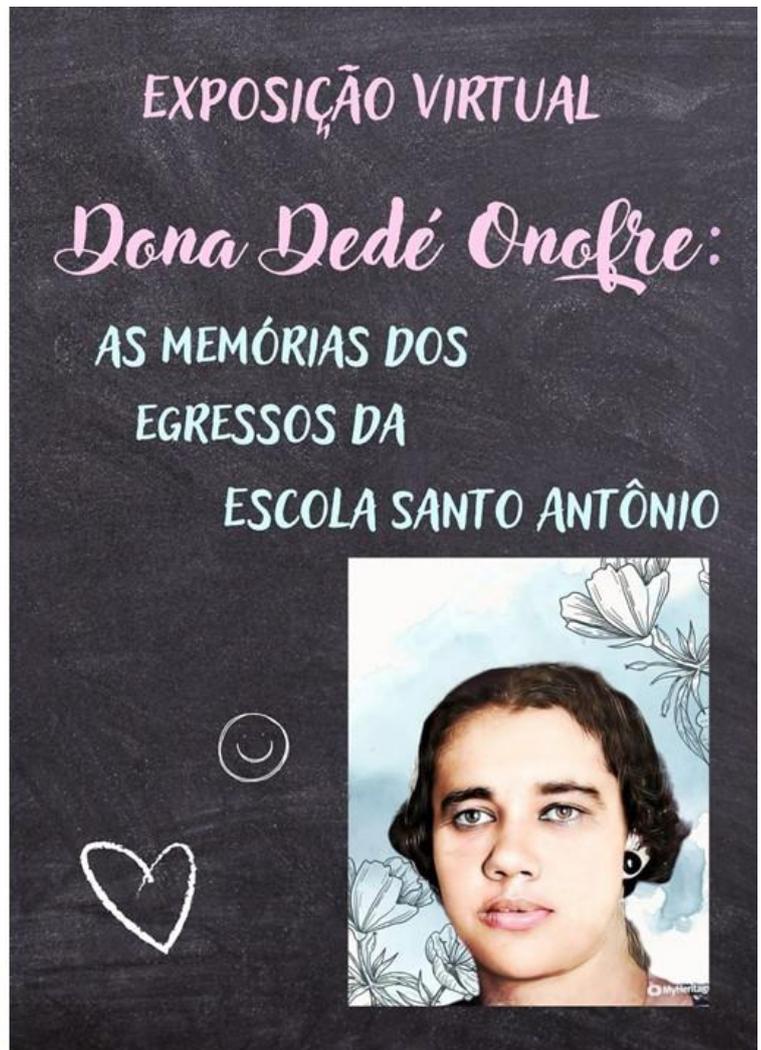


Figura 1 - Abertura da Exposição virtual Texto e cartaz da exposição



Acervo: Família Onofre, – 2016.

A Exposição

A exposição Dona Dedé Onofre: as memórias dos egressos da Escola Santo Antônio, surge da iniciativa de sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da preservação e valorização da História Local, através da História da Educação.

A Exposição

Este trabalho é parte da pesquisa sobre Dona Dedé Onofre, professora leiga que esteve à frente da educação primária de 1920 até 1980.

Material didático este, que irá dialogar, na disciplina de História sobre o valor do ensino primário no contexto da História Local.

Foram utilizados fragmentos das entrevistas realizadas com ex-alunos sobre suas memórias com relação a professora. Apresentamos também, fotografias antigas da educadora, de objetos que foram utilizados por Dona Dedé Onofre. Prova e livros didáticos dos ex-alunos.

Desenhos foram elaborados por artistas locais, que trabalharam também com trechos das entrevistas para melhor representar o tempo narrado.

Material embasado na Lei 9394/96 que estabelece a obrigatoriedade do ensino relativo a história local na disciplina de História do Brasil.

Márcia Schlapp

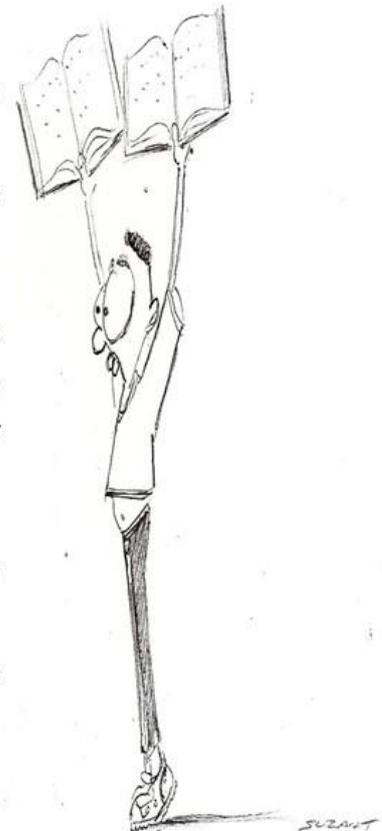


Figura 3 – Resumo da exposição – Texto curatorial

Professora Leiga Adelita Onofre
da Silva
(Dona Dedé Onofre)

As mulheres na História sempre foram relegadas ao papel de esposas, mães e donas de casa. Porém, Dona Dedé Onofre, personalidade marcante no cenário educacional tornou-se, professora sem ser formada.

“Pra gente ter uma ideia, assim, apesar de todas as mulheres serem professoras, ela mesmo, Dedê, que era professora brilhante, ela não era formada, ela não tinha, curso pedagógico”.

Narrativa de Pedro Lapa Aragão em entrevista concedida no dia 22/11/2016.
Cachoeira/BA



Figura 4 - A mulher educadora

Memórias – O abraço



A gente chegava, era aquele abraço maravilhoso, na saída também. Até hoje escrevo daquela mesma maneira, que ela colocava naquele quadro, bonita, bordada, educada. Ela foi uma pessoa tão marcante, tão marcante que até hoje me emociono.

Narrativa do Profº. Estelino José Reis.
Entrevista concedida em 27/11/2016 –
Salvador/BA

Figura 5 - Memória que embasou o artista Suzart, a construir a representação do trecho da narrativa sobre o abraço marcante que ficou na memória de seu ex-aluno.

Dona Dedé Onofre

...] são pessoas que não tem, não tem nenhuma formação acadêmica, nem ginásial elas eram só, mas que eram de uma capacidade fora do comum o barato de Dona Dede é que ela era campeã de alunos aprovados na admissão o colégio estadual de Cachoeira [...]

Narrativa de Prof^o. Luiz Cláudio do Nascimento (Cacau Nascimento). Entrevista concedida em 15/05/2017. Cachoeira/BA.



Figura 6 – Representação da amizade. Artista Suzart

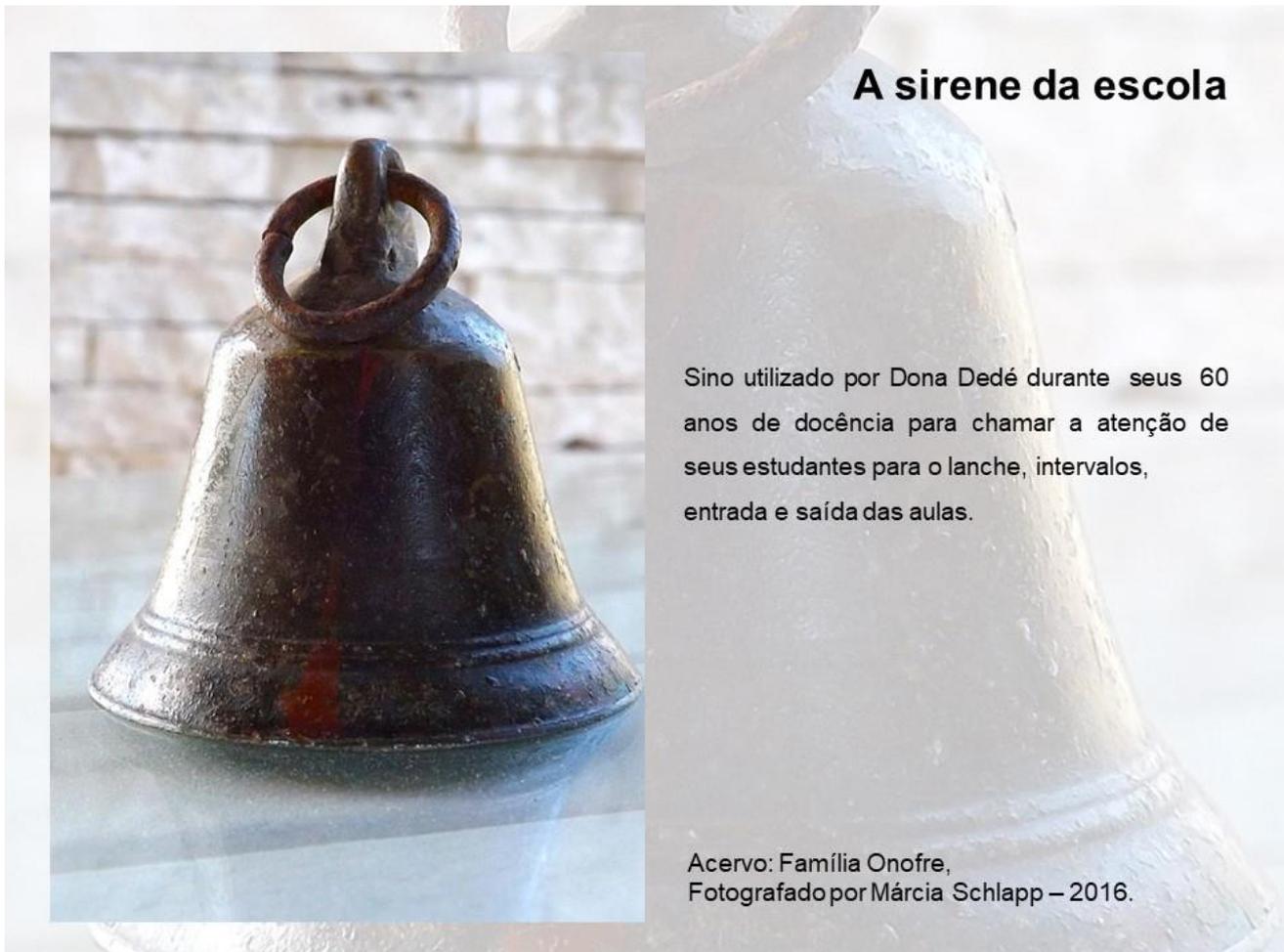


Figura 7 – Material de apoio – Sino utilizado por Dona Dedé Onofre. Fotografia do original. (Schlapp.M)

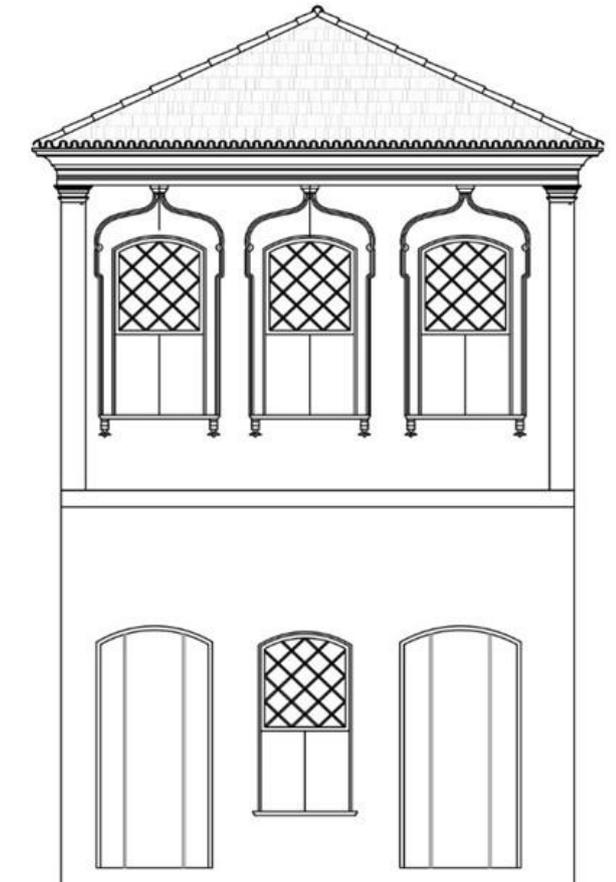
A Escola Santo Antônio

Dona Dedé Onofre, fundou entre as décadas de 1920 e 1930 o Escola Santo Antônio, que ficou em atividade até a década de 1980. O local da escola era o mesmo de sua residência, parte do imóvel era destinado as atividades familiares e, no andar superior ficavam as salas de aulas, seu quarto e o oratório ao seu Santo de devoção, que era patrono da Escola Santo Antônio. Segundo Dom Roque:

[...] e a professora Dedé Onofre que foi fundadora, segundo ela me disse um dia, ela foi fundada em 1928 entendeu? Ela ainda jovem, tinha um conceito muito grande haja vista, que as figura mais representativa de Cachoeira da sua época passavam por sua escola [...]

Narrativa de: Dom Roque Cardoso Nonato
Entrevista concedida em 07/12/2016- Cachoeira/BA

Desenho arquitetônico da Estrutura da Escola Santo Antônio



Desenho da fachada do prédio onde funcionou a Escola Santo Antônio. Projeto da arquiteta e artista visual Isabela Seifarth 2021.

A Escola Santo Antônio

[...] quando subíamos a escada dobrávamos a esquerda lá no fundo, repito, tinha essa sala onde dava as aulas e tinha um apêndice a essa sala mais no fundo ainda pelo menos uma área, mais ou menos de uns 3 metros pelo comprimento, em todo, a casa dá um seis a sete metros uns 20 metros quadrados, desse apêndice. Onde ela colocava uma área assim para se fazer exercícios, para se fazer um estudo dirigido e um estudo de apoio, era assim a Escola.

Narrativa do Engenheiro José Aluísio Souza de Santana.
Entrevista concedida no dia 26 de maio de 2017.

Planta baixa da escola

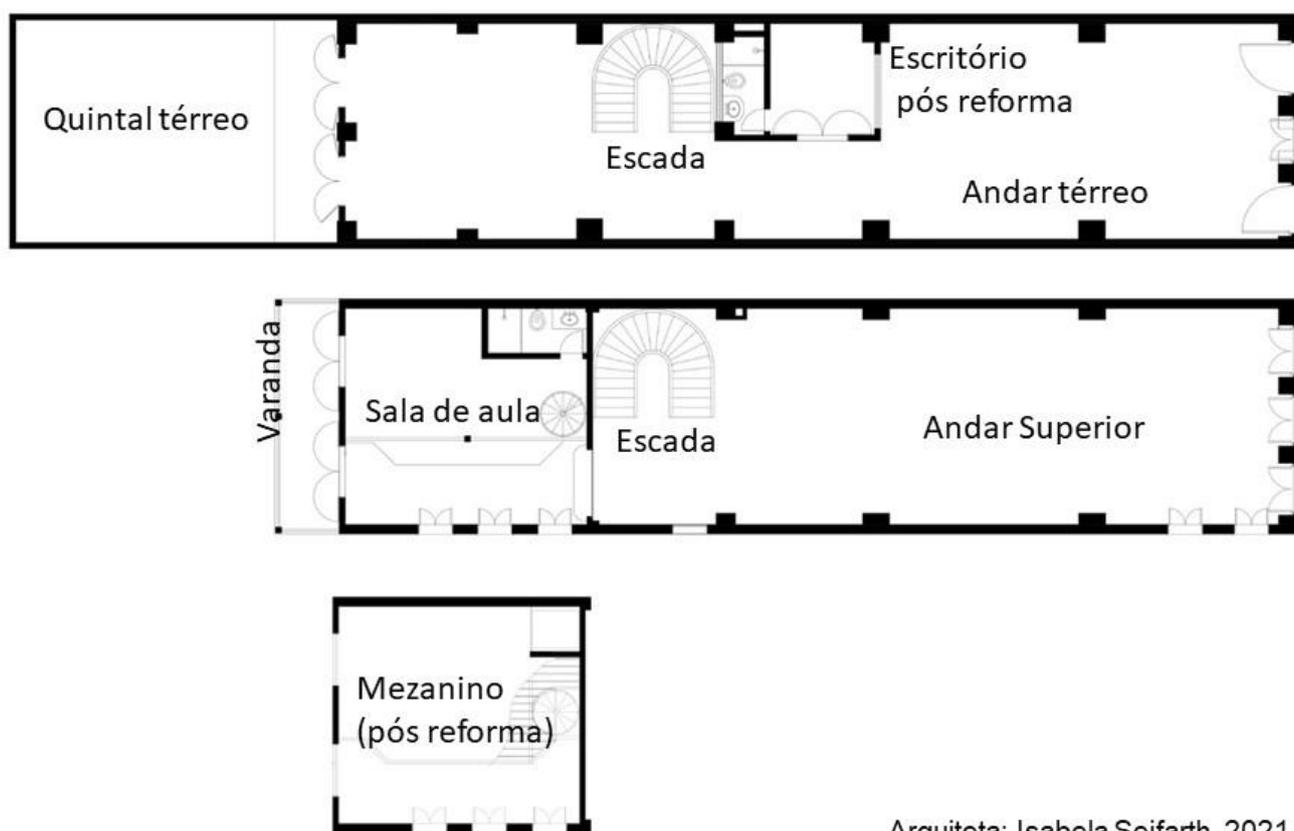


Figura 11 – Croqui elaborado pela arquiteta Isabela Seifarth, segundo as narrativas sobre a parte interna do imóvel onde funcionou a Escola Santo Antônio.

Frente Imóvel onde funcionou a escola

Antes em ruínas



Foto: Acervo IPHAN.

Depois da reforma



Foto: Márcia Schlapp

Figura 12 Imagens fotográficas da parte externa do imóvel onde funcionou a Escola Santo Antônio, em ruínas e após reforma.

Vista lateral do imóvel onde funcionou a escola.



Vista lateral do imóvel, antes (em ruínas).

Foto: Acervo IPHAN.



Vista lateral do imóvel, depois da reforma.

Foto: Márcia Schlapp - 2019



Imagens antigas da Escola Santo Antônio

Achei umas fotos, da escola da minha tia, uma foto que foi feita em frente da Matriz, então, estão meus dois tios, pequeninhos, minha mãe pequenininha também, tia Dulce, todo mundo pequenininho.

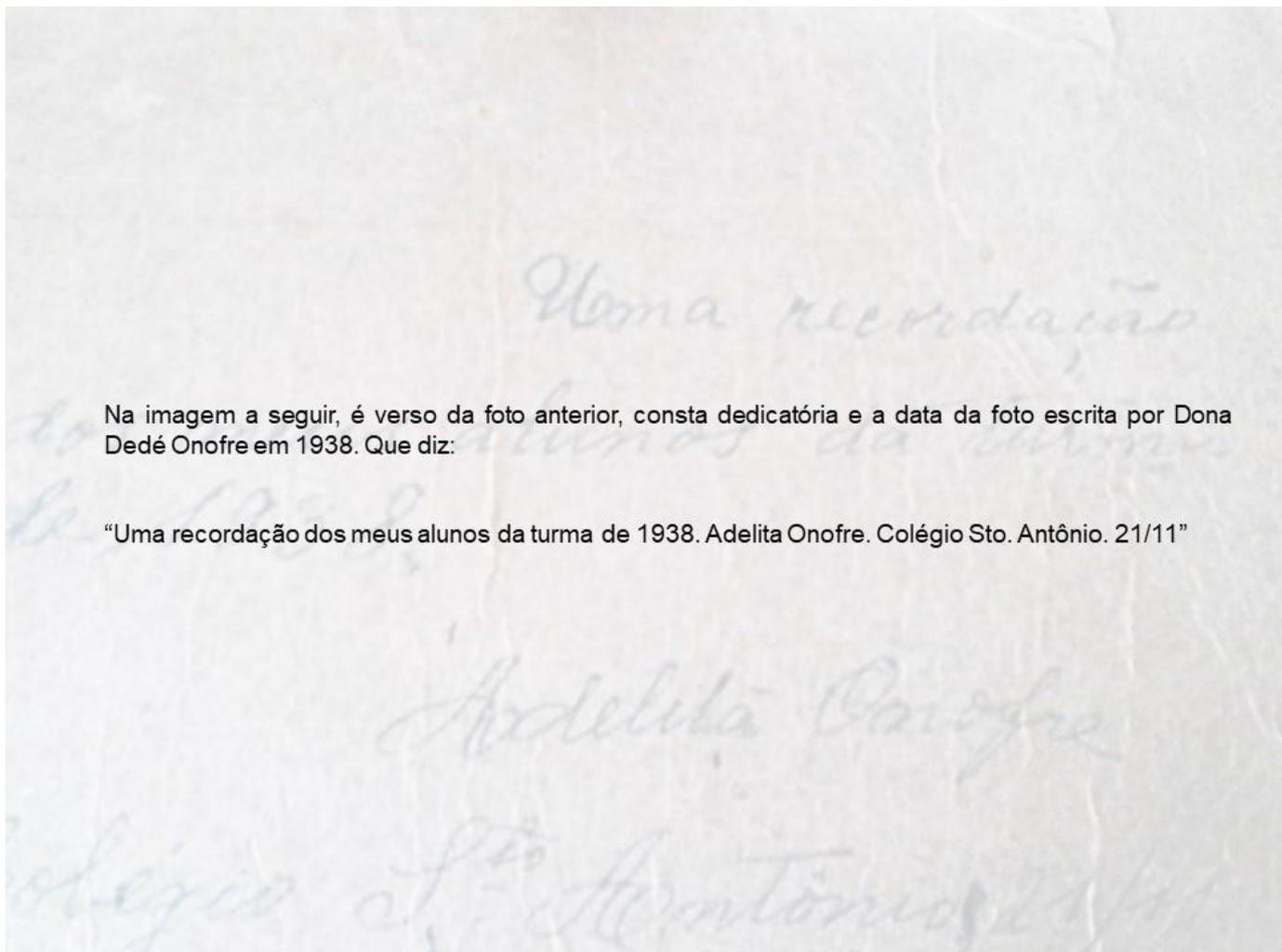
Narrativa de Pedro Lapa Aragão.
Entrevista concedida em 22/11/2016 - Cachoeira/BA.

Fotografia da turma de 1938.



Foto: Autor não identificado. Acervo: Família Onofre.

Figura 15 – Fotografia de 1938 – Dona Dedé e seus alunos em frente da igreja da Matriz em Cachoeira /BA.



Na imagem a seguir, é verso da foto anterior, consta dedicatória e a data da foto escrita por Dona Dedé Onofre em 1938. Que diz:

“Uma recordação dos meus alunos da turma de 1938. Adelita Onofre. Colégio Sto. Antônio. 21/11”

Figura 16 – Verso da fotografia com dedicatória escrita por Dona Dedé Onofre em 1938.

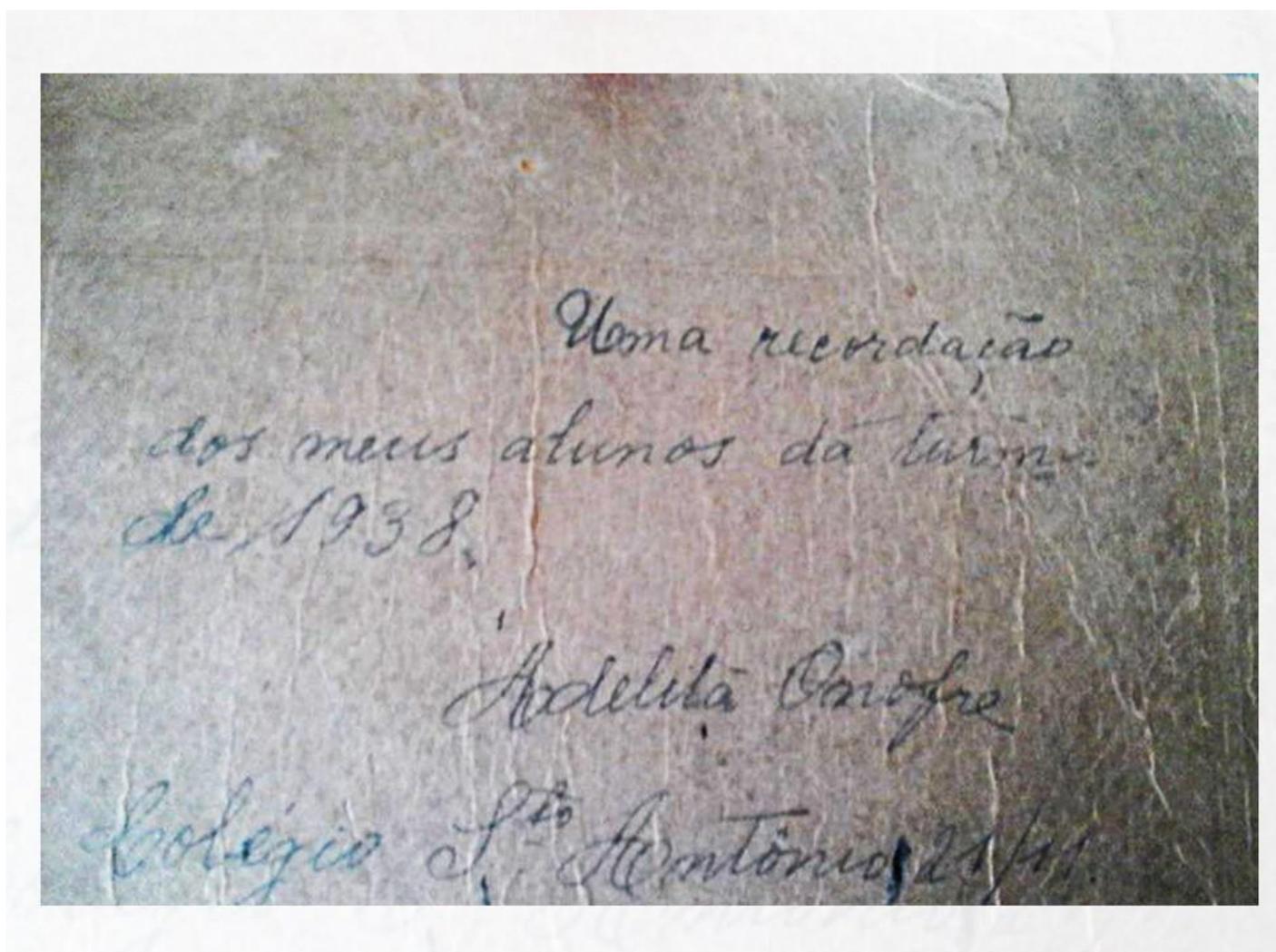


Figura 17 – O verso da fotografia, manuscrita por Dona Dedé Onofre em 1938.

Depoimentos de integrantes do grupo de uma rede social, onde Dona Marta Onofre divulgou de seu acervo particular a fotográfica de 1950, com Dona Dedé Onofre ao centro e estudantes em frente da Igreja da Matriz em Cachoeira/BA

[12:05, 17/01/2022] Marta Onofre: Profa Dedé faz parte da história de Cachoeira. Orgulho da nossa Heróica. 🙌🙌🙌🙌[

12:05, 17/01/2022] Marta Onofre: D.Dedé era austera e de uma dedicação incrível à educação. Todos lhe tinham admiração e respeito.

[12:05, 17/01/2022] Marta Onofre: Justamente! E é para se admirar mesmo e orgulhar-se dela, Martoca! Pessoa ímpar! Doou seus ensinamentos aos seus alunos q até hj guarda o seu nome com td respeito e admiração.

[12:05, 17/01/2022] Marta Onofre: Admirável! Para a época, realmente, se sobressaiu nas atitudes e ensinamentos. Fora isso, a família dos alunos viam-na como a continuação da educação ministrada em sala de aula.

[12:05, 17/01/2022] Marta Onofre: Obrigada, amiga! Qdo o amor é colocado na frente de td, gera td isso. E Profa Dede tinha verdadeiro amor as suas crianças, zelando e ensinando.

12:05, 17/01/2022] Marta Onofre: Td isso tem nome: AMOR!!❤️



Acervo Marta Onofre. Turma de 1950

Figura 19 – Fotografia de 1950 – Dona Dedé Onofre em frente a igreja da Matriz – Cachoiera/BA.

Atividades Culturais na Escola Santo Antônio

As festas da Escola Sto. Antônio ficaram marcadas em seus alunos e alunas, vejam o que diz um dos ex-alunos:

“Era uma competição MARAVILHOSA!!! A noite de Santo Antônio, porque, cada série queria fazer a noite mais bonita. A noite do primeiro ano, do segundo, terceiro, quarto e quinto ano. Cada um, tinha sua decoração mais bonita. Era gente entusiasmada. Muita gente vinha ver. Era muito bonito. Dona Dedé era muito dinâmica”.

Narrativa de Prof^a. Benedita Nascimento Oliveira.
Entrevista concedida em 27/11/2016 - Salvador/BA.

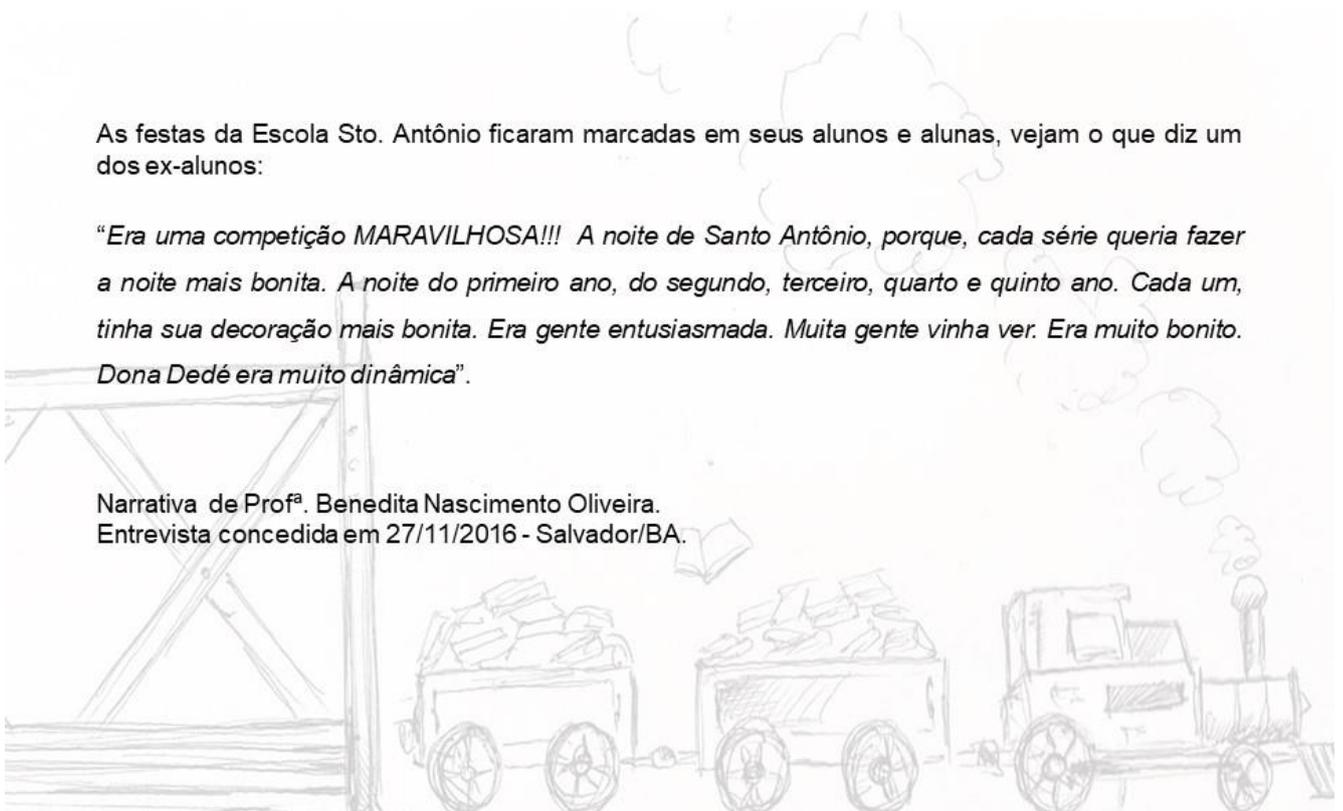


Figura 20 – Narrativa sobre as atividades culturais



Foto: Autor desconhecido.
Acervo: Dona Marta Onofre/21/09/2016

Atividades Culturais na Escola

Alunas da Escola Santo Antônio, em dia de Festa no mês de Setembro, “Rainha da Primavera”, ao centro Dona Marta Onofre e duas amigas.

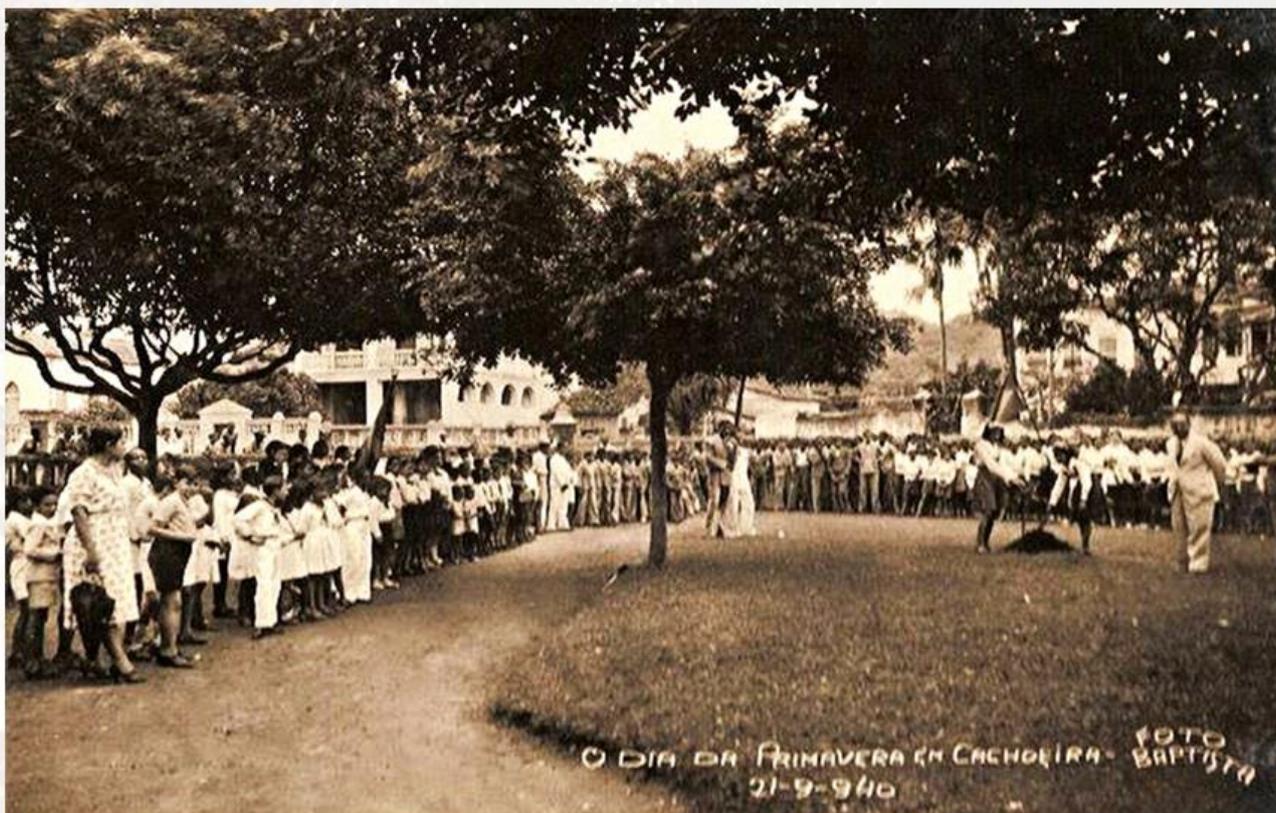
Atividades culturais externas

[...] sim, cantávamos o hino, marchávamos o desfile cívico. Me lembro do 25 de Junho que era um evento com todas as escolas na Rua, todo mundo impecável.

Narrativa de Pedro Lapa Aragão em 22/11/2016 - Cachoeira/BA.

O DIA DA PRIMAVERA EM CACHOEIRA - BAPT
21-9-940

Figura 22 – Transcrição da narrativa sobre as atividades da Escola Santo Antônio



A foto mostra Dona Dedé Onofre, apoiada em um guarda-chuva, com seus alunos em traje de gala, no dia da Primavera. Local da foto: Praça Dr. Milton. 1940. Autor desconhecido. Acervo Eivaldo Brito.

Desfile Cívico onde também participava a escola



Figura 24 - Fotografia do 25 de junho

Fotografia de 1937. Evento externo, da Escola Santo Antônio.

Dona Dedé Onofre nas Comemorações do 25 de Junho, com a jovem estudante portando o estandarte da Bandeira do Brasil. E, os gêmeos, seus sobrinhos de mãos dadas com ela.

Fotografia, acervo particular de Dona Marta Onofre.

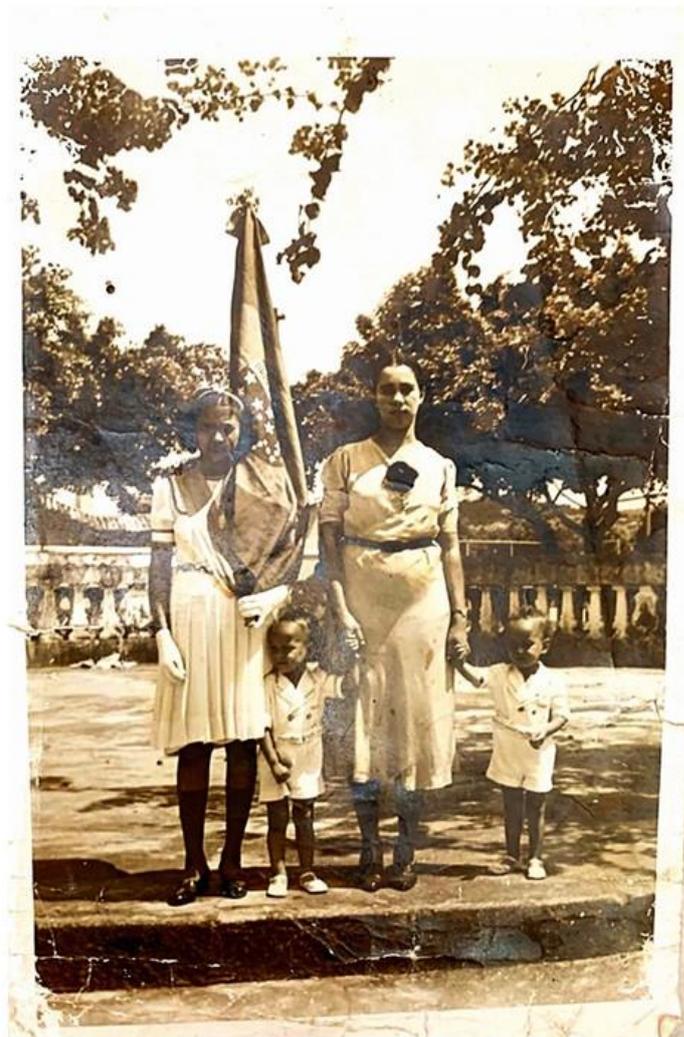


Figura 25 - Fotografia Dona Dedé Onofre atividade externa em 1937.

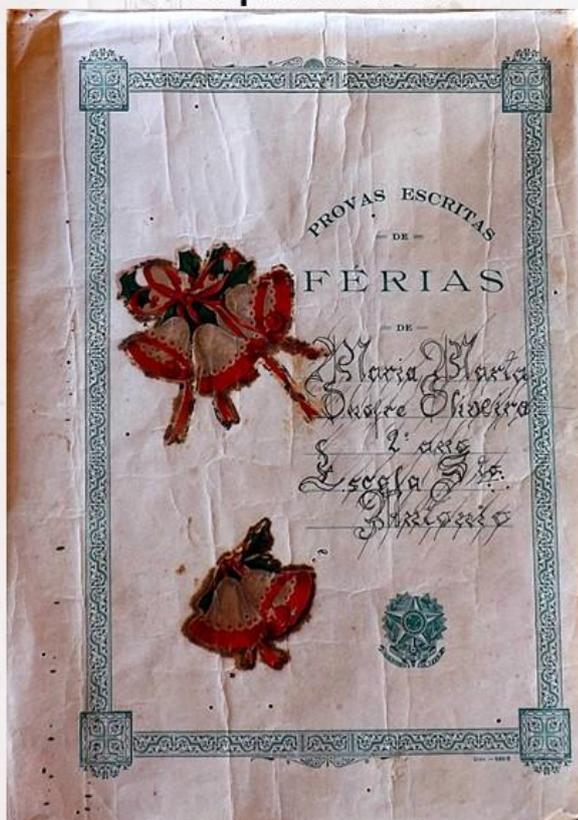
Material Didático

[...] tem outra coisa também, eu me lembrei, que no final do ano, todo fechamento do ano Dona Dedé preparava as capas, onde tinha dentro as provas os resultados e essas capas eram bordadas por ela mesma, ela bordava as capas Eram capas de cartolina onde colocava-se figuras, rodeadas de purpurina dourada, ela gostava muito de purpurina dourada e essas capas eram lindas, feitas por ela, onde ela de mão, fazia um escrito que tivesse que ser de umas letras bonitas, de umas letras modelares, era um tipo de modelo que ela tinha, ela se esmerou num tipo de modelo, tinha uns puxados assim: Escola Santo Antônio, e sempre bordada. Então isso era muito bonito!

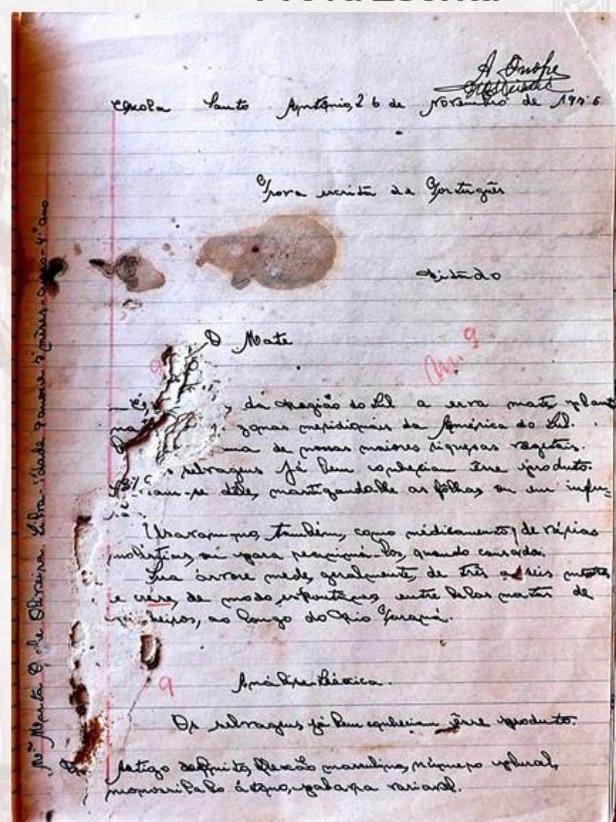
Narrativa do Eng. José Aluísio Souza de Santana. Entrevista concedida em 26/05/2017 – Cachoeira/BA

Figura 26 - Transcrição da narrativa sobre os materiais didáticos da Escola Santo Antônio.

A Capa bordada



Prova Escrita



Acervo Maria Marta Onofre.

Figura 27 - Fotografia do original - Prova de final de ano.



Ah! Eram os melhores que existiam na época!!! Não me esqueço nem o nome do autor: Olga Pereira Mettig. Livro de Gramática e Aritmética também de Olga Pereira Mettig Editora do Brasil.

Narrativa do Prof^o. Estelino José Reis. Entrevista concedida em 27/11/2016 – Salvador/BA
Estes foram os livros citados nas entrevistas

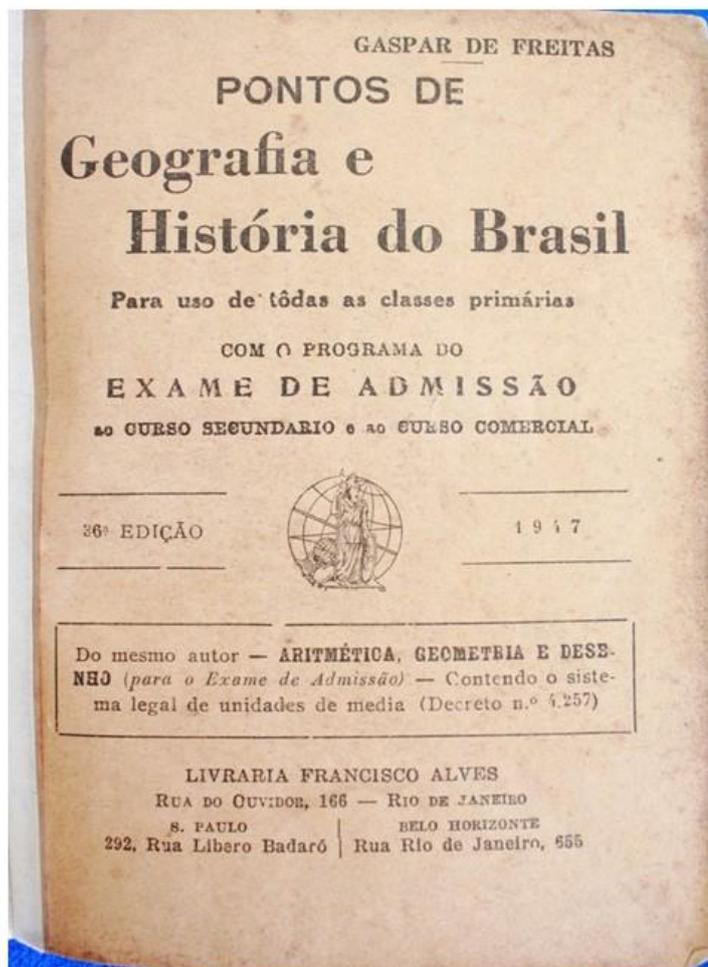
Figura 28 - Transcrição da narrativa sobre os livros didáticos

Material Didático



Figura 29 - Capas dos livros didáticos utilizados na Escola Santo Antônio. Autoria da cachoeirana Olga Meeting.

Material Didático



Geografia e História. Geografia nos acompanham desde a hora que acordamos até a hora de dormir durante as 24hs você está olhando a natureza. E, História porque são fatos. História com H, eu fico empolgada. Estudei um "livrozinho" que tinha História e Geografia de Gaspar de Freitas.

Narrativa de Benedita Nascimento Oliveira.
Salvador - 27/11/2016.

Figura 30 - Capa do livro didático de Geografia e História do Brasil utilizado para os estudantes para o curso de Admissão.

Mulheres do Tempo

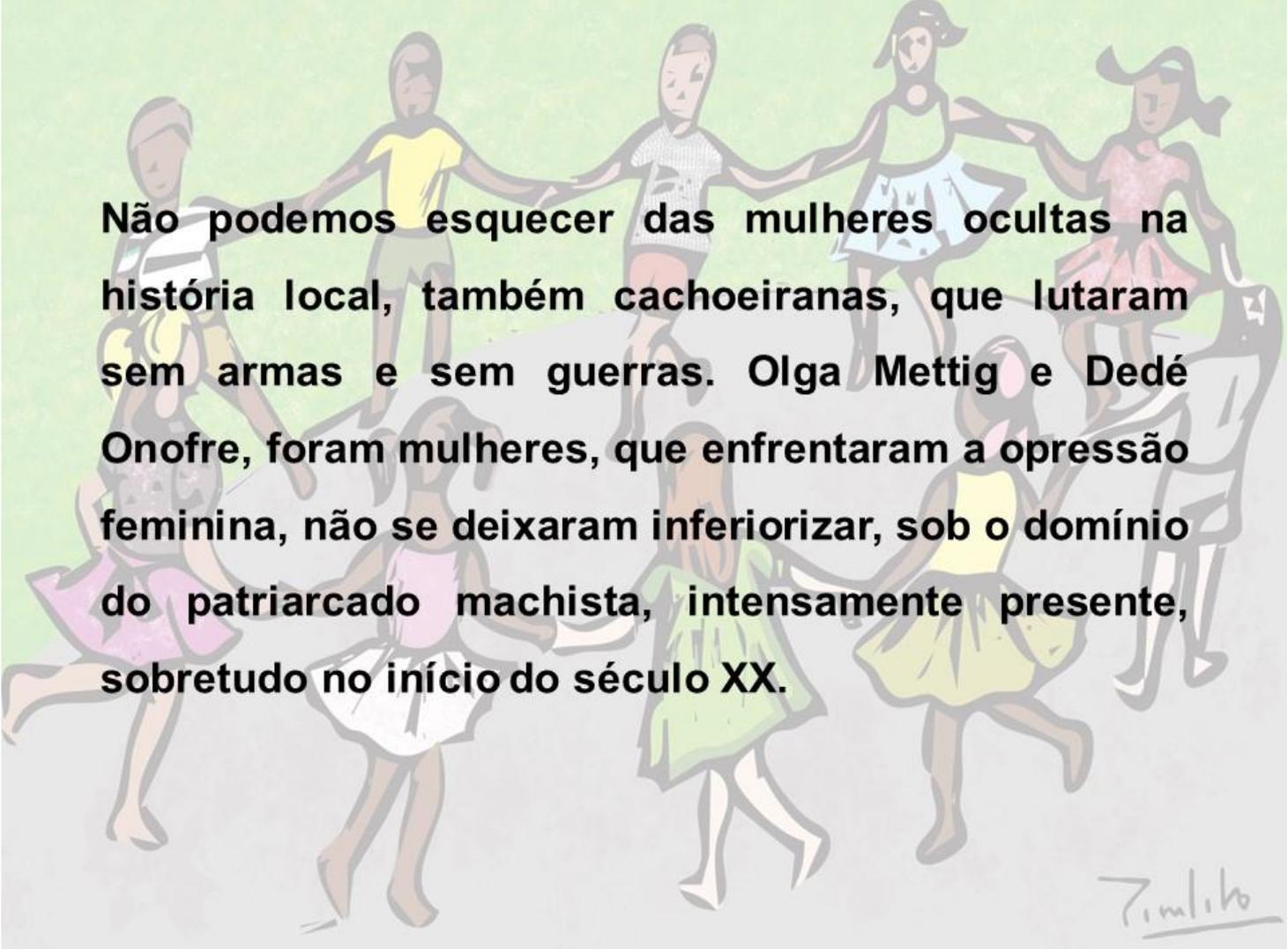


Maria Quitéria (1792 – 1853)

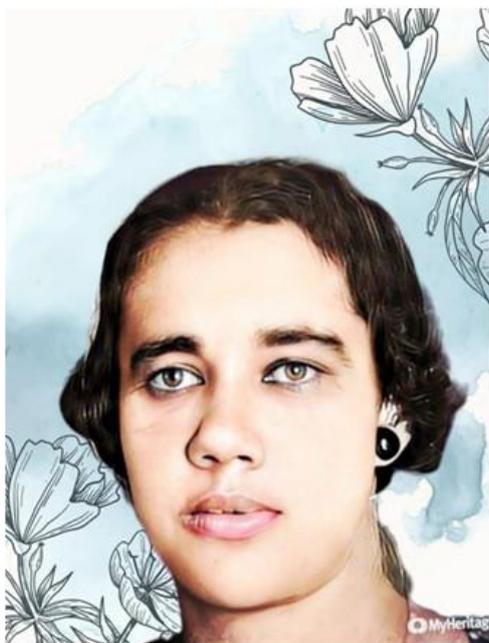


Ana Neri (1814 – 1880)

Sabemos da força de Maria Quitéria e de Ana Neri, elas deixaram suas marcas na História de Cachoeira e do Brasil, lutaram nas guerras em prol da Independência, por um país melhor.



Não podemos esquecer das mulheres ocultas na história local, também cachoeiranas, que lutaram sem armas e sem guerras. Olga Mettig e Dedé Onofre, foram mulheres, que enfrentaram a opressão feminina, não se deixaram inferiorizar, sob o domínio do patriarcado machista, intensamente presente, sobretudo no início do século XX.



Dedé Onofre (1905 – 1980)



Olga Metting (1914 – 2004)

Olga Metting escreveu os livros didáticos, já mencionados nesse trabalho. Dedé Onofre, inaugura a Escola Santo Antônio. Duas mulheres educadoras que defenderam suas ideologias diante de uma sociedade que exigia que a mulher fosse obediente e do lar. Agregaram importância ao cenário local, na educação e na força das mulheres baianas.

Conclusão

Através dessas entrevistas, conseguimos destacar a importância da memória histórica contida nas narrativas sobre a experiência vivida dos entrevistados com relação à Dona Dedé Onofre e a Escola Santo Antônio, fica evidenciado que a educadora produziu marcas significativas, no sentido do processo de aprendizagem

Dona Dedé foi um arauto da educação aqui em Cachoeira, ela tem espalhado por aqui pela Bahia, pelo Brasil quiçá pelo mundo, pessoas que já deram e continuam dando contribuição ao mundo.

Narrativa do Eng. José Aluísio Souza de Santana. Entrevista concedida em 26/05/2017 – Cachoeira/BA

Os entrevistados



Prof.º Pedro Lapa
Aragão Entrevista:
22/11/2016.
Cachoeira/BA

Cursou o Magistério e atualmente mora na França e trabalha no comércio de pedras preciosas



Prof.ª. Maria Marta Onofre
Entrevista: 27/11/2016.
Salvador/BA

Na data da entrevista, informou que se formou no Magistério e aposentou como Contadora.



Prof.º. Dom Roque
Cardoso Nonato
Entrevista: 07/12/2016
Cachoeira/BA

Na data da entrevista, continuava na direção do Educandário Paroquial a Jesus por Maria escla fundada por ele, na cidade de Cachoeira/BA.



Eng.º. José Aluísio Souza
de Santana.
Entrevista: 26/05/2017

Na data da entrevista, já estava aposentado como Engenheiro Elétrico.

Figura 35 - Os entrevistados

Os entrevistados



Prof. Dr. Luiz Cláudio Dias do Nascimento (Cacau Nascimento)

Entrevista: 15/05/2017. Cachoeira/BA

Na data da entrevista, estava na ativa como professor no Colégio Estadual de Cachoeira e na Escola Rômulo Galvão.



Prof. Estelino José Reis.

Entrevista: 27/11/2016 – Salvador/BA.

Na ocasião da entrevista, informou que se formou em Matemática, mas se aposentou como Policial Rodoviário, sem nunca ter abandonado a docência

Prof.ª Benedita Nascimento Oliveira.

Entrevista: 27/11/2016 - Salvador/BA.

Na ocasião da entrevista, já aposentada como professora de Geografia.

Prof. Estelino e Prof.ª Benedita, estão casados há muitos anos. e o casal se conheceu na Escola Santo Antônio, enquanto estudantes.

Figura 36 - Os entrevistados

FICHA TÉCNICA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Mestrado Profissional em História da África, da
Diáspora e dos Povos Indígenas
Antônio Liberac

Professora Orientadora
Solyane Silveira Lima

Co-Orientador
Sérgio Armando Diniz Guerra Filho

Pesquisa, Planejamento, Concepção, Projeto Curatorial
e Projeto Expográfico
Márcia Schlapp

Fotografia
Márcia Schlapp

Produção
Richard Russo

Locução
Rubem Júnior



Reprodução de fotografia: Desenho de Dona Dedé Onofre com cerca de 30 anos de idade, retratada pelo artista plástico Pirulito. 2020.



Agradecimentos

Marta Onofre, Cacau Nascimento, Dom Roque, Richard Russo, Pedro Aragão (Pingote), Profº. Carneirinho, Gabriel Russo, Erivaldo Brito, Eraldo Júnior(Pirulito), Douglas Júnior, Dona Mel (minha mãe), Marilda, Rosário, Irlana Menas, Gepheg, Antonia Pereira, Rita Dias, Wellington Figueiredo (Lilito), Estelino Reis, Rubem Ramos, Wilson Badaró, Benedita Oliveira, Cristiane Oliveira, Antônio Moraes, Romário Gomes, Aluísio Santana, Arquivo Público de Cachoeira e todos àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para o resultado dessa pesquisa. Agradeço mais uma vez, Dona Dedé Onofre, por sua vida dedicada à educação das crianças.

Márcia Schlapp

Figura 39 Agradecimentos. Imagem colorida por Márcia Schlapp 2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? In. SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX**. Campinas/SP. (Autores Associados), 2014.

ALMEIDA, Jane Soares. **O legado educacional do século XX no Brasil. Mulheres na educação, missão, vocação, destino?** Campinas/SP: Autores Associados [et al.] 2014.

ALMEIDA, Jane Soares. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Dermeval Saviani [et;al.] Campinas/SP. 2014.

ANDRADE, Manoel Ribeiro; NASCIMENTO, José Uesele Oliveira. Por Uma Nova História: Outros Objetos, Domínios e Abordagens Historiográficas no Ensino de História. In: **9º Encontro de Formação de Professores (ENFOPE) Edição Internacional / 10º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional (FOPIE)**, 2015, Aracaju. Estado, Escola e Sociedade na Perspectiva da Internacionalização: desafios das políticas públicas docentes nos planos de educação. 2015. v. 8. p. 1-13.

AZEVEDO, PO. Recôncavo: território, urbanização e arquitetura. In: CAROSO, C., TAVARES, F., and PEREIRA, C., orgs. *Baía de todos os santos: aspectos humanos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 222.

BARROS, José D'Assunção. A Escola dos Annales - considerações sobre a história do Movimento. **Revista História em Reflexão - Revista Eletrônica**, v. 4, p. 1-29, 2010.

BENTIVOGLIO, Julio. História e Hermenêutica: A compreensão como um fundamento do método histórico – percursos em Droysen, Dilthey, Langlois e Seignobos. **OPSIS**, v. 7, n. 9, p. 67-80, mar. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9329>>. Acesso em: 12 Mai. 2021.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BOMFIM, Márcia Virgínia Pinto, **A rede urbana do Recôncavo Baiano e seu funcionamento técnico**. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006 119 f.: il.

BORDIEU, Pierre. **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BORGES, Vany P. Fontes Biográficas: Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CARDOSO, C. F. S. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. In: CARDOSO, C. F. S.; VAINFAS, R. (Org.). **Novos domínios da História**. 1. ed. São Paulo: Campus Elsevier, 2011. p. 15.

CARR, Edward Hallet. O Historiador e seus fatos. In: CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed. 1982.

CASCO, Ana Carmem Amorim Jara. Sociedade e educação patrimonial. **Iphan - 1º Encontro Nacional de Educação Patrimonial realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) - 12 a 17/09/2005**. São Cristovão/Sergipe.

CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes. **Introdução ao pensamento sociológico**. 18. Ed. São Paulo, Centauro, 2005.

CASTRO, H. M. M.. História Social. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. (Org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 1ed. Rio de Janeiro: CAMPUS, 1997.

CASTRO, Mônica Rabelo; FERREIRA, Gieselle; GONZALEZ, Wania. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2013.

COSTA, F. A. da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 3, n. 6, p. 434 -452, 12 set. 2018.

CUNHA, Lídia Nunes. História da Educação do Negro e outras histórias/Org.: Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **A população negra nos conteúdos ministrados no curso normal e nas escolas públicas primárias de Pernambuco, de 1919 a 1934** – Brasília: MEC. 2005, p.222.
CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DOSSE, François. A História em Migalhas. **Dos Annales à Nova História**. Bauru: Edusc, 2003.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. 2009, v. 19, n. 4 pp. 1051-1065.

FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da liberdade**. História de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: GINZBURG, Carlo et al. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GODOY, Solange Sampaio de. **Planejamento de Exposições / Museums and Galleries Commission**; tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. – (Série Museologia, 2).

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Museóloga, Doutora em Museologia pela Universidade de Leicester, UK. Diretora do Museu Imperial, IPHAN, Ministério da Cultura. **Conceitos de Educação Patrimonial**. Artigo.

http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf Acessado em 10/01/2021.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie, SANTOS Lucy Woellner dos. **Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional**. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf> Acesso em: 14 de set. 2020.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. – 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v1, n°1 jan./jun. 2001.

LOPES, Elaine Marta Teixeira, FARIA Filho., Luciano Mendes de, VEIGA, Cyntia Greive. **500 anos da educação no Brasil**. (org.) - 5ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. História das Mulheres no Brasil. **Mulheres na sala de aula**. Mary Del Priore (org.) 10º Ed. 2º reimpressão. São Paulo. Editora Contexto, 2013. p.444.

LUZ, José Augusto Ramos da. **Caminhos da educação na Bahia**. Capa Jace Carvalho. – Feira de Santana: UEFS Editora, 2019, pp. 65 – 91.

MARQUES, Reinaldo. **Memória Literária Arquivada**. Aletria – v. 18 – jun.-dez. – pp. 105-119, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe e SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MIGNOT, Ana Chrystina V; CUNHA, Maria Teresa S. (org.). **Práticas de Memória Docente**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo. Editora Ática S.A., 1992.

NUNES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade**. Salvador: Arcádia, 2002.

OLIVEIRA BARBOSA, Maria Ligia de QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos**: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995

PIANA, M. C.. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PIANA, M. C.. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro., vol. 5., nº 10, 1992, p. 200-212.

REIS, João José Reis. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835** (3a edição revista). 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. n. 4, 1993, pp. 15-30.

ROCHA, Sabrina Magalhães (2010). **Lucien Febvre, Marc Bloch e as ciências históricas Alemães** (1928-1944). f. 163. (Dissertação de Mestrado). Ouro Preto: UFOP.

RODRIGUES, Lucas – **Todos pela educação – Classes Multisseriadas**.

SAVIANI, Dermeval. Organização da educação nacional: sistema e conselho nacional de educação, plano e fórum nacional de educação. **Educação & Sociedade** [online]. 2010, v. 31, n. 112, pp. 769-787.

SCHMIDT, B. B.. **Biografia e regimes de historicidade**. Métis (UCS), Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 57-72, 2003.

SCHMIDT, B. B.. História e biografia. In: Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso. (Org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

STEPAN, N. L.. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Traduação Lólio Lourenço Oliveira. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1992, p.146

VEIGA, Cintia Greive. **História da Educação** – São Paulo. Ática 2007.

VEIGA, Cintia Greive. História da educação dos negros no Brasil / Marcus Vinícius Fonseca; Surya Aaronovich Pombo de Barros (Orgs.). **Promiscuidade de cores e classes”: tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira**. Niterói: EdUFF, 2016, p.271.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História** [online]. v. 23, n. 45, 2003 , pp. 37-70.

WARDE, Miriam Jorge. **O professor leigo. Até quando?** Em Aberto, periódico de divulgação técnica do Ministério da Educação - MEC, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP. Brasília/DF. Ano 5, out/dez. 1986.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto e PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista** [online]. n. especial 2, 2010, pp. 259-276.

FONTES HISTÓRICAS E DOCUMENTOS CONSULTADOS

BRASIL, Decreto-Lei 4.244 – de 9 de abril de 1942 - Lei orgânica do ensino secundário. Título II – Capítulo V – Art. 31 – 33.

BRASIL, LEI Nº 4.121, DE 27 DE AGOSTO DE 1962.

BRASIL, LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827.

BRASIL, LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – Disponível em:

<<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/108164/lei-de-diretrizes-e-base-de-1961-lei-4024-61>>. Acessado em 06 abr.2021.

ENTREVISTADOS

Profº. Pedro Lapa Aragão - 22/11/2016. Cachoeira/BA.

Profº. Stelino José Reis - 27/11/2016 – Salvador/BA.

Profª. Benedita Nascimento Oliveira - 27/11/2016 - Salvador/BA.

Profª. Maria Marta Onofre - 27/11/2016 – Salvador/BA.

Profº. Roque Cardoso Nonato - Dom Roque. - 07/12/2016 - Cachoeira/BA.

Mst. Profº. Luiz Cláudio do Nascimento (Cacau Nascimento) 15/05/2017.
Cachoeira/BA.

Engº. José Aluísio Souza de Santana – 26/05/2017 - Cachoeira/BA